

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**

HOMEOPATIA X ALOPATIA CONFRONTO E LEGITIMAÇÃO

JOSÉLIA BARBOSA DE OLIVEIRA

**RECIFE
1991**

JOSÉLIA BARBOSA DE OLIVEIRA

H O M E O P A T I A x A L O P A T I A

CONFRONTO E LEGITIMAÇÃO

R E C I F E

1991

JOSÉLIA BARBOSA DE OLIVEIRA

H O M E O P A T I A x A L O P A T I A

CONFRONTO E LEGITIMAÇÃO

Dissertação apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em Antrop
pologia da Universidade Federal
de Pernambuco como requisito
parcial para a obtenção do Grau
de Mestre em Antropologia.

Orientador: RUSSEL PERRY SCOTT

Co-Orientadora: MARIA DO CARMO VIEIRA

R E C I F E

1991

CPD PE000009372 LOCAL BC
REG 91/021298C
CHM 39/048H//TESE/BC
OBS EMPR/PROIBIDO

A Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA FOLIO AL
CIDADE RIVERIA
50000, Recife - Pernambuco - Brasil

2129 10/10/91 P1U

PE-00000937-2

ACERVO: 169025

lv 06

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

H O M E O P A T I A x A L O P A T I A

BANCA EXAMINADORA:

Recife, de de 1991 .

ESTA PESQUISA FOI REALIZADA COM O
APOIO DO "CONCURSO DE AUXÍLIO PARA PESQUISA DAS REGIõ
õES NORTE E NORDESTE DO BRASIL DA ANPOCS COM RECUR -
SOS DA FUNDAÇÃO INTERAMERICAN", AO QUAL EXTERNO MEUS
AGRADECIMENTOS .

A G R A D E C I M E N T O S

Ao Prof. Russel Perry Scott, meu orientador que com muita paciência e sabedoria, introduziu-me na sen da da pesquisa antropológica.

À Profa. Maria do Carmo Vieira, minha co-o rientadora por ter contribuído para a consecussão deste trabalho, com suas sugestões bibliográficas e críticas.

À Profa. Madel Terezinha Luz, que numa lei tura prévia do esboço do trabalho, fez sugestões e críti cas estimulantes.

À Profa. Gizélia Potengi que com suas suges tões de leituras possibilitou a escolha metodológica por mim adotada.

A todos os demais professores do mestrado em Antropologia, que de alguma forma me auxiliaram na constru ção dessa pesquisa.

Ao Professor Armando Hermes Ribeiro Samico
mestre e amigo, por ter acompanhado e insertivado a minha
caminhada acadêmica.

À Professora Helena Caúla Reis, pelo cari-
nho e a amizade com que sempre me honrou, contribuindo sem
pre com sua orientação em todas as etapas de minha vida a-
cadêmica e em especial na revisão de português dos manus -
critos desta dissertação.

À amiga Mariluce Caldas que com muita dedi-
cação e presteza datilografou este trabalho.

Aos meus filhos Athos e José de Arimatea dos
quais roubei muitas horas de convívio, durante os anos em
que cursei este mestrado.

S U M Á R I O

PÁGINAS

RESUMO

1 .	INTRODUÇÃO	001
2 .	"CAMPO-MÉDICO" - CENÁRIO PARA UM CON- FRONTO.....	009
3 .	METODOLOGIA	017
4 .	HOMEOPATIA X ALOPATIA	028
4.1	A IMPLANTAÇÃO DA HOMEOPATIA NO BRASIL POLARIZA O "CAMPO-MÉDICO" ..	028
4.2	TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS REDIMENSIO- NAM O CONFRONTO.....	058
4.3	ARTICULAM-SE NOVAS TÁTICAS EM BUSCA DA HEGEMONIA	063
4.4	OS ENTREVISTADOS E SEUS DISCURSOS ..	068
4.4.1	A IDEOLOGIA MÉDICA HOMEOPÁ- TICA	073
4.4.2	A IDEOLOGIA MÉDICA ALOPATA	105
4.5	OS CAMINHOS DA LEGITIMAÇÃO	129
5 .	CONCLUSÕES	138
6 .	NOTAS EXPLICATIVAS	145
7 .	ANEXOS	161
8 .	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	163

R E S U M O

A medicina, aqui considerada como campo de forças onde está concorrendo num polo o interesse dos médicos homeopatas (agentes dominados) e noutro o interesse dos médicos alopatas (agentes dominantes) apresenta, atualmente, uma crise que se revela também na relação entre alguns de seus profissionais, expressada numa "nova" ideologia que procura se impor.

A análise do "campo médico" em dois momentos históricos: período de 1845 a 1854 e contexto atual, com o objetivo de clarificar a sua estrutura e as estratégias usadas pelos médicos alopatas e pelos homeopatas para fazer valer seus interesses no interior do "campo", revelou que existe uma dinâmica nas relações daqueles dois grupos visto que ocorreram mudanças na estrutura do campo e nas estratégias utilizadas num e noutro momento histórico.

Ao término da pesquisa, a autora conclui que há um conflito entre alopatas e homeopatas, muito sutil, onde as divergências são apenas de cunho ideológico, diferentemente do que ocorreu no primeiro momento histórico onde os grupos em confronto iam, em sua luta, até as últimas consequências.

A análise do fenômeno no contexto atual revelou

que o "campo médico" continua sofrendo transformações e a
presentando uma dinâmica que promete mais mudanças, para
breve, principalmente nas relações homeopátia x alopátia dentro
dos cursos de medicina da Universidade brasileira.

1. INTRODUÇÃO

A medicina apresenta atualmente um quadro revelador de "crise", ensejando a emergência, embora tímida, de toda uma nova postura por parte de alguns membros do "campo médico", que, inclusive, já podem dispor de um mercado específico, formado por clientes que buscam terapêuticas alternativas. Uns porque adotaram uma visão de mundo holística/naturalista; outros porque estão descontentes com a atual performance dos médicos.

Esta nova postura envolve a aceitação e até a prática de terapêuticas até então consideradas apenas como de valor "folclórico" ou mesmo sem qualquer valor pela quase totalidade dos médicos.

Em virtude dessas circunstâncias, hoje em dia, em qualquer país do mundo, convivem dois sistemas de medicina, um oficial, outro paralelo (Laplantine & Rabeiron, 1989), no seio do qual estão abrigadas as medicinas ditas populares, como também diversos sistemas que não são passíveis de se enquadrarem na "Medicina Oficial"⁽¹⁾, por serem portadores de um conhecimento e prática não condizentes com a ideologia daquele grupo (Medicina Oficial).

Países de tradição milenar (orientais) como a China e a Índia possuem uma ciência médica muito complexa e bem organizada (Filosofia Taoista, Filosofia Vedanta) que, ao entrar em contato com a medicina ocidental, encontrou uma forma de reorganizar os seus sistemas tradicionais e/ou populares, sem

marginalizá-los, funcionando de forma integrada (Bannerman e col., 1983; Landy, 1977).

Esta integração, no entanto, não ocorreu nos países ocidentais onde se deu a chamada revolução vital⁽²⁾ (diminuição das taxas de mortalidade por doenças infecto contagiosas e aumento das perspectivas de vida)⁽²⁾, a qual levou a uma crescente marginalização das demais formas alternativas de tratar. (Singer e col, 1978).

A França, por exemplo, conta com aproximadamente 50.000 terapeutas "não médicos" (marginalizados) que atendem 1 (um) em cada 2 (dois) franceses, dividindo o mercado que demanda os serviços de saúde, meio a meio com os representantes da "Medicina Oficial". Nesse mesmo país, um em cada quatro médicos utiliza, de maneira exclusiva ou associada, as terapias não oficiais (Laplatine e Rabeyron, 1980).

Laplatine e Rabeyron (1980) apontam uma extrema divisão no seio da medicina francesa - os que apoiam o uso das terapias marginalizadas (religiosa, popular, oriental, homeopática, etc.) e os que as condenam.

No Brasil, o fenômeno também ocorre mas em proporções muito menores, pois o número de médicos que admitem em sua prática profissional a utilização das terapêuticas alternativas, em relação ao total dos médicos em ação, é desprezível⁽³⁾.

Landman (1979, 1982, 1983, 1984, 1985 e 1989), numa série de trabalhos e livros publicados, manteve como seu tema principal, uma crítica veemente à medicina sobre os mais diversos aspectos (social, político, ético e jurídico), traçando um exato perfil da "crise" vivida pela medicina, no Brasil.

Este seu posicionamento resultou em dois processos no Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro, relacionados com o que escreveu nos seus livros: "Medicina não é Saúde" e "Evitando a Saúde e Promovendo a Doença". (Títulos bastante sugestivos, por sinal).

Entretanto, no seu livro mais recente "As Medicinas Alternativas: Mito, Embuste ou Ciência? (1989), passa a defender a medicina contra os "embustes" e progressos das terapias não médicas, lançando contra as terapêuticas alternativas diversas acusações, principalmente contra a homeopatia, tentando demolir, de forma cabal, as "pretensões" da mesma a foros de ciência médica, acusando-a de afim com a doutrina nazista e de possuir componente metafísico, impossível de corroborar cientificamente. (Landmann, 1988, p. 67).

Também em Recife, de maneira similar ao que ocorre em todo o Brasil, como no mundo ocidental de um modo geral, a "Medicina Oficial" convive com as terapias menos ortodoxas possíveis (Scott, 1987).

Os simpósios do Mestrado de Antropologia, "Sistemas de Cura I" e "Sistema de Cura II", tornaram evidente a existência de um número razoável de terapêuticas não oficiais as mais diversas ao lado das especialidades da "Medicina Oficial" (op. cit.)

No simpósio "Sistemas de Cura I" estiveram representados praticamente todos os tipos de terapias utilizadas naquela cidade:

- 1) a cura no âmbito médico;
- 2) a cura psiquiátrica;

3) a cura religiosa e

4) a cura na tradição popular (op. cit.)

A preocupação e a curiosidade com relação a essas terapêuticas, sempre envolvidas por um certo mistério, tem motivado muitas pesquisas na área antropológica, enfocando principalmente seus aspectos folclóricos e simbólicos.

A autora, ao tomar conhecimento de alguns trabalhos de pesquisa relacionados ao tema, também se sentiu motivada a enveredar pelo mesmo.

Tendo em vista que a maioria dos trabalhos conhecidos vinham privilegiando os "não médicos"⁽⁴⁾ como objeto de estudo, a autora pensou que seria interessante escolher os médicos para tal fim, mais especificamente aqueles que tivessem optado por utilizar em suas práticas, saberes oriundos da ^{acun-}~~(am)~~ puntura, fitoterapia e homeopatia.

Entretanto, a necessidade de limitar mais seu objeto de estudo fez com que a escolha metodológica recaísse sobre a homeopatia, ou seja, escolheu para pesquisar, médicos que utilizassem a terapêutica homeopática, porque esses médicos possuem a característica de terem recebido uma formação universitária, inicialmente dentro de uma "medicina alopata"⁽⁵⁾, mas fizeram sua especialização em homeopatia.

Estes profissionais (os médicos homeopatas), portanto, participam dos dois sistemas terapêuticos, a homeopatia e a alopatria, tanto por formação como por vivência, dado que, na maioria das vezes, utilizam concomitantemente os dois sistemas: no consultório particular são homeopatas, nos empregos públicos são alopatas, quando nesses empregos são impedidos de utilizarem a terapêutica homeopática.

Por outro lado, alguns dentre esses profissionais, costumam utilizar, ao mesmo tempo, outras práticas como a acupuntura e a fitoterapia.

Foi considerando esses aspectos de sua prática profissional que os homeopatas foram escolhidos para este estudo.

Além do mais, foi relevante para a escolha, que os homeopatas poderiam prestar informações muito reveladoras das ambiguidades e conflitos que permeiam a prática da medicina nos dias atuais, por ser a homeopatia, uma especialidade de certa forma marginalizada pela "Medicina Oficial".

Por outro lado, os homeopatas entrevistados, mesmo sendo a homeopatia considerada "prática não científica", seriam médicos diplomados em Faculdades de Medicina oficiais ou reconhecidas como tal pelo Ministério da Educação, onde os médicos alopatas⁽⁶⁾ estão em maioria absoluta. (Landmann, 1989, refere a proporção de 1% de homeopatas para o total de médicos do Brasil).

O objetivo geral da pesquisa foi estudar e compreender a "crise" que ocorre na medicina, através da análise das relações entre médicos homeopatas e médicos alopatas.

Como a pesquisadora não detinha conhecimento prévio sobre a origem e história da homeopatia e como este conhecimento se mostrava importante para a elaboração das entrevistas, o trabalho teve início com leituras relacionadas àqueles temas. O referido estudo foi feito utilizando-se fontes secundárias, já que o objetivo da pesquisa não era fazer um estudo histórico-social da homeopatia e sim obter subsídios para a abordagem dos agentes (médicos homeopatas).

O estudo em causa revelou um aspecto muito interessante, o confronto havido entre os dois grupos por ocasião da introdução da homeopatia no Brasil e também em Recife, tornando-se impressindível até para a análise e compreensão do fenômeno como ocorre hoje em dia.

Por este motivo, foi incluído neste estudo um capítulo sobre o confronto havido no século passado, esclarecedor de muitos aspectos que seriam abordados nos capítulos seguintes.

Essa inclusão teve o objetivo de possibilitar a observação da dinâmica que tem caracterizado as relações entre aqueles dois grupos de agentes, apontando assim, prováveis mudanças.

No presente estudo, foi enfatizada a dimensão "ideológica" ou "simbólica" do tipo de relação estudada, escolhendo-se para tal a forma conceitual de Bourdieu (1987), na qual a "ideologia" representa.

"... uma categoria reservada para designar as produções eruditas de um corpo de agentes".
(Miceli, in Bourdieu, 1987, p.XXV)".

Considerando que para trabalhar o tema foram escolhidos os aspectos "confronto e legitimação", Bourdieu oferece um modelo pertinente: aquele no qual o "campo social" é considerado como um campo de forças onde se defrontam dominantes e dominados. Neste estudo, o papel de dominante coube aos "médicos alopatas" e o de dominados aos homeopatas.

Atualmente, a homeopatia reapareceu no "campo médico" com um certo prestígio junto aos setores sociais que apreciam e adotam uma visão crítica das instituições sociais e científicas.

tíficas e em particular da medicina, combinada a uma visão de mundo holista/naturalista, herdada dos anos sessenta.

Entretanto, ainda não conseguiu sua inclusão como disciplina na grade curricular da quase totalidade dos cursos de medicina, ou seja, não conseguiu uma legitimação no âmbito universitário.

Tendo em vista os objetivos do presente estudo, as questões que parecem pertinentes colocar são:

- a) Existe um confronto ^{entre} ~~em~~ homeopatas e alopatas?
- b) Se existe, quais são as características de que se reveste atualmente o mesmo e quais as estratégias de legitimação que agora são utilizadas?

Com relação às questões colocadas, pode-se anteciper que existe um confronto atualmente, embora não apresente as características do que outrora ocorreu porque, nem os médicos alopatas se posicionam agora frontalmente contra os homeopatas, que também são médicos, nem os homeopatas, na sua maioria, pretendem que o seu saber substitua o dos alopatas, mas o complemento. Hoje, os homeopatas desejam ser aceitos no seio das Escolas Médicas e que seu saber seja às mesmas incorporado, já que as demais instituições os aceitaram formalmente.

No seio da homeopatia continuam a existir estratégias objetivando uma aceitação crescente no âmbito das instituições, principalmente na Universidade, mas entre os alopatas não se observa a existência (aparentemente) de preocupação com o crescimento da homeopatia no seio do "campo médico", pelo menos por parte de suas entidades representativas, que têm mantido uma atitude de expectativa.

Finalmente, a organização deste trabalho, dividido em cinco capítulos, obedece a seguinte disposição: 1. Introdução, 2. "Campo Médico" - cenário para um confronto, 3. Metodologia 4. Homeopatia x Alopatria -- Confronto e Legitimação e 5. Conclusões. O quarto capítulo está subdividido em cinco itens: A Implantação da Homeopatia no Brasil polariza o "Campo Médico" , Transformações sociais redirecionam o confronto, Articulam-se novas táticas na busca de hegemonia, Os entrevistados e seus discursos e Os caminhos da Legitimação.

Nos capítulos em que isto foi necessário, foram incluídas notas explicativas ao final dos mesmos, numeradas na ordem em que foram surgindo no texto.

2. "CAMPO - MÉDICO" - CENÁRIO PARA UM CONFRONTO

O objeto de estudo do presente trabalho, as relações de tensão existentes no "campo médico", entre o grupo hegemônico (dominante) e um dos não hegemônicos (dominado), parece a daptar-se apropriadamente ao modelo preconizado por Bourdieu , P. (1983) para o estudo das relações existentes dentro dos di versos campos sociais, principalmente com relação ao estudo fei to pelo autor para o campo científico.

No caso em estudo, o "campo médico", considerado co mo subcampo do campo científico, possui no seu interior, forças em maior ou menor tensão, dependendo das condições sociais e xistentes. Este "campo" se define a cada momento pelo estado das relações de força entre os protagonistas, agentes ou insti tuições em luta.

Assim sendo, a noção de "campo médico", remete ao proposto por Bourdieu (op. cit. p. 44):

"... Penso, em primeiro lugar, na noção de "campo", entendido ao mesmo tempo como campo de for ças e campo de lutas que visam transformar esse campo de forças".

Ortiz, in Bourdieu, (op. cit.p. 19) traduz aquela no ção de "campo" como sendo também

"... esse campo onde as posições dos agentes se encontram apriori fixadas. O campo se define como o Locus onde se trava uma luta concorrenci al entre os atores em torno de interesses que caracterizam a área em questão".

Justifica a utilização dessa noção de "campo", o argumento do próprio Bourdieu (Ibidem, p. 44/45):

"... as análises as quais submeti campos tão diferentes como o campo artístico ou o campo religioso, o campo científico ou o campo dos partidos políticos, o campo das classes sociais ou o campo do poder, inspiravam-se na intenção de estabelecer leis gerais dos universos sociais funcionando como campos",

tendo em vista que se procura no presente estudo, uma compreensão de como tem funcionado o "campo médico", por que grupos têm se sucedido na apropriação desse campo e em que medida essas transformações/mudanças estão relacionadas às transformações históricas do contexto social.

No estudo em causa, estão sendo privilegiadas as relações de tensão no interior do "campo médico", assim, justifica-se também por esse aspecto a escolha metodológica, porque para os casos estudados mostrou-se fecunda no sentido de ajudar a:

"... deduzir as leis de funcionamento desses diferentes campos, os objetivos específicos que eles propõem, os princípios de divisão segundo os quais se organizam, as forças e as estratégias dos diferentes campos que se opõem, tudo isto sem esquecer que por menor que seja sua autonomia relativa, cada um deve suas propriedades mais fundamentais à posição que ocupa no campo de poder só pensando como tal a estrutura de relações objetivas entre os diferentes universos e a luta para manter ou subverter essa estrutura, quer di

zer, para impor o princípio dominante de dominação (capital econômico ou capital cultural hoje, poder temporal e autoridade espiritual na sociedade feudal, etc.), é possível compreender completamente as propriedades específicas de cada um dos sub-campos". (Ibidem, 1983 p. 42) ".

As categorias dominante (polo) e dominado são, nesse estudo, utilizadas também, conforme a concepção de Bourdieu, na qual,

"... ao polo dominante correspondem às práticas de uma ortodoxia que pretende conservar intacto o capital social acumulado, ao polo dominado, as práticas heterodoxas que tendem a desacreditar os detentores de um capital legítimo. (Ibidem p. 22) ".

Mas, o que estaria em jogo em essa luta? Para Bourdieu,

"... a definição do que está em jogo na luta científica faz parte do jogo da luta científica: os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem. (Ibidem p. 128) ".

Ou seja, o polo dominante passaria uma ideologia segundo a qual só é válido, cientificamente, o que os seus agentes têm, são e fazem ou melhor dizendo, o seu saber e as suas práticas.

O polo dominante, portanto, possui uma ideologia que tem por finalidade reproduzir e manter o seu "status quo", isto é, o seu papel hegemônico dentro do campo.

Já os dominados, usariam também uma ideologia cujo objetivo é reverter aquela situação.

Muitos autores têm tido a preocupação de estudar as ideologias veiculadas na medicina podendo ser citado Landmann, J. (1984) e Luz, M.T. (1982), entre outros, por terem tratado mais diretamente com os assuntos específicos discutidos neste trabalho.

Luz, em seu livro, mostra-se mais interessada no papel exercido pela filosofia no ensino e na prática médica do século XIX, cujas escolas médicas costumavam exigir dos seus alunos conhecimentos de "Filosofia Racional e Moral" que preparou a medicina para o estabelecimento da hegemonia positivista que haveria de instalar-se no campo científico e por extensão no campo médico. (Op. Cit.

Landmann está mais preocupado com os aspectos que a ideologia médica apresenta no século XX. Esse autor refere-se às subdivisões da ideologia médica tais como a ideologia da submissão, a ideologia da dominação e a ideologia da excelência tecnológica, as quais

"... se subordinam à estrutura da sociedade, inclusive aos fins lucrativos que ela legitima".

(Landmann, J., 1984, p. 27)

Waitzkin, in Landmann (op. cit., p. 23) conceitua ideologia como sendo

"... um conjunto interrelacionado de ideais e doutrinas que formam as perspectivas de grupos e os identificam, serve para reproduzir as rela

ções sociais e os modelos de dominação que caracterizam as sociedades".

O uso que nesse estudo é dado ao termo "ideologia", está mais ligado às concepções de Bourdieu (1983), para o qual, no campo científico, cada polo (dominante ou dominado) possui uma ideologia, produção erudita que tem por finalidade reproduzir e manter o "status quo" ou reverter a estrutura do "campo", conforme sejam utilizadas pelo polo dominante ou dominado, respectivamente.

Transpondo este modelo para o "Campo Médico", os agentes alopatas possuiriam uma ideologia cuja finalidade seria manter sua posição (dominante) e os homeopatas, uma ideologia para reverter esta estrutura.

Nesse campo de lutas os "dominados" são adversários que, tendo contra si toda a lógica do sistema dominante, só poderão pretender vencer os "dominantes" dentro do seu próprio jogo (dos dominantes) comprometendo-se a adotar a mesma axiomática científica e ferramentas elaboradas pela ciência oficial (pelo dominante), desempenhando assim um papel de cumplicidade, no qual a reforma substitue a revolução pois terão de acomodar suas concepções às doutrinas do grupo dominante.

Assim sendo, os "dominados", editam, como ideologia, uma simples heresia que tem por objetivo transformar a estrutura do campo sem tocar nos princípios sobre os quais repousa seu funcionamento.

Dentro desse princípio, os "dominados" têm feito um uso estratégico de sua posição objetiva na estrutura do campo, transformando essa posição não hegemônica, de exclusão, através de uma transformação ideológica, em algo positivo.

Os excluídos passam então a veicular uma ideologia na qual tiram partido do polo dominante⁽²⁴⁾,

"... fazendo da exclusão uma garantia de cientificidade, ou, ainda, a contestação da competência dos dominantes, que está no centro de todo movimento herético". (Bourdieu, p. 1983, p. 153)

Carece também de análise, o conceito do termo hegemonia. Uma visão histórica do campo médico, adquirida previamente à pesquisa e retomada durante a mesma, proporcionou uma idéia de hegemonia como um "processo" a qual leva a adotar também, o conceito de hegemonia de Gramsci interpretado por Luz, M.T. (1986 p. 29):

"Procuramos ter deste conceito, uma interpretação dinâmica, vendo a hegemonia em primeiro lugar, como processo, como prática sempre recomendada e, em segundo lugar, como prática contraditória, na medida em que institue como universal uma ordem que é fundamentalmente particular".

A análise de vários textos relacionados com problemas da Medicina contemporânea tais como: responsabilidade por erros médicos, pesquisa médica utilizando pacientes como cobaias sem as devidas precauções (ou preocupações?) de natureza ética, controle da natalidade, abortamento, inseminação artificial, como também, a percepção do surgimento de uma copiosa literatura sobre terapias não médicas e sua repercussão na medicina, revelou que uma crise está em curso na medicina.

Esta crise da medicina contemporânea, está diretamente relacionada a um conjunto de interesses que vão inteferir na es

truturação do campo médico, de cuja constituição participam indivíduos que se agrupam em torno de interesses comuns:

- a) médicos alopatas
- b) médicos homeopatas
- c) os terapeutas não médicos (quaisquer pessoas que possuam e utilizem um saber sobre as doenças e seus tratamentos, de origem religiosa, popular, "não médico", enfim.
- d) os indivíduos necessitados de tratamento.

Os interesses comuns ao grupo hegemônico quando relacionados a um grupo de agentes concorrentes, estão ligados , principalmente à manutenção de um controle do acesso ao mercado de trabalho (demanda por serviços médicos), de uma relação no papel de "aliado" do Estado e, em contrapartida, objeto de favores e concessões, (obtenção de recursos governamentais para seus projetos de pesquisa e outros), acesso às posições de maior influência e prestígio na hierarquia do sistema de controle de saúde social e serviços assistenciais para facilitar o acesso a outras vantagens, assegurar à classe social de maior poder dentro do próprio grupo hegemônico, o acesso aos melhores cargos (postos políticos e administrativos de maior prestígio), a clientela pagante, o acesso aos melhores cursos de aperfeiçoamento no exterior (objetivando maiores lucros através da oferta de serviços de pretendida melhor qualidade técnica) e, finalmente, limitação da oferta de serviços pela elitização do acesso aos cursos de graduação.

Do mesmo modo, interesses do grupo não hegemônico, atualmente, são:

- a) conquistar espaço no atendimento diferenciado

em seus consultórios particulares e nas instituições de atendimento médico, aumentando o próprio mercado de trabalho e ampliando-o a atendimento de outros níveis sociais das populações;

- b) abrir espaço na Universidade para conquistar a legitimação no nível científico e assim também ter acesso aos recursos de que necessitam para incrementar a pesquisa, bastante insipiente, geralmente autofinanciada.

Nesse sentido, nota-se uma certa convergência de interesses de um e de outro grupo. podendo aqui também ocorrer aquela cumplicidade de quem deseja ser aceito.

Com esta descrição do "Campo-Médico", fica delineado o cenário onde serão estudadas as relações de confronto entre os homeopatas e os alopatas.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta diversas facetas onde os aspectos, confronto e legitimação, são analisados.

A análise efetuada, abrange dois momentos históricos: um primeiro momento, por ocasião da introdução da homeopatia no Brasil e em Recife e um segundo, que corresponde ao ressurgimento da homeopatia nos dias atuais.

Estudando, no passado, os fenômenos que foram suscitados no primeiro momento histórico da análise, buscou-se detectar as características das relações entre homeopatas e alopatas naquela época, para melhor compreender o modo como o correm hoje em dia essas relações em Recife.

A necessidade de colher informações sobre o conflito tanto num como noutro momento histórico, abrangendo as diversas facetas da pesquisa, fez com que se recorresse a diferentes técnicas, de acordo com o tipo de informação desejada.

para a análise do primeiro momento histórico foram usadas fontes secundárias tendo em vista que o objetivo de pesquisa não era fazer um estudo histórico-social e sim obter subsídios para a abordagem dos agentes como foi referido na Introdução.

Com relação à história da homeopatia no Brasil foram utilizados os autores Madel T. Luz, Roberto Machado, Ricardo Lafetã Novaes e Jayme Landmann. Desses autores, os três primeiros foram escolhidos porque, nas suas considerações, mostram-se às vezes neutros, às vezes simpáticos à causa da homeopatia e o último, porque é assumidamente contrário à persistên

cia da homeopatia como alternativa em tratamento médico. Com este tipo de escolha, buscou-se ter acesso a informações que contemplassem os diversos pontos de vista de autores que trabalham o tema.

Para a parte que trata da história da homeopatia em Recife, foram mormente utilizados os autores Octavio de Freitas e Leduar de Assis Rocha por serem historiadores que viveram em época mais próxima aos fatos analisados. Esta escolha também obedeceu os mesmos critérios anteriormente utilizados já que Freitas denota em seu livro uma concepção da homeopatia bem próxima da de Landmann (ambos vêm a homeopatia como charlatarismo, embuste) e Rocha posiciona-se de forma mais simpática à homeopatia, chegando até a referir que um seu parente tinha prestado relevantes serviços à comunidade, como homeopata, durante as epidemias que no passado tanto castigaram a província de Pernambuco.

Complementaram as informações obtidas nas fontes referidas, os dados colhidos

- a) com um homeopata "não médico" que, com a idade de 89 anos, ainda orienta pessoas doentes que recebe em sua residência;
- b) com os médicos homeopatas entrevistados.

Para captar os dados sobre o conflito entre aqueles dois grupos, no segundo momento histórico, foi usada uma combinação entre as técnicas de entrevista, questionário e observação para poder acompanhar, também, além do confronto, as tentativas de introdução da homeopatia, como disciplina nos cursos de medicina do Brasil e do Recife.

Na técnica de observação foram aproveitados todos os contatos com agentes de ambos os grupos:

- a) Como acompanhante de familiares a consultórios particulares e hospitais;
- b) assistindo a curso de atualização promovido pela Sociedade Pernambucana de Homeopatia;
- c) assistindo a palestras proferidas por um médico alopata e outro homeopata, ambos descrevendo e contrapondo as suas respectivas terapêuticas.
- d) visitando farmácias onde são preparados medicamentos homeopáticos;
- e) assistindo a aulas dadas em disciplina do Departamento de Medicina Social do Centro de Ciências de Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, onde um farmacêutico com especialização em homeopatia, deu aulas informativas sobre homeopatia e fitoterapia;
- f) participando de reuniões do grupo de estudo instituído pela Diretoria do Centro de ciências de Saúde da UFPE para analisar a possibilidade de incluir o ensino de homeopatia naquele centro.

A observação feita nessas diversas instâncias teve como objetivo entender melhor o posicionamento dos agentes em estudo.

A técnica de entrevistar os agentes foi utilizada para poder captar nos diversos discursos, a ideologia própria a cada grupo e também, sentir nesses contatos como cada um dos agentes representava o "outro" e se autorepresentava.

Para ter uma noção mais exata sobre a totalidade

dos dois grupos, foi solicitado ao Conselho Regional de Medicina de Pernambuco (CREMEPE), uma listagem dos médicos inscritos. O CREMEPE informou que até fevereiro/90 o total de médicos inscritos era de 9.505 (nove mil, quinhentos e cinco). Entretanto, a quele órgão não pode informar, dentro daquele total, quantos médicos exerciam a profissão como especialistas em homeopatia.

Desejando conhecer o número de homeopatas atuantes em Recife, essa informação foi solicitado ao Presidente da Sociedade Pernambucana de Homeopatia que forneceu uma listagem contendo nome e endereço de homeopatas atuantes em Recife e cidades vizinhas, num total de 38 (trinta e oito) profissionais, sendo que entre esses, 29 (vinte e nove) atuam em Recife e o restante distribuem-se nas cidades circunvizinhas e outras.

Embora a listagem contivesse endereços profissionais não foi através dela que foram feitas as escolhas dos profissionais para os contatos das entrevistas. Esta decisão teve em vista o tipo de técnica escolhido para entrevistar os agentes que privilegiava a natureza qualitativa das informações.

A escolha foi feita, partindo-se de um agente conhecido que faria a ponte para um outro e assim, sucessivamente, numa espécie de cadeia. Desse modo, foram feitas 10 (dez) entrevistas com homeopatas e 10 (dez) com alopatas.

Os alopatas, na sua maioria, marcaram as suas entrevistas nos ambulatórios em que atendem os pacientes das instituições em que exercem função pública, durante o horário do expediente, onde a demanda é muito grande, resultando disso aí um espaço de tempo muito exíguo para a entrevista e um clima onde dificilmente poderia se estabelecer o esperado "rapport".

Os homeopatas de um modo geral, utilizaram seus consultórios particulares, preferindo dar a entrevista nas primeiras horas antes ou depois de seu horário de consultas, proporcionando assim um espaço maior de tempo e um ambiente mais tranquilo para o encontro pretendido.

Os ambientes onde se desenvolveram as entrevistas dos alopatas eram impessoais, deixando entrever que em suas vivências profissionais procuram diminuir a possibilidade de envolvimento com seus pacientes.

Esta necessidade é compreensível tendo em vista que na sua formação de graduação não está contemplado o aspecto psicológico que os prepararia para vivenciar suas emoções no contato permanente com o sofrimento e a morte.

Já com relação aos ambientes em que aconteceram os contatos com os homeopatas cabe destacar que em alguns consultórios (2 precisamente) puderam ser notadas estantes onde estavam dispostos livros, na sua maioria relacionados com homeopatia e outras terapêuticas alternativas como também livros de cunho religioso, esotéricos e espíritas, em quantidade nada desprezível.

Num dos consultórios havia uma sala com características de ser utilizada para relax ou meditações. Nos contatos com esses profissionais e na observação de consultas pode ser detectado que, ao contrário de seus colegas alopatas, procuram estabelecer um clima de confiança que seja suficiente para que informações referentes a comportamentos venham a fluir na consulta, informações essas de muito valor para o estabelecimento da escolha do medicamento (não do diagnóstico que para os homeopatas tem importância secundária).

A conduta terapêutica está portanto, baseada mais nos aspectos subjetivos (comportamentos informados) do que nos objetivos (sinais e sintomas observados).

Entre as entrevistas realizadas com os homeopatas, uma delas marcou mais devido ao contexto "sui generis" em que se desenrolou, destacando-se das demais por suas características inesperadas, das quais o relato seguinte dá uma idéia:

"No dia e hora marcados para a entrevista eu estava com um princípio de enxaqueca. Pensei em desmarcar o encontro mas não foi possível porque a entrevistanda não tinha telefone em sua residência (a entrevista seria num sábado à tarde no seu apartamento), a qual era muito distante de minha casa.

Resolvi então que seria melhor fazê-la. Iniciada a entrevista, a dor de cabeça fez com que esquecesse de ligar o gravador o que só foi notado algum tempo depois.

A entrevista foi realizada na sala de estar, com decoração oriental, música ambiente calma e suave, um palito de incenso oriental aceso, sobre uma mesinha de centro na qual estavam dispostos vários tipos de cristais de rocha, exalava um odor agradável.

Durante a entrevista foram servidos canapés e sucos mas, apesar de um ambiente tão agradável, a minha dor de cabeça foi aumentando.

O esposo da médica teve uma participação constante na entrevista, interrompendo de vez em quando para reforçar as respostas da esposa, deixando perceber que participava do conhecimento homeopático mesmo sem ser médico, fazendo uma apologia da homeopatia com muito entusiasmo.

Ao fim da entrevista, a dor estava quase insuportável, fazendo-me lacrimejar. Então, pedi desculpas por ter vindo entrevistá-la naquelas condições.

Para minha surpresa a médica ofereceu-se para fazer ali mesmo um tratamento que me poria curada e eu não o recusei. Como remédio foi oferecida uma colher contendo água que havia sido retirada de um copo com água onde havia sido pingada uma gota de um medicamento homeopático. O vidrinho do medicamento me foi emprestado e recebi instruções para preparar outra dose de medicamento caso não ficasse curada somente com aquela dose. Concomitantemente, foi feita uma imposição de mãos (cura pelas mãos). Confesso que melhorei e ao chegar em casa não senti necessidade de tomar as drágeas de "Neosaldina" que habitualmente uso nessas circunstâncias".

Com relação às entrevistas feitas com os alopatas, transcorreram geralmente de modo semelhante umas às outras e, portanto, a cadeia iniciada não teve prosseguimento natural conforme ocorreu com os homeopatas.

Os profissionais indicados, geralmente não se mostravam dispostos a dar entrevistas e mesmo quando concordavam, o espaço reservado para tal fim em nada contribuía para facilitar o seu desenrolar.

Diversas vezes os encontros marcados para as entrevistas, tanto com homeopatas como com alopatas, não se concretizaram por conta de outros compromissos urgentes e inesperados, surgidos.

Com os alopatas esses problemas foram bem mais acentuados, tanto que, por várias vezes os encontros marcados para as entrevistas não resultaram produtivos.

Os médicos alopatas escolhidos para as entrevistas pertencem, na sua maioria (9/10) ao Departamento de Clínica Médica do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco.

Esta preferência justifica-se por dois motivos, o primeiro, mais relevante para a pesquisa é que no projeto, os médicos alopatas escolhidos para as entrevistas deveriam ter uma formação de médicos clínicos porque são os que mais se assemelham aos médicos homeopatas pois também tratam seus pacientes com prescrições de medicamentos (principalmente). Além do mais, o uso de medicamentos alopáticos é o que os homeopatas mais condenam dentro das terapêuticas da "medicina oficial" , porque, segundo os homeopatas em vez de curar, cronificam as doenças. Na concepção dos homeopatas, as demais especialidades só existem, pela ineficácia dos tratamentos com medicamentos alopáticos. Creditam portanto aos médicos clínicos uma maior parcela de responsabilidade pela agravação dos problemas dos pacientes.

Em segundo lugar, a concentração de médicos clínicos naquele departamento facilitaria um acesso mais fácil aos entrevistandos e também minimizaria as dificuldades produzidas por visitas infrutíferas e por isso mesmo repetidas, que certa^{mente} ocorreriam.

Como já foi referido, o principal motivo da escolha de médicos alopatas com formação em clínica médica deve-se

a que mais se aproxima da homeopatia porque também usa uma tera
pêutica medicamentosa, trabalhando basicamente com os remédios
alopáticos tão condenados pelos homeopatas.

As entrevistas com os médicos alopatas não fluí
ram tão bem como ocorreu com os homeopatas, surgindo quase sem
pre o problema de falta de tempo. Assim sendo, o conteúdo das
entrevistas não correspondeu quantitativa ou qualitativamente â
quele obtido com os homeopatas.

Este fato fica patenteado pela quantidade de in
formações obtidas com os alopatas, que foi muito aquém daquela
obtida nas entrevistas com os homeopatas.

Na abordagem dos entrevistados foram usados, te
mas tais como escolha da profissão, da especialidade, auto-repre
sentação, representação do "outro", concepções de saúde, doença,
tratamento, visão de mundo, conceito de pessoa, ecologia, repre
sentação da medicina e, finalmente, o que pensavam sobre a ado
ção de outras modalidades terapêuticas, alternativas ou não, em
suas práticas.

O principal instrumento de captação de dados fo
ram as entrevistas gravadas (ver roteiro anexo), mas foram uti
lizadas também outras técnicas, como foi o caso do envio de car
tas a todos os cursos de medicina do Brasil nas quais se arguiu
da existência ou não do ensino da homeopatia naqueles cursos.

Esta providência foi tomada tendo em vista a ne
cessidade de verificar como anda a legitimação institucional ou
seja, como anda a busca da legitimação da homeopatia ao nível
dos cursos de medicina nas Universidades brasileiras em geral e
nas de Recife em particular.

O recurso de utilizar diferentes técnicas para a

obtenção das informações requeridas para entender como se apresenta o "campo médico" hoje em dia, mostrou-se satisfatório.

As entrevistas gravadas, apesar das dificuldades inerentes a tal recurso, mostraram-se capazes de revelar, nos diversos discursos, a ideologia, produção erudita de cada grupo de agentes. Foram capazes de revelar, também, embora em pequena escala os conflitos que permeiam o relacionamento entre os grupos entrevistados.

A observação, foi fundamental, tanto no papel de confirmar, infirmar e/ou complementar as informações colhidas em outros níveis como principalmente, fornecendo pistas para que se pudesse traçar o encaminhamento da pesquisa.

A ida às farmácias que preparam e/ou vendem produtos homeopáticos foi importante no sentido de fornecer dados com relação, por exemplo, ao fato de que se confunde tanto a homeopatia com fitoterapia e "produtos naturais".

Em todas essas farmácias estão à venda, produtos à base de plantas medicinais, alimentos "ditos" naturais ao mesmo tempo em que são aviadas receitas homeopáticas. Perguntando a um desses farmacêuticos o porque desse fenômeno, ele informou que era uma questão de sobrevivência já que vendendo somente medicamentos homeopáticos não daria para manter a farmácia.

As farmácias homeopáticas mais conceituadas pelos médicos homeopatas e conseqüentemente mais procuradas pelas camadas médias e alta da população, são aquelas que preparam os medicamentos na hora. As farmácias que vendem os produtos homeopáticos industrializados (complexos homeopáticos), juntamente com a farmácia homeopática Sabino Pinho (mais antiga e mais co

nhecida pela população) são preferidas pelas camadas mais populares que não consultam os médicos homeopatas e sim os práticos dessas farmácias que conforme as queixas apresentadas indicam o medicamento adequado. Há, portanto, dois tipos de farmácia, as que atendem mais aos médicos homeopatas e seus clientes e as que atendem mais as camadas de menor poder aquisitivo que não podendo ir aos consultórios particulares, têm acesso a um tratamento homeopático através dos aconselhamentos dos práticos (balconistas) de algumas das farmácias homeopáticas.

Em síntese, estas foram as justificativas para a escolha dos recursos técnicos utilizados e seus respectivos resultados, dentro da metodologia escolhida.

4. HOMEOPATIA X ALOPATIA

Neste capítulo, dividido em cinco partes, será analisado o confronto entre os homeopatas e os alopatas, observando em primeiro lugar a ocorrência do fenômeno no século XIX. Depois, são estudadas as possibilidades de um novo confronto com a emergência da homeopatia nos dias atuais.

Na terceira parte são analisadas as características atuais do confronto e a seguir explicitam-se as ideologias embutidas nos discursos dos homeopatas entrevistados, fazendo-se o mesmo também com relação ao discurso dos alopatas.

Por fim, é estudada mais detalhadamente uma das estratégias de legitimação utilizadas no passado ao lado de muitas outras mas que hoje em dia parece ser aquela para a qual têm convergido os esforços da maioria dos homeopatas: as tentativas para introduzir a homeopatia no ensino médico das Universidades brasileiras.

4.1 - A IMPLANTAÇÃO DA HOMEOPATIA NO BRASIL, POLARIZA O CAMPO MÉDICO.

Antes de passar ao estudo do conteúdo das entrevistas, para procurar nas mesmas, características atuais do relacionamento entre os homeopatas e os alopatas, será feita em primeiro lugar uma análise da forma como ocorriam essas relações na época da implantação da homeopatia, para que se possa fazer um contraponto entre o modo como se davam essas relações num e noutro momento histórico.

No século XVI, o campo médico estava representado pelos médicos (categoria formada pelos "físicos"⁽¹⁾ e "cirurgiões"⁽²⁾ licenciados⁽³⁾ e pelos "não médicos (frades, padres jesu

tas, pajês de tribos naturais e curandeiros africanos). Rocha,(1960)

No período que vai do século XVI ao século XVIII, essa estrutura manteve-se sem muitas alterações, tendo, durante este período, os "não médicos" dominado a preferência popular⁽⁵⁾ (Rocha, 1960) .

Alguns autores, entre eles Machado, R. e Col. (1978), Freitas, O. (1943) e Rocha, L. (1960-1962) justificam aquela preferência, pela escassez de médicos e pela qualidade ⁽⁶⁾ dos mesmos (limitada eficácia do seu saber e de suas práticas).

Certo, ao longo daqueles períodos, tanto os médicos como os "não médicos" têm ocupado alternadamente a posição hegemônica no interior do "campo médico", no que diz respeito à preferência da população⁽⁷⁾, sem que no entanto lograssem atingir uma total apropriação do campo. (Rocha, 1960/62) .

O desejo e consequentes esforços no sentido de se apropriar do "campo médico", por parte de qualquer um dos grupos de terapeutas têm sido capazes de gerar tensão, determinando a formação de dois polos, dentro do campo tornado então campo de lutas com consequentes confrontos no terreno de seus saberes e/ou de suas práticas.

Por outro lado, os médicos, que não obtinham uma total aceitação, procuravam de várias maneiras conseguí-la, utilizando-se de certas estratégias para atingir tal objetivo.

Machado, R. e Col. (1978), descrevem muito bem a evolução dessa luta do grupo médico para se apropriar do "campo".

As estratégias para atingir aquele objetivo começaram a se delinear com a vinda de D. João VI para o Brasil, no início do século XIX.

Essa luta pela apropriação do "campo", continuou durante a fase de independência do Brasil e da Constituição do Império.

Sabe-se que o reino português estava interessado exclusivamente na exploração das riquezas da colônia, pouco se importando com a organização e consolidação de suas instituições, como aliás atesta a proibição de criação de escolas de ensino superior no Brasil. (Op. cit. p. 170).

Todavia, a vinda de D. João VI em 1808 e subsequente elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves através do estabelecimento da corte portuguesa no Brasil, deu início a uma série de transformações com vistas ao enriquecimento, defesa e saúde dos habitantes do Brasil (Ibid.).

Esse novo posicionamento do governo português trouxe várias mudanças para a sociedade brasileira de então inclusive, no que dizia respeito às relações entre os médicos e o Estado (8), as quais foram possibilitando, progressivamente, a conquista de prestígio e poder por parte dessa parcela do campo médico.

Surgiram então, várias instituições, dando-se no "campo médico", a criação dos dois primeiros cursos da área médica no Brasil (9), o da Bahia e o do Rio de Janeiro (1808-1809), possibilitando o início de uma reprodução do saber médico em terras brasileiras.

Tais cursos, juntamente com a criação da Sociedade de Medicina, transformada posteriormente em Academia Imperial, foram etapas decisivas no caminho para a consolidação da hegemonia daquele grupo no interior do "campo médico".

Ao mesmo tempo, o fato de o rei ter consultado diretamente o seu físico-mor ⁽¹⁰⁾ Manoel da Silva sobre as causas das doenças e o meio de resolvê-las, em vez de fazê-las por intermédio das câmaras ⁽¹¹⁾ já demonstrava o prestígio com que o rei estava começando a distinguir aqueles profissionais.

Outrossim, à consulta feita pelo rei, Manoel Vieira respondeu que era necessário fosse instituída uma política sanitária nas cidades, preconizando uma série de normas para a prevenção das doenças, inspirando em Wolfgang Thomas Rau (Ibidem).

Aquele proto-modelo de medicina social, aperfeiçoado posteriormente por Johan Peter Frank, já expressava um novo tipo de relação entre os médicos e o Estado (Ibid.).

A adoção dos princípios preconizados por Manoel Vieira da Silva foi o primeiro passo para o controle médico de vida social, ou seja, da medicalização da sociedade.

Todo esse movimento de preocupação com a saúde da população fez com que o Estado passasse a necessitar cada vez mais dos serviços dos médicos, que passaram a exercer um novo papel e ter cada vez uma maior participação no controle social:

"... Ao mesmo tempo em que a medicina enquanto medicina social oferece ao Estado seus préstimos no combate às epidemias, na elaboração da legislação, distribuição da justiça, urbanização, cobra dele a luta contra o charlatanismo e o reconhecimento da exclusividade ⁽¹²⁾ do saber sobre a saúde. (Ibid. p. 199).

Foi nesse período, portanto, quando a medicina já go

zava de crescente prestígio na sua relação com o Estado e cuidava de aumentar cada vez mais sua área de influência e atuação na sociedade, que se acentuou sua preocupação com os demais agentes terapêuticos e teve início também o combate ao charlatanismo:

"... O combate ao charlatanismo é a outra face do desenvolvimento do ensino médico. Quando não havia faculdade no Brasil, a medicina sendo praticada por poucos formados (em Coimbra), muitos licenciados e mais barbeiros sangradores, aplicadores de ventosas e sanguessugas, curandeiros, padres jesuítas, não havia como estabelecer uma restrição e uma partilha. Agora que os médicos perdem os melhores anos de suas vidas estudando e se dedicando aos seus pacientes é justo, argumentam os médicos, que não sofram a concorrência desleal daqueles que não estudaram, não puderam, mas dizem curar com um remédio secreto e fabuloso. (Ibid. pag. 200)"

Nicolau Joaquim Moreira in Machado (1978) descreve muito bem a posição dos médicos de então com relação aos "não médicos":

"... A liberdade do comércio e da indústria deve, em nossa opinião ser mantida em toda a sua plenitude, mas o respeito que consagramos a esse direito não nos leva a estendê-lo à medicina e à farmácia, porque a medicina e a farmácia não são indústrias, nem são profissões

livres, pois que para seu exercício a sociedade exige de nós provas, estudos e sacrifícios (...) A medicina (...) é sempre a ciência da vida e não pode ser exercida senão pelo verdadeiro médico. (Ibid. p. 200). "

A homeopatia surge no Brasil (1840) num período em que os médicos estão interessados em abarcar uma maior fatia da clientela que reparte com outros terapeutas não médicos. E, na intenção de proteger seu mercado de trabalho contra a concorrência de mais um grupo de agentes que se forma (os homeopatas), passam a identificar a homeopatia ao charlatanismo, o que é,

"... para o movimento da medicina social, uma tarefa oportuna: serve para reforçar a articulação entre o controle de saúde da população e o controle do exercício profissional. Tarefa contudo, duplamente dificultada: por um lado a homeopatia apresenta-se como corpo de doutrina capaz de substituir proveitosamente a moderna medicina preconizada pelos membros da Academia Imperial. Atribuem-se, também, títulos de cientificidade. Colocava-se em concorrência direta com a ciência oficial, introduzindo-se no campo de discussão, sobre os princípios da teoria médica e sua eficácia terapêutica. (Ibid. p. 203/204)

Por outro lado, o sucesso obtido pela homeopatia não só entre a população necessitada de tratamento, como entre representantes da classe médica, e mesmo com pessoas influentes (da

elite, no poder), vem aumentar a preocupação dos médicos com esse grupo emergente no "campo médico", concentrando, por isto , seu poder de fogo na direção dos homeopatas.

O "campo médico, então, passa a uma nova conformação, mais complexa, visto que a homeopatia é praticada tanto por médicos como por não médicos. Assim sendo, o "campo médico" passa a ter a seguinte estrutura:

- a) os médicos alopatas
- b) os homeopatas (médicos não médicos)
- c) os não médicos (que praticam as demais terapias alternativas).

O sucesso obtido por Benoit Mure⁽¹³⁾ e seus seguidores, vinha ameaçar a consecussão dos objetivos de apropriação do "campo" por parte dos médicos. Sentindo-se então ameaçados, a aqueles agentes (médicos) partiram para uma verdadeira guerra contra o "novo saber".

Nesse período, o confronto entre os médicos e os demais terapeutas passou a concentrar-se na direção da homeopatia que naquele instante constituía a mais concreta ameaça aos seus objetivos hegemônicos.

Nesse confronto, o papel de maior destaque do lado dos médicos alopatas, coube a Sociedade de Medicina, depois Academia Imperial de Medicina. A sua atuação se dava, basicamente em duas frentes, uma das quais correspondia à elaboração de campanhas para desacreditar os homeopatas e sua terapêutica que, contra os líderes do movimento homeopático, tinha aspecto de verdadeira perseguição. A outra frente consistia em desencadear

uma estratégia para obter cada vez mais prestígio e poder social, devendo, para tanto, cumprir as seguintes etapas:

- a) regular a racionalidade das câmaras ⁽¹⁴⁾ , incapaz de executar um sistema sanitário, pela ausência de um saber médico;
- b) estimular o assessoramento médico ao poder público, objetivando tornar a administração dependente do saber médico e de sua proposta de organização da cidade;
- c) estimular a participação direta dos médicos como membros das câmaras. (Luz, M. T., p. 121/122).

Por outro lado, as campanhas para desacreditar a homeopatia não deixaram impassíveis os homeopatas que, logo, reagiriam, estabelecendo, também, suas estratégias de luta) consistentes em:

- a) criar Institutos e cursos de homeopatia;
- b) criar jornais/revistas ⁽¹⁵⁾ , fazer campanhas de divulgação das vantagens da homeopatia sobre a alopatia;
- c) divulgar cartas de agradecimento de pacientes que obtiveram sucesso com tratamento homeopático;
- d) levar o apoio de políticos e pessoas influentes na defesa de sua causa e consecução dos seus intúitos (Op. Cit.).

Até o final do século XIX, as estratégias programadas pelos alopatas, antes citadas, foram sendo cumpridas, como também, por parte dos homeopatas, que passo a passo, lutaram pela conquista

ta de espaço no "campo médico", com resultado, porém, mais ou menos indefinido.

Entretanto, com o alvorecer do século XX, novos fatos vieram contribuir para tornar mais complexa essa luta: o desenvolvimento da anatomia patológica, da microbiologia, da anestesia, da química de medicamentos e a descoberta das vacinas e dos antibióticos, entre outros, responsáveis pela fundação da moderna ciência médica. (Foucault, 1980).

Desde então, a antiga ineficácia dá lugar a um grande sucesso seja no controle das infecções, seja no controle das epidemias que associados ao grande progresso da tecnologia médica, veio dar à medicina uma situação de prestígio e poder nunca antes atingido no Brasil (como no restante do mundo ocidental) fazendo surgir como que uma "nova medicina".

Esse novo contexto que se delineia na medicina alopata, não foi favorável aos homeopatas embora historiadores da homeopatia apontem como causa da derrocada da homeopatia fato bem anterior: a dissidência havida dentro do próprio grupo dos homeopatas, uma dissidência que viria enfraquecer bastante o grupo. Tal dissidência originou-se no fato de Benoit ter como convertidos à homeopatia tanto "não médicos" como um grande número de médicos alopatas. Os médicos alopatas convertidos não se conformaram em ter como seus pares, pessoas leigas, não formadas e deram início a uma campanha contra todos os homeopatas que não possuíssem diploma de médico, incluído o próprio Mure nessa perseguição. Esse homeopata subestimando o fato de ter entre seus adeptos uma maioria de médicos alopatas, esquecendo de ponderar que aqueles médicos poderiam

"... ter outra visão das estratégias de legitimação da homeopatia, e outra visão da pureza homeopática." (Luz, M.T., 1987, p. 47).

Esses ex-discípulos, agora opositores, liderados pelo Dr. Duque Estrada moveram contra Mure e "sua" homeopatia uma perseguição mais feroz que aquela encetada pelos médicos alopatas.

Para tais dissidentes, "a pureza da homeopatia passava pela sua aceitação pela Escola Médica, pela Academia de Medicina, pela formação de médicos especialistas e graduados em Faculdades de Medicina reconhecidas pelo Império e pelo respeito que as instituições constituídas deveriam ter pela "nova ciência" (Op. Cit., p. 47).

Essa última facção da homeopatia (a do Dr. Duque Estrada) caracterizava-se pelo fato de defender princípios corporativos. Além do mais, não se pode deixar de notar que a maioria dos médicos era oriunda das oligarquias e a medicina, como carreira, era a porta de entrada para os postos mais importantes dentro da sociedade. Esses médicos (alopatas convertidos à homeopatia) não podiam admitir a convivência e mesmo a competição com indivíduos que não pertenciam a sua classe social. (Ibid.)

Quanto ao grupo do Dr. Mure, o que o caracterizava era justamente o fato de que enquanto implantava a homeopatia no Brasil, ao mesmo tempo.

"... conduzia uma luta no sentido de tirar dos médicos o monopólio da prática e da reprodução do saber, afirmando que a nova doutrina não precisa ser privilégio de poucos." (Ibid., p. 33).

Portanto, os dissidentes, ex-alopatas, mas ainda médicos acima de tudo, eram oriundos de uma classe à qual repugnava as estratégias de legitimação de Benoit Mure, bem como suas tendências políticas (fourierista). (Ibid.).

Em Recife, ao modo do que ocorreu no Rio de Janeiro, houve uma situação de confronto entre os médicos alopatas e os homeopatas, quando da introdução da Homeopatia nesta cidade, em meados do século XIX (1845-1854). (Ibid.)

Nesse período, faziam parte da estrutura do "campo médico" os seguintes grupos:

- a) o grupo dos médicos alopatas;
- b) o grupo dos homeopatas, nesse período constituído por médicos e não médicos (leigos);
- c) grupo dos terapeutas não médicos: curandeiros, rezadeiras ou benzedores, conhecedores das propriedades terapêuticas de determinadas plantas, religiosos, etc.;

Por essa época, malgrado o progresso trazido ao Brasil, com a vinda da família real em 1808, que, na década de 1830, já possuía uma regulamentação do ensino superior com vistas à criação de faculdades e seu aperfeiçoamento, no Recife, só veio existir escola médica em 1920 ⁽¹⁶⁾.

Portanto, as únicas instituições da área médica eram o Conselho de Salubridade ⁽¹⁷⁾ e a Academia Pernambucana de Medicina, sucursal da Academia Imperial de Medicina.

A medicina, então, estava numa fase em que procurava expurgar do seu seio, a presença de agentes que não conduziam com o status pretendido pelos alopatas. Eram esses agentes os

físicos e cirurgiões licenciados, remanescentes de uma época em que a sua existência era autorizada por órgãos como a junta do Pronto Medicató e a Fisicatura depois extintos. Nesse período as Escolas Médicas da Bahia e do Rio de Janeiro já estavam em condições de suprir a demanda de médicos na cidade do Recife e nas demais províncias, não mais se justificando a tolerância para com ager^{tes} que, segundo entendimentos, eram profissionais que não enalteci^{am} a medicina.

Estavam, portanto, os médicos alopatas do Recife muito envolvidos com a estruturação da sua ciência, com a delimitação dos seus espaços e sobretudo preocupados em auto-definirem-se como profissionais da arte de curar e em captarem a confiança de uma população que depositava mais fé em outra qualquer terapêutica que na dos médicos.

É nesse momento que surge a Homeopatia, pela mão daqueles que, em Recife, seriam seus principais líderes: João Vicente Martins e Sabino Pinho, e, repete-se nessa província o sucesso que a homeopatia obtivera no Rio de Janeiro, passando então a constituir-se na principal ameaça aos objetivos dos médicos alopatas. Torna-se então inevitável o confronto.

Urge para o grupo de médicos alopatas, definir o profissional de medicina e também sua ciência, para deles excluir os adeptos da homeopatia e assim melhor combatê-los.

Quem é que poderá denominar-se médico? Somente os portadores de um diploma conferido por escola médica, mas não somente isso, o verdadeiro médico deve enquadrar-se dentro de uma série de exigências de comportamento condizente com a sua posição de médico e é aí que se estribam para excluir da medicina os home

opatas, que, na sua maioria, possuem diploma de médico. Também, no intuito de excluir tanto os homeopatas como os terapeutas não médicos (leigos), houve a preocupação de definir-se qual era a verdadeira medicina.

A ciência médica de então tinha como respaldo uma teoria baseada na imaginação ⁽¹⁸⁾, ou seja, numa racionalidade de terminada a priori ⁽¹⁹⁾ e não na observação sistemática e na ex perimentação, como ocorre atualmente. Naquela época, a teoria e ra desligada da prática, pois em todos os domínios do conhecimento procurava-se o saber pelo saber e não em razão de sua utili dade e, portanto,

"A teoria médica da época era marcada pelo com passo da filosofia, nitidamente de caráter es peculativo e espiritualista ⁽²⁰⁾. (Luz, M.T. , 1982 p. 113)

Tanto é que existiam, simultaneamente, num mesmo ní vel de aceitação vários sistemas teóricos explicativos das doenças e seus tratamentos para dar conta de um mesmo conjunto de práticas terapêuticas.

Assim sendo, o problema maior com o surgimento da ho meopatia não foi que apresentasse um novo sistema explicativo. Quem já havia admitido tantos sistemas podia muito bem incluir mais um. O problema crucial é que o sistema teórico homeopático não se adaptava às práticas médicas correntes, só servia pa ra explicar o uso dos medicamentos homeopáticos, sendo assim um sistema exclusivista e radical.

Entretanto, o sistema teórico da homeopatia repousa so bre as mesmas bases filosóficas, especulativas e espiritualis

tas que o sistema alopático, da época, embora a manufatura e a escolha dos medicamentos homeopáticos estivessem relacionados com métodos muito próximos aos utilizados hoje na farmacologia clínica: a experimentação e a observação ⁽²¹⁾, (Machado, R. e Col, 1978 p. 211).

Então, qual seria a verdadeira medicina? As teorias e práticas médicas e seus respectivos profissionais teriam que se enquadrar dentro de uma norma a ser estabelecida pelas Academias como, aliás, já o fizera a Academia de Medicina de Paris.

Quaisquer teorias e/ou práticas terapêuticas que não tivessem o aval da Academia não seria considerada como verdadeira medicina.

Apressaram-se então os Acadêmicos em condenar esse novo sistema através dos jornais e revistas de publicação específica como era o caso do "Annaes de Medicina Brasiliense", através de artigos onde acusavam a homeopatia de seita, fanatismo, embuste, impostura, etc.

A Academia Imperial de Medicina e suas congêneres provinciais como a Academia de Medicina de Pernambuco, passam a identificar a homeopatia como charlatanismo e dentre as muitas formas deste, privilegiar a doutrina e a ação homeopática. (Freitas, O, 1943).

Para tanto, seguiram duas orientações que se complementavam:

a) o uso da propaganda, através da imprensa especializada contra uma

"doutrina tão absurda acompanhada de práticas ridículas que se apresenta ao povo como força médica e política de obscuras intensões subver

sivas. (Machado e Col., 1978 p. 212)

- b) o uso de recursos legislativos e judiciais para combater aqueles agentes, argumentando serem e les prejudiciais à saúde do corpo social e à própria ordem política do império. (op. cit.).

Iniciam os médicos alopatas seu combate com as armas de que dispõem, até que conseguem um instrumento de alta eficiência, qual seja o capítulo V do Regulamento da recém-criada Junta de Higiene que, em o seu art. 25, afirma:

"... ninguém pode exercer a medicina ou qualquer dos seus ramos sem título conferido pelas escolas de medicina do Brasil, nem pode servir de peritos perante autoridades judiciárias ou administrativas ou passar certificados de moléstias para qualquer fim que seja. (Ibid. p. 212).

A Regulamentação também exige, através de seus artigos 28 e 29, que "médicos, cirurgiões, boticários, dentistas e parteiras apresentem seus diplomas aos órgãos encarregados da Saúde Pública em cada província para receberem um visto, sem o qual o exercício de todos os ramos da Medicina não seria lícito". (Ibid., p. 213).

A Junta de Higiene, através de seu Regulamento veio dar aos médicos brasileiros o que tanto haviam desejado: tornarem -se os únicos depositários do poder sobre os assuntos relativos à saúde.

A importância desse fato é logo percebida pelos homeopatas que imediatamente reagem através de João Vicente Martins, en

tão radicado em Recife e que apressou-se em publicar, em 1852, o seu protesto com a denominação de

"Brado Popular acerca do Regulamento de 27 de setembro de 1851 intitulado da Junta de Higiene Pública", no qual o argumento central é:

"... o objeto da higiene é conservar a saúde. Ora, ordenar que, perdida a saúde, só se possa restabelecê-la sendo as enfermidades tratadas pelos doutores que obtiveram cartas das Escolas de Medicina do Brasil não é objeto da Higiene, mas de outro ramo médico para o qual não foi criada a comissão. Ninguém de agora em diante poderá tomar um cristal sem que seja receitado por algum doutor. Ninguém poderá ser sepultado sem atestação do professor. A conclusão aparece claramente: o Regulamento não fala de saúde. Mostra o ódio às doutrinas homeopáticas. É uma inquisição em matérias médicas e só foi escrito para dilatar a influência e o interesse da classe médica. (Ibid., p. 213)

Obtinha, desse modo, a medicina, o instrumento jurídico necessário para determinar o que devia ser tratado em Medicina, como devia ser tratado e por quem devia ser tratado.

Portanto, a "verdadeira" terapêutica médica estava agora definida juridicamente: devia restringir-se às práticas tradicionais da medicina da época, ou seja: regimes dietéticos, aplicação de sangrias, purgativos e demais procedimentos herdados do século anterior.

Quanto a "quem" devia tratar, a Junta de Higiene já estava encarregada de determinar, examinando e colocando o seu visto nos diplomas daqueles que desejassem exercer aquela profissão.

Contavam, a partir de então, com o total apoio do Estado mas não podiam dizer o mesmo com relação à população, já que as classes menos favorecidas eram bastante resistentes à procura de médicos quando necessitavam de tratamento.

Por isso, deviam impor-se como profissionais, via prestígio e poder político, o que não era tão difícil, tendo em vista que se tornar médico era quase sempre a porta de entrada para os mais diversos cargos de importância, inclusive os políticos.

Por esse meio, procuraram, sempre que possível, induzir as autoridades a criarem os instrumentos necessários à legitimação do seu saber e prática, rumo à hegemonia.

Em contraposição ao conceito de "verdadeiro médico" definido pelos alopatas, para ser homeopata era necessário apenas uma certa capacidade para assimilar e por em prática o corpo de conhecimentos da doutrina homeopática. Este posicionamento estava em total divergência com o que pensavam os alopatas com relação ao que devia ser exigido daqueles que desejassem ser médicos.

Aliás, para os alopatas, só o fato de um médico acolher a ciência homeopática no seio de suas práticas já era o suficiente para que deixasse de ser considerado como "verdadeiro médico".

Nesse período, os homeopatas apresentavam a homeopatia como saber divergente e mais eficiente que o saber médico então utilizado. Por outro lado, os médicos alopatas não mediram esforços no sentido de enquadrá-la como prática não científica e charlatanesca.

Ao mesmo tempo, para a população de então, muito desconfiada em relação aos médicos, a homeopatia surgiu como uma opção e mais dentre as alternativas não médicas que já utilizavam.

Essa população tão avessa aos tratamentos médicos não resistiu aos apelos da homeopatia e os consultórios homeopáticos logo tiveram uma grande demanda (22).

Este fato gerou dois tipos de reação: um grupo procurou assenhorar-se rapidamente do novo saber para usufruir também do sucesso dos homeopatas, o outro a maioria, partiu para o confronto com aqueles que ameaçavam deixá-los sem clientela.

Os médicos recifenses partiram para uma ofensiva, através da Sociedade de Medicina de Pernambuco, com o objetivo de descreditar a homeopatia e os homeopatas, utilizando para isto as seguintes estratégias.

- a) Fazer pronunciamento através da Sociedade de Medicina de Pernambuco;
- b) usar o Conselho Geral de Salubridade (espécie de Secretaria de Saúde do Estado) no sentido de impedir legalmente o exercício da medicina por parte os homeopatas, dificultando por todos os modos o trabalho desses profissionais;
- c) impedir aos homeopatas acesso aos seus órgãos representativos de classe; (23)
- d) organizar campanhas difamatórias para denegrir a imagem dos homeopatas, notadamente de seus líderes;
- e) fechar escolas e instituições homeopatas para, assim, evitar a propagação daquele grupo;
- f) excluir a homeopatia do âmbito da "verdadeira" medicina, colocando-a no papel de uma prática errô

nea e prejudicial à sociedade e a saúde das populações.

Como exemplo de como funcionavam essas estratégias pode ser citado o seguinte: O Presidente do Conselho de Salubridade regou todos os pedidos de autorização para exercer a medicina homeopática que lhe foram dirigidos por todos os homeopatas radicados em Recife.

O médico Sabino Olegário Ludgério Pinho ⁽²⁴⁾, apesar de possuir título de doutor conferido pela Escola de Medicina da Bahia, estando, portanto, dentro dos padrões exigidos pelo Regulamento para o exercício da profissão, foi várias vezes incomodado pela polícia, a pedido do Presidente do dito Conselho.

Destarte, os homeopatas elaboraram também um conjunto de estratégias visando a defesa e legitimação de suas práticas: como já foi antes descrito quando era referida a implantação da homeopatia no Rio de Janeiro.

Rocha (1962) ⁽²⁵⁾ faz referência a muitos artigos polêmicos encontrados nos jornais da época, que davam conta da existência de uma luta entre aqueles dois grupos, para obter a preferência da população.

Tais artigos, pela sua quantidade e pelo seu teor, sugerem uma aceitação social muito grande da Homeopatia, o que, obviamente, haveria de deixar os alopatas muito preocupados.

A esse respeito, Rocha (1962, p. 22) se pronuncia:

"... os alopatas opuseram imediata reação à doutrina que lhes ameaçava a reputação e a clínica e os ortodoxos ⁽²⁶⁾ não admitiram acordo em tempo

algum: era charlatanice a homeopatia, os ecléticos adaptavam-se às circunstâncias, aproveitando-se de ambos os lados".

Segundo Rocha (Ibidem) um exemplo dessa posição eclética é a atitude do médico Lobo Mascoso, que utilizava tanto a homeopatia como a alopatia, cujos sucessos e/ou insucessos publicava no "Diário", jornal da época:

"... Quatro ingênuos glóbulos de "opium" da décima segunda dinamização e de "nox vomica" da quinta, dissolvidos nãgua, e tomados às colheradas de hora em hora, foram, suficientes para desfazer o nó da tripa que ia vitimando o doente de Dr. Moscoso. (Op. cit. p.222).

Este médico, no mesmo anúncio, refere que antes já havia utilizado uma imensa ofensiva alopática, sem resultado algum.

Nesse período, tanto os homeopatas, quando os alopatas, traçaram planos ou estratégias, uns para afastar os concorrentes, outros para se defenderem e se imporem.

Dentro da estratégia de combate utilizadas pelos alopatas, os jornais também tiveram uma participação importante, embora os homeopatas tivessem utilizado muito mais os jornais leigos, enquanto que os alopatas preferiam os jornais específicos de sua área profissional.

Através das páginas do "Diário", os homeopatas descreviam casos de cura, publicavam cartas de agradecimento ou discutiam a validade do saber dos alopatas. Utilizavam, enfim, os jornais como veículo de panfletagem propagandística.

Rocha (1962) (ibid.) dá notícia que as publicações da quelas cartas de agradecimentos era uma estratégia muito utilizada pelos homeopatas (27).

Embora não fosse uma prática usada pelos alopatas diretamente, há uma alusão a uma referência elogiosa à alopatia por parte do padre Carapuceiro (28), que Rocha (1962, p. 235/236) reproduz e abaixo vai transcrita:

"... Eu e toda a minha numerosa família fomos curados. Deus louvado, com os remédios do tempo do rei Velho, com a prosaica alopatia. Quem quiser que recorra à poética e romântica homeopatia".

O mesmo autor (Ibid.), relata uma polêmica ocorrida entre homeopatia e alopatia por ocasião de uma doença que acometeu o bispo local:

"... Sabino Pinho afirmando que o prelado sarava com as tinturas dinamizadas de sua botica. Moraes Sarmento, médico oficial do antístite sustentando o contrário, isto é, que às suas bebidas se devia o restabelecimento do Bispo. (Ibid., p. 236)".

Defensores ou detratores da homeopatia fizeram largo uso dos jornais da época e, esse fato, produziu provavelmente verdadeiras batalhas literárias entre aqueles dois segmentos do saber médico recifense.

Um exemplo interessante da contra-propaganda utilizada pelos alopatas foi a criação do Jornal "Jan Bichento período analítico joco-sério contra o charlatanismo medical" (29) cujo título é bastante sugestivo e cujo objetivo específico é combater a

homeopatia através de campanhas de desmoralização de seus líderes e acusações, quer de conteúdo científico, quer de natureza moral ou até mesmo política.

Uma outra forma muito utilizada pelos médicos alopatas era usar de epítetos que ridicularizassem o agente e seu saber, como é o caso do apelido que deram a Sabino Pinho: Homem ou pata... (Rocha, 1962).

Os homeopatas, atuavam no confronto, geralmente de forma direta, pessoal, ou em nome da população, como é o caso do artigo denominado "Brado Popular acerca do Regulamento de 27 de setembro de 1851, intitulado da Junta de Higiene Pública", antes referido, evitando pronunciamento em nome do grupo (30).

Já os médicos alopatas adotavam comportamento inverso, preferindo quase sempre não se envolverem diretamente, mas deixar que por eles agissem seus órgãos representativos, como é o caso da Academia de Medicina de Pernambuco e mesmo instituições públicas, como o Conselho de Salubridade Pública.

A essa altura, uma questão merece ser colocada: Por que foi combatida a Homeopatia, se comungava os ensinamentos do mesmo Hipócrates e fundamentava sua doutrina numa mesma filosofia (os sistemas médicos quase todos, naquela época, eram vitalistas e espiritualistas) e, principalmente se era exercida também por médicos?

Podem ser formuladas algumas outras questões à guisa de respostas:

- a) seria pelo fato de os próprios homeopatas terem dado um tom de confronto à disputa, apresentando homeopatia como a "única" e verdadeira medicina?
- b) ou seria porque afirmavam que a "velha medicina" não era eficaz, mas que a homeopatia (uma "nova medicina")

dicina") o era?

c) ou ainda, teria sido pelo fato de afirmarem que a homeopatia devia substituir os "sistemas médicos" até então usados?

Com relação às motivações dos médicos alopatas podem ser colocadas outras questões.

Os médicos recifenses daquele período acatavam totalmente os ditames da Academia Imperial de Medicina via sua sucursal a Academia de Medicina de Pernambuco, as quais já haviam se pronunciado contra a homeopatia, copiando a Academia de Medicina de Paris.

Além do mais, até os fins do século XIX e início do século XX, os consultórios médicos alopáticos se ressentiam de clientela, ao passo que os homeopatas tinham bastante clientes, fato que deve ter tido o seu peso nas iniciativas de combater a homeopatia, nesse caso, uma perigosa concorrente.

Por esses e outros motivos, a preocupação com a concorrência dos homeopatas tinha que ser maior do que com a dos demais terapeutas.

Diferentemente das outras terapêuticas não médicas, a homeopatia apresentava-se também como ciência e era praticada por médicos (embora a praticassem também alguns "não médicos").

As terapêuticas não médicas, eram praticadas por pessoas leigas, ignorantes do saber científico, enquanto que a homeopatia, por ser praticada por médicos e por possuir uma doutrina, não era um saber leigo, popular e assim sendo, poderia vir a ser equiparada à "verdadeira medicina", ou, quem sabe, até substituí-la. Urgia então impedir, de alguma maneira, tanto a sua expansão como a sua legitimação.

O objetivo de colocar a homeopatia na total ilegítimidade, fazendo de sua prática algo criminoso, foi considerado uma necessidade imediata e passaram assim os homeopatas a serem considerados os piores charlatões "porque são médicos".

O eco dessa forma de fazer um juízo de valor antes que científico sobre a homeopatia, chega até hoje através dos escritos de quantos se interessaram pela história da medicina, em Recife.

Freitas, O. (1943 p.13) que faz as primeiras referências ao confronto, embora escreva em 1943, já distanciado dos acontecimentos examinados, defende a alopatia a ponto de escrever que em 1840, ano da introdução da homeopatia no Brasil,

"... a anarquia na arte de curar se generalizara por todo o país, o curandeirismo lastrava por todo o Império, de mãos dadas ao charlatanismo dos sectários da homeopatia, os quais sofismando uma das leis do governo imperial, datada de 1832, sobre o exercício da medicina, conseguiram deste que uma congregação de indivíduos pela maior parte indoutos, constituindo uma espécie de conciliábulo, - pudesse conferir certificado de aproveitamento àqueles que eles diziam ser seus discípulos (40). Data daí esta derrama de charlatões, munidos de tais certificados, por todas as províncias e, Pernambuco como era de prever, não se furtou, de modo algum, a esta enxurada de médicos improvisados, sem conhecimentos suficientes para exercer com inteligência a espinhosa profissão, mas podendo explorar, habilidosamente, a crassa

ignorância da população, usufruindo os proventos em troca de umas bebestragens que só podiam curar pela inocuidade e pelo prodigioso poder da força medicatriz.

Os jornais da época, examinados pelos historiadores da medicina, deixaram transparecer as cores vivas do confronto então ocorrido entre homeopatas e alopatas

Os homeopatas de um lado, convencidos da superioridade de seu saber e sua prática e os alopatas, também, do mesmo modo, convencidos de sua ciência e sua arte.

Freitas (op. cit. p. 13), analisando esses fatos, já em 1943, vê a vitória dos alopatas sobre os homeopatas, como coisa justa, como o denotam as suas impressões sobre o rumo tomado pelos acontecimentos:

"... Felizmente esta barbárie médica encontrou duas fortes barreiras aos seus desmandos, duas instituições dirigidas por másculos talentos que combateram com a maior eficiência, conseguindo fazê-la desaparecer completamente, no fim de algum tempo: - A Sociedade de Medicina de Pernambuco e o Conselho Geral de Salubridade."

Os homeopatas que mais se destacaram nas lides do confronto foram João Vicente Martins e Sabino Olegário Ludgério Pinho.

João Vicente chega ao Recife em 1850, encontrando um contexto favorável à aceitação da homeopatia.

Mas, ao mesmo tempo, depara-se com ferrenhos opositores nas pessoas dos Presidentes da Sociedade de Medicina de Pernambuco

co (o médico, poeta e político Maciel Pinheiro) e do Conselho de Salubridade (o médico Aquino Fonseca).

A sua chegada ao Recife acirra os ânimos em virtude de sua intensa atividade panfletária, com a ajuda da qual consegue manter o clima de confronto até o ano de sua morte em 1854. Enviado por Berto Mure, de comum acordo com seus pares do Instituto de Homeopatia do Rio de Janeiro, para propagar a homeopatia no nordeste do país. quis o acaso que Sabino Pinho por essa ocasião estivesse acometido de grave moléstia (Pneumonia) para a qual seus professores da Escola de Medicina da Bahia não haviam obtido êxito no tratamento. Sabendo dos sucessos operados na Bahia por Vicente Martins, procurou-o, e, curando-se, tornou-se também militante da homeopatia.

Tendo fixado residência em Recife, Sabino Pinho, em 1845, recebeu, nesta cidade, Vicente Martins que a ele juntando-se desencadeou uma ofensiva contra a alopatia, de notáveis proporções.

Como parte de sua estratégia de implantação da homeopatia em Recife, os líderes João Vicente e Sabino Pinho criaram um curso e um Instituto de Homeopatia. Criaram, também, ambulatórios para atendimento gratuito às populações carentes, bem como, prestaram relevantes serviços à comunidade por ocasião das epidemias que de quando em vez assolava às populações. (Rocha, L., 1962):

Referindo-se à eficiência da propaganda em prol da Homeopatia que esses dois líderes promoveram, conta Rocha (Op.cit. p. 22) que Sabino Pinho

"... tomou de assalto a cidade inteira, que se en

cheu de repente de médicos homeopatas, de consul
tórios homeopáticos e de livros homeopáticos".

Vários tipos de agentes homeopáticos atuaram em Reci
fe por aquela época:

- a) médicos graduados nas faculdade de medicina bra
sileiras e estrangeiras;
- b) pessoas com certificado dos cursos de homeopatia
criados pelos homeopatas no Rio de Janeiro e em
Recife (sem diploma de médico);
- c) pessoas sem quaisquer certificados ou diplomas.

A quantidade de médicos alopatas em exercício naquela
época era de aproximadamente 50 (cinquenta) entre diplomados e
licenciados; enquanto que os homeopatas não chegavam a uma deze
na.

Os líderes do movimento alopático foram Aquino Fonse
ca, Presidente do Conselho de Salubridade e Maciel Pinheiro, Pre
sidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, conforme referi
do anteriormente.

Aquino Fonseca, cioso de seu dever de zelar pelo espa
ço institucional da medicina alopata, queixava-se da Corte, em
seus relatórios, pela situação que a medicina sofria em Recife:

"... só pelo mau exemplo da corte foi implantada
nas demais províncias a homeopatia, que em cada
canto levanta medicastros." (op. cit. p. 270).

O citado médico, na qualidade de Presidente do Conse
lho Geral de Salubridade, negou, segundo já citado, pedidos de
licença para clinicar aos homeopatas: João Vicente Martins, Ca

sanova, Santos Junior, Chidloe e Bimont, chegando a culpá-los, pelo mau exemplo que davam, de que houvesse um médico espanhol, E. Astodillo, que prescreveu cataplasma de escremento de boi, cuja prescrição por ele fora encontrada em uma botica da cidade. (op. cit.).

Pelas fontes bibliográficas consultadas (Rocha, 1462 e Freitas, 1943) e mesmo por informações colhidas nas entrevistas realizadas parece que em Recife João Vicente não teve de lutar com dissidentes como ocorreu no Rio de Janeiro e, se os houve, não tiveram a expressividade do Dr. Duque Estrada e seus seguidores.

A homeopatia, introduzida em Recife por Sabino Pinho e Vicente Martins, espalhou-se pelo interior da província, com o concurso de leigos e/ou farmacêuticos, onde, era uma terapêutica bastante demandada pois, como ainda hoje acontece, ao interior, poucos médicos se aventuram a ir, deixando o campo de atuação médica um tanto livre para que modalidades terapêuticas não oficiais sejam praticadas sem constrangimento.

No período que vai de 1854 (morte de João Vicente Martins) até a década de 1960 (quando Rocha, L. escreveu a sua História da Medicina em Pernambuco, não foi encontrada nos autores consultados (Freitas, O. e Rocha, L.), qualquer referência a existência da homeopatia em Recife, aparecendo nesse período, uma espécie de vazio histórico nas fontes secundárias que provavelmente seria preenchido, caso fosse feita uma pesquisa documental com objetivo específico.

Neste ítem (4.1), do capítulo 4, sobressaem os seguintes fatos:

- 1) O "campo médico inicialmente estava dividido em dois grupos, o dos médicos e o dos "não médicos".

Entretanto, com a chegada dos homeopatas ao Brasil e ao Recife, passa a ter uma conformação mais complexa, visto que os novos terapeutas (os homeopatas) não são todos médicos, contando entre eles uma boa parcela de "não médicos" que, no interior, é até mais numerosa;

- 2) os homeopatas que, naquela época, implantaram a homeopatia no Brasil tinham por objetivo substituir a medicina alopata pela homeopática, e ainda mais, repartir a sua ciência (seu saber e práticas) com todos que assim o desejassem, em total desacordo com o corporativismo médico já então bastante forte;
- 3) alguns médicos alopatas que aderiram à homeopatia, por serem oriundos das oligarquias e pensarem que a profissão de médico não devia ser popularizada, criaram um grupo dissidente que passou a perseguir também os introdutores da homeopatia no Brasil;
- 4) a Homeopatia foi, naquela época, considerada como prática charlatanesca porque propalava curas incapaz de realizar, devido ao fato de que os medicamentos homeopáticos eram considerados inócuos (pelos médicos alopatas) na melhor das hipóteses, ou mesmo venenosos.

Como será visto nos itens seguintes, esses fatos não ocorrem da mesma maneira hoje em dia. Com relação ao item nº 1 (um), os homeopatas agora, são praticamente todos médicos⁽³¹⁾, dando assim, uma nova organização ao "campo médico":

- 1) médicos alopatas
- 2) médicos homeopatas e
- 3) não médicos.

No que diz respeito ao ítem 2, os homeopatas de hoje, na sua maioria, tem por objetivo a aceitação da homeopatia pelos médicos alopatas (incluindo neste objetivo o ensino da homeopatia nas Universidade) e não a substituição da medicina alopática pela homeopatia como desejaram os homeopatas no século passado.

Com relação ao ítem 3, ainda existem divisões no seio da homeopatia, mas relacionadas agora com os conceitos; com a doutrina e modalidades terapêuticas homeopáticas, não chegando os grupos a se degladiarem, pelo menos publicamente.

Finalmente, o relacionamento entre homeopatas e alopatas mudou bastante (ítem 4). Hoje os homeopatas constituem um grupo de especialistas da medicina, não sendo considerados mais como charlatães pelo menos abertamente, embora os médicos alopatas continuem a dizer que a homeopatia carece de fundamento científico.

Desse modo, percebe-se que as características do "campo médico" e do confronto entre homeopatas e alopatas, atualmente, são bastante diferentes daquelas do século XIX, onde ocorreu o confronto inicial.

4.2 - TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS REDIMENSIONAM O CONFRONTO

A partir da década de 1960, (quando surgem) vários núcleos de insatisfação por parte das populações no Brasil, como no resto do mundo ocidental, alguns cidadãos passam a desconfiar de uma eficácia capaz de trazer consequências tão graves como deformações congênitas (como por exemplo o caso da Talidomida, na área da farmacologia clínica), apesar do sucesso indiscutível que a medicina alopata obteve na área da cirurgia, entre outros⁽³²⁾.

Ao mesmo tempo, a revolução industrial, que se intensificou no alvorecer do século XX, tem sido responsabilizada pela eclosão de um grande número de doenças crônicas e degenerativas. (Landmann, J. 1982, 1983, 1984).

Outrossim, a medicina alopática, devido à sua adesão ao modelo capitalista, que aliás ajudou bastante na sua apropriação definitiva do "campo médico", tem contribuído para o surgimento de contradição no setor dos serviços de saúde no Brasil, a qual está muito bem descrita nas palavras de Singer:

"... Ora, na medida em que a Epistemologia Social aponta o próprio modo de vida nos países industrializados como sendo o responsável último pelo crescimento do número de enfermos crônicos, é óbvio que os sistemas de saúde não podem lhes oferecer muito mais que terapias sintomáticas". (Singer e col., 1978, p. 50/51).

Nesse novo contexto tanto da sociedade quanto da medicina, ressurgem, com mais vigor, as opções terapêuticas não médicas, no meio urbano, e com elas a homeopatia.

Landmann, J. (1982 e 1983) dá como justificativa para esse fato, a conjuntura da sociedade capitalista, onde ocorreram as revoluções industrial e tecnológica, que têm tornado a medicina alopata ineficaz com relação à prevenção e cura de algumas doenças ou ainda, pelo fato de que a medicina alopata continua apegada a teorias tornadas obsoletas, tendo em vista a revolução ocorrida nos fundamentos teóricos do mundo científico (33).

Por outro lado, com o surgimento daqueles núcleos de descontentamento e decepção no seio da sociedade pós-industrial, tem início o recrudescimento da demanda por terapias não médicas nos meios urbanos (34).

Com o advento dessa nova situação, a hegemonia dos alopatas, até então bem firmada, começa a sofrer uma nova tensão, com a demanda cada vez maior por terapêuticas não médicas.

Ao mesmo tempo, até os pacientes fiéis à medicina alopata, começam a exigir muito mais dos tratamentos médicos e a cobrar, também, punição para os erros médicos que, quase sempre ficavam impunes, por conta do forte corporativismo existente entre os médicos.

Outrossim, no século XX, o contexto econômico-social em que a alopatia está inserida fornece-lhe um respaldo que a torna muito forte frente às demais terapêuticas, não permitindo que sua posição seja facilmente abalada, quer no interior do "campo" quer na sua relação com o Estado.

A adesão da medicina alopata ao modelo capitalista tem feito com que a saúde passe a fazer parte do universo da produção de mercadorias, deixando de ser

"... um estado natural de uma população para tornar-se eminentemente um produto, uma mercadoria que é comprada e vendida. A produção social da saúde aparece como um "serviço" a ser prestado à população" (Barchifontane, C. e col., p. 189).

Entretanto, com a redemocratização do país e a abertura política (1980), surge um novo contexto social onde a homeopatia, que reapareceu de forma mais expressiva desde a década de 1970, conquista uma nova posição no "campo médico": de prática terapêutica perseguida como charlatanesca, passa a integrar o elenco das especialidades médicas, por força da Resolução 1000/80 do Conselho Federal de Medicina, dando ensejo a uma nova estruturação do "campo médico".

Nessa nova ordenação, os médicos homeopatas passam a integrar um grupo à parte em virtude das novas peculiaridades de que se reveste a prática da homeopatia: possui um discurso divergente aproximando-se desse modo das terapêuticas não médicas mas não pode fazer parte desse grupo tendo em vista que, agora, só pode ser praticada por médicos e que além do mais é considerada pelo Conselho Federal de Medicina como uma das especialidades médicas.

Essa nova posição da homeopatia é plena de contradições e de ambiguidades.

A série de transformações que teve ensejo na sociedade brasileira entre as décadas de setenta e oitenta, deu uma nova conformação ao "campo médico": os médicos alopatas ocupam a posição hegemônica, entretanto, as terapias não médicas são uti-

lizadas por uma parcela da população nada desprezível, que na maioria das vezes, utiliza concomitantemente os serviços dos médicos alopatas e dos homeopatas, (74) sem descartar a possibilidade de consultas a curandeiros sempre muito requisitados.

Todavia, apesar da segurança que a adesão ao modelo capitalista dá à medicina alopata, o crescimento de descontentamento e decepção, não somente por parte de alguns pacientes como também por parte de alguns alopatas, fez com que a homeopatia, resurgisse, no "campo médico", desfrutando agora de uma posição privilegiada: é uma opção, uma alternativa terapêutica para os descontentes que não é alopática mas não deixa de ser médica.

Essa nova circunstância aponta para uma reorganização do campo médico onde existem, hoje em dia, grupos de agentes que se alinham em torno de interesses comuns e procuram tornar seu grupo hegemônico, com o objetivo de ficar com o maior quinhão na partilha das vantagens decorrentes de suas atividades como profissionais.

Esse desejo, partindo de diferentes grupos de agentes é capaz de gerar tensão e confronto entre grupos cujos interesses estão em jogo.

Estes dois grupos, cuja relação de tensão é estudada nesta pesquisa, estão inseridas num contexto histórico e social, muito diferente daquele da época da introdução da homeopatia no Recife.

O papel da medicina alopática e até da medicina homeopática dentro desse campo também é muito diverso. Isto modifica amplamente as características das atuais relações entre aqueles dois grupos de agentes.

Para melhor situar a questão tendo em vista o conteúdo das entrevistas e a orientação metodológica adotada, a mesma será analisada levando em consideração:

1. As características do confronto atual
2. As ideologias médicas que se evidenciam nas entrevistas
3. Os caminhos da legitimação.

4.3 - ARTICULAM-SE NOVAS TÁTICAS EM BUSCA DA HEGEMONIA

No momento histórico analisado anteriormente (1845 - 1854), o confronto envolveu, também, tanto os aspectos doutrinários e a prática profissional, enquanto sistema terapêutico, como os aspectos de legitimidade ⁽³⁵⁾ ou não.

Naquele período, tanto homeopatas quanto alopatas radicalizaram suas posições. Os alopatas procurando a todo custo impedir as práticas e avanços da homeopatia e os homeopatas visando, por meio de suas estratégias, ocupar espaços, avançar, tanto no sentido de assegurar e ampliar a sua clientela, como no de formar profissionais com vistas a uma rápida expansão.

Atualmente mudou, sem dúvida, toda a estratégia de relacionamento, tanto no que diz respeito ao grupo hoje hegemônico como em relação ao grupo que se lhe opõe.

Se antes, para os alopatas, a homeopatia era uma prática de comunista, subversivos, pessoas imorais e carentes de saber científico, hoje, o confronto ficou restrito à ordem da ciência, porque no momento atual o "fato homeopático" ⁽³⁶⁾ é uma realidade concreta.

Refere Novaes (1989 p. 290); a esse respeito, que:

"... se o fato homeopático é uma realidade concreta, é necessário como declarou Sposati, que sua comprovação se dê a partir de pesquisas realizadas "pela chamada ciência oficial", vale dizer, com critérios definidos e protocolos de experimentação claramente delineados. A homeopatia então, talvez consiga construir uma no

va teoria que, revelando um caráter científico, possa fundamentar a sua prática".

Assim sendo, da homeopatia agora exige-se que apresente um posicionamento científico, pois se tem casos e estatísticas de curas para defender sua validade como sistema terapêutico, que a presente os fundamentos científicos racionais, capazes de fundamentar esses casos e essas estatísticas, numa linguagem comum a toda a ciência médica, livre de posicionamentos místicos, metafísicos ou filosóficos, é o que hoje determina a classe médica (alopatia):

"... tendo permanecido subordinada e ocupando espaço reduzido no conjunto das práticas sanitárias, hoje é a homeopatia que deve buscar se explicar cientificamente." (Novaes, R, 1988p. 93).

A essa conclamação de alguns representantes do grupo hegemônico, têm respondido, os homeopatas, basicamente de duas maneiras:

- a) um grupo coloca-se francamente a favor de testar experimentalmente, de acordo com as exigências metodológicas atualmente vigentes no campo científico, os fatos homeopáticos, isto é, usando os critérios (científicos) da medicina:

"... Concluo afirmando que é fundamental que falemos a mesma linguagem científica da escola clássica⁽³⁷⁾, e, procuremos confirmar ou negar nossas teorias, nossos conceitos ou nossas práticas, baseando-nos nas pesquisas realizadas pela chamada ciência oficial. (Sposati, M.C.C. in Novaes, R. Lafetã, 1989, p. 277)"

b) o outro grupo não aceita que se usem os critérios da "escola clássica", já que para ele, sendo o medicamento homeopático de base "energética", a "ciência médica normal" (38) não possui instrumentos capazes de detectar a existência do medicamento homeopático que é "imaterial" (39), nem tão pouco seriam eficientes para registrar a existência da "força vital", também "imaterial" (40), responsável pelo estado de saúde ou doença dos indivíduos.

Esses dois posicionamentos, divergentes entre si, dentro do grupo dos homeopatas estão diretamente ligados a duas correntes conceituais, surgidas no século XIX e ainda hoje existente.

Dantas, F. (1986) (41) analisando a questão, traçou um perfil para cada um desses grupos.

Os grupos dos radicais caracteriza-se por não acatar ou tra terapêutica, visto que consideram a homeopatia como (verdadeira medicina e o único método terapêutico realmente válido, concebendo-se como um terapeuta "que prescreve o remédio único em uma dose mínima, sob forma dinamizada, selecionada de acordo com a lei dos semelhantes". (concepção de James Tyler Kent in Dantas, 1991 p.5)

Já o grupo dos não radicais caracteriza-se por considerar a homeopatia apenas uma entre as diversas terapêuticas médicas e autoconcebendo-se como um profissional "que acrescenta ao seu conhecimento de medicina um conhecimento especial de terapêutica homeopática e cumpre a lei dos semelhantes" (concepção do "American Instituto of Homeopathy" in Dantas, 1991 p. 6)

A diferença fundamental entre os dois conceitos é que o radical é exclusivista, tanto com relação à terapêutica homeopátii

ca quanto à utilização da modalidade "unicista". (42)

Desse modo, o confronto, a luta, está se desenvolvendo em pelo menos dois níveis: uma luta interna à homeopatia entre a queles que consideram a homeopatia "uma" entre as "várias" tera pêuticas médicas, numa situação de sub-sistema, de complementari dade e os que consideram a homeopatia como "única e verdadeira medicina", uma medicina substituta, posição esta que também fi cou evidente em algumas entrevistas.

O outro nível do confronto seria entre o grupo dos alo patas e dos homeopatas.

Nesta nova situação, o confronto parece deslocar-se pa ra um novo "front", o "campus" universitário, onde a disputa se desenvolverá pautada, principalmente, pelo argumento da ciertifi cidade ou não da teoria homeopática.

Todavia, parece provável que este confronto se dê, ten do como representantes, do grupo homeopático aqueles que são par tidários de uma concepção não exclusivista, não radical, da homeopatia (43), porque a própria concepção que o outro grupo tem da homeopatia não lhes dá espaço para colocá-la em discussão como pa rece ser o objetivo do grupo não radical.

Os dados obtidos com as entrevistas, parecem demonstrar que, em Recife, atualmente, o homeopata não radical está em maior representatividade, o que de certa forma também foi confirmado pe las observações feitas em outros contatos fora das entrevistas (observação de cursos, conferências, etc.).

O contato, através de entrevistas, com os profissionais que admitiram uma concepção exclusivista, deixou transparecer que esses agentes não parecem desejar mudar a situação existente, pa recem estar satisfeitos em considerar o seu sistema como um siste

ma fechado, incapaz de se integrar aos demais sub-sistemas da me
dicina (49).

Entretanto, do lado do grupo hegemônico, já que não é possível contestar a legalidade da prática homeopática e consequentemente obstá-la, restou apenas a contestação de seu caráter de "ciência" e através dela tentar impedir o seu crescimento/re
conhecimento e a sua aceitação no âmbito da Universidade.

Hoje em dia, o confronto parece estar adstrito ao as
pecto da cientificidade ou não de sua "teoria" e "praxis". Assim sendo, faz-se necessário discorrer um pouco sobre os fundamentos dessa "teoria" e dessa "praxis", o que será feito no item que se segue.

4.4 - OS ENTREVISTADOS E SEUS DISCURSOS.

Nesta subdivisão do cap. 4, considerando as novas características que envolvem o confronto, sobressaem os seus aspectos ideológicos.

Este maior relevo dado aos aspectos ideológicos justifica-se pelo fato de que hoje em dia, o confronto, bastante camuflado de ambas as partes, se dá muito mais no nível teórico/ doutrinário do que numa luta aberta e direta pela hegemonia, da homeopatia dentro do "campo médico", já que os homeopatas, no momento, em sua maioria visam um reconhecimento mais que uma suplantação.

A homeopatia, fundada por Samuel Hahnemann (1755-1843),

"... Não se apresenta como um sistema explicativo das doenças e suas causas, mas como um sistema racional e experimental da arte de curar doentes. O indivíduo doente é portanto o ponto de partida clínico e o objeto epistemológico do sistema homeopático." (Luz, M.T., 1988 p. 122)

Apoia-se numa filosofia vitalista e possui como categorias centrais a "força vital", o "miasma" e a "psora", que, na homeopatia, têm o objetivo de:

"... explicar o princípio (ortológico) do processo de adoecimento dos seres vivos, a origem (histórica) das doenças (e não sua causa) e os tipos principais de adoecimento (e não as principais doenças) dos seres humanos)". (Op. cit. p. 123)

A homeopatia, como foi concebida por Hahnemann e como ainda o é pelo grupo mais radical (exclusivista), julga "inútil" o princípio da causalidade eficiente das doenças para a cura dos doentes e por isso não se ocupa dele, despreza o conceito de doença como entidade patológica e também, como consequência, a sua "substância" a entidade mórbida - conceitos fundamentais da racionalidade médica. (Ibid.)

Para a homeopatia, as doenças são a expressão sintomática do desequilíbrio da vida. O papel do médico é concentrar-se nesta gestalt para eliminar o processo mórbido, sem se preocupar com causas nem entidades. (Ibid.)

Centra-se o sistema homeopático na concepção e na observação da vida, através do seu princípio - força vital - manifestado nos seus desequilíbrios - eventos mórbidos. Para esse sistema (método terapêutico), portanto, doença e morte são estágios da vida. (Ibid.).

É certo que a medicina clínica alopática também, no passado, dependia quase que exclusivamente dos sintomas para desvendar o mistério da doença. Mas, a partir do desenvolvimento da anatomia patológica foi se distanciando cada vez mais dos sintomas como meio de conhecimento/reconhecimento. (Ibid.)

Por outro lado, na racionalidade médica moderna, o objeto de conhecimento é a doença estudada de um modo mecanicista, dualista e reducionista, geralmente. Este modo de conhecer, tem dificultado o reconhecimento da homeopatia, uma outra verdade difícil de ser explicada através de seu modelo de conhecimento.

A homeopatia, por fundamentar-se em "teorias" e "praxis", que ainda não se tornaram explicáveis através daquele modelo científico, (da medicina alopata), tem tido sua aceitação como

procedimento científico, completamente obstaculizada, pois na racionalidade científica em geral e na médica em particular, a

"... prioridade da forma de produção sobre o conteúdo - "verdadeiro" ou "falso" - das proposições define-se, assim como um dos traços da racionalidade científica mas é sobretudo a mutabilidade das verdades como condição de produção de novas verdades que define a racionalidade moderna como racionalidade científica". (Ibid. p.30)

Parece que, ao longo do tempo, os homeopatas, ao contrário do que preconiza a racionalidade médica, têm dado prioridade ao conteúdo ("verdadeiro" ou "falso") de sua "teoria" e "praxis" e ao caráter imutável de suas verdades (leis) sobre a mutabilidade das proposições da racionalidade médica (alopata).

Atualmente há uma tendência (detectada neste estudo) entre os homeopatas entrevistados para reverter aquele antigo posicionamento, adotando os critérios da racionalidade médica. Provavelmente, esse grupo, compreendeu que só poderia ter chance de ser aceito pelo grupo oponente (os alopatas), adotando as regras do jogo daquele grupo, "comprometendo-se a adotar a mesma axiomática científica e ferramentas elaboradas pela ciência oficial", desempenhando assim um papel de cumplicidade como já foi anteriormente referido.

O grupo mais radical desejaria uma revolução na ciência médica para acolher a homeopatia sem nada modificar em sua "teoria" e "praxis". O grupo não radical, contentar-se-ia com uma reforma na qual a homeopatia passaria a ser aceita no meio universitário e pelos médicos alopatas como uma especialidade médico-científica? Os radicais desejam uma substituição, os não

radicais, uma aceitação, um reconhecimento.

Comparando-se os dois saberes, encontram-se diferen
ças fundamentais com relação à

- 1) concepção de matéria e energia,
- 2) filosofia vitalista/racionalismo não materialista,
- 3) objeto e objetivo dessas ciências,
- 4) natureza e escolha do medicamento e
- 5) relação médico/paciente.

Segundo Luz (1988), os conceitos fundamentais da racionalidade médica (materialista) atual que são, a causal
idade eficiente das doenças e o conceito de doença como entida
de patológica (e sua conseqüente entidade mórbida), passam, de acordo com a doutrina homeopática, a não ter muita utilidade, já que, para os homeopatas as doenças são a expressão sintomá
tica do desequilíbrio da vida. Portanto, ao homeopata cabe concentra-se apenas nesta "gestalt" para eliminar o processo mórbido, sem se preocupar com "causas" nem "entidades".

Considerando a descrição de Dantas (1986) com rela
ção aos dois tipos de homeopatias hoje em dia existentes, o grupo "não radical" parece não enquadrar-se totalmente na des
crição tomada de Luz, M.T. (Op. cit.), não se podendo, toda
via, afirmar que essas características são devidas a uma modi
ficação em sua posição filosófica ou se se trata apenas de u
ma nova tática para ascender ao polo dominante.

O perfil traçado por Luz, (Ibid) descreve a homeo
patia como um sistema centrado na concepção e na observação da vida, através do seu princípio - a força vital - manifesta
do nos seus desequilíbrios, os eventos mórbidos.

Em contraposição, o sistema alopata centrar-se-ia na doença, procurando obter uma classificação e um conhecimento profundo de sua manifestação, preocupando-se principalmente com o diagnóstico das doenças (Ibid).

Essa descrição sucinta da teoria e "praxis" homeopáticas, em contraposição às "teorias" e "praxis" alopáticas proporcionam a base necessária para apreender, no conteúdo das entrevistas, as posições conceituais e filosóficas que ordenam a ideologia dos grupos em estudo.

4.4.1 - A IDEOLOGIA MÉDICA HOMEOPÁTICA

4.1 - A Ideologia médica homeopática, atualmente, apresenta-se envolvendo dois aspectos principais:

- a) as representações que fazem da ciência médica alopática, da profissão e dos médicos alopatas e
- b) as representações que fazem de sua ciência, sua profissão e de si mesmos como profissionais.

Para os homeopatas, o sistema terapêutico alopata é incompetente no que diz respeito às suas práticas. Afirmam que são práticas pontilhadas de fracassos no concernente à utilização de seu arsenal terapêutico. Essa incompetência seria a responsável, na maioria das vezes, por uma série de resultados prejudiciais à saúde global dos pacientes (qualidade de vida), embora resolvam sintomas de modo imediato.

Esse aspecto de sua ideologia aflorou, principalmente , quando abordavam o motivo que os tinha levado a ser homeopatas:

"a medicina alopática que eu fiz durante 10 (dez) anos, não me convenceu. Não quero dizer que ela não funcionasse, porque funciona. Mas não me convenia como um ideal de cura. As doenças iam mudando de nome, mas o paciente continuava doente . Isso aí eu achei que não era o sistema de cura ideal. O escândalo da Talidomida foi a gota d'água que entornou o copo e eu perdi a confiança no arsenal terapêutico alopático. Se o que hoje é uma verdade científica, daqui a 10 (dez) anos está condenado, que segurança eu vou ter de receitar

um medicamento se não há confiabilidade. Isso daí fez com que eu procurasse mudar. Tinha sucesso na profissão e só mudei por um posicionamento filosófico".

Fazem assim, uma representação bastante negativa da farmacoterapêutica alopática. Quanto à representação que fazem dos profissionais, geralmente procuram não atacá-los diretamente, colocando-os mais como vítimas do poder da indústria farmacêutica e do sistema capitalista como um todo, do que outra coisa.

Entretanto, numa das entrevistas escapou como um desabafo o que se segue:

"... vejo a medicina atualmente como uma coisa primitiva, na idade da pedra e me entristeço muito. Dizem que a medicina está avançada... A tecnologia é que está avançando! Eu não sou contra a tecnologia, mas eu acho que para ela se desenvolver, a gente não precisa prescindir de nossa parte humana. Os médicos estão cada vez mais distantes, os paramédicos estão mais próximos... Esqueceu-se o médico de família... Hoje em dia o médico torce para que existam doentes. Eu fiz um juramento pela saúde do meu próximo que para mim é uma coisa sagrada e eu não esqueci o meu juramento. No momento em que eu não pude fazer algo por ele eu encaminho para outro profissional".

Por outro lado, as entrevistas de um modo geral, tem um corteúdo moralista, profundamente ético, como transparece nas frases seguintes:

"... Nós estamos numa sociedade onde o que mais está predominando é a hipertrofia do "eu". E é isso que mais existe no ambiente médico, mas, ja mais a briga pela saúde. Desde que o mundo é mundo, a ciência médica foi levar a cura ao do ente. Mas este objetivo foi marginalizado pelo sistema".

Quando há insatisfação com a prática do sistema alopatico, isto parece predispor os médicos a se tornarem receptiivos à práticas alternativas que conforme as circunstâncias e ooportunidades podem levá-los a optar ou não pela homeopatia.

Mas, quando acontece um caso onde a prática homeopática torna-se insuficiente para solucionar o problema de um paciiente, o homeopata afirma que a insuficiência é dele e não da homeopatia:

"... Veja só, eu tenho um paciente em minhas mãos e que por infelicidade está entre a vida e a morte e (por uma limitação minha, não é da hemeopatia não) eu não estou conseguindo alcançar o medicamento de cura para esse paciente, eu vou deixar a vida dele se esvair? Se eu sei de alguma outra coisa que pelo menos lhe restitua a vida, para que em vida eu possa fazer alguma coisa por ele, se tiver que ser a alopatia faço qualquer coisa apesar de saber que a alopatia está tratando aquele local, mas pode trazer prejuizo, isso não importa se foi para restituir-lhe a vida. Depois a gente põe o paciente em equiilíbrio. Eu admito a alopatia neste caso, num caso extremo. A acumputura é uma terapia energética, trata da totalidade desde que bem feita. A Fitoterapia é mais local, ela não trata da totaalidade do paciente, trata mais o sintoma, mas se de

reperite a gente está num lugar e não tem nada ao nosso alcance, só tem a herba... Existe a medicina das cores, a musicoterapia, a medicina dos cristais... Eu acho que tudo isto não é para ser excluído, pode servir, desde que bem usado, com critério e quando a gente sabe quando usar e como usar".

(A pessoa que expressou-se com as palavras acima, também adota a cura pelas mãos (energia magnética de uma pessoa curando outra pessoa, o artigo "mesmerismo").

De uma outra entrevista, mas guardando essas mesmas características, é o seguinte trecho:

"... A homeopatia foi o acidente que acontece na vida do médico clássico, eu me decepcionei com a medicina. Achei que não curava e procurei outra medicina. Nessa busca conheci várias escolas médicas como acupuntura, alguma coisa de Ioga, bioenergética, iridologia, até que cheguei à homeopatia e acho, achei que estava encontrando a medicina que cura".

Por outro lado, há uma outra característica que perpassa em todas as falas dos entrevistados: seu posicionamento holístico, que procura não só ver paciente de forma global, mas integrá-lo num sistema maior, o cosmos:

"... A nossa vortade entre em desequilíbrio e nós passamos a ser desarmônicos. A nossa vortade se afasta das leis cósmicas, ela se afasta da ordem cósmica. Nós passamos a perverter a

nossa vontade. E quando a gente entra em cura, a gente passa a caminhar próximo ao cosmos e em consequência disso é que vai transcorrer a cura física. Mas a cura física sem o bem estar interior, ela não existe".

Ao mesmo tempo, no conteúdo das entrevistas, muitas vezes o entrevistado faz suas colocações de uma forma poética, parece mesmo que partilha um certo romantismo, ou melhor dizendo, desenvolve uma visão estética do homem e seu ambiente:

"... Quando nossa energia vital se desequilibra, a nossa vontade fica pervertida e nós passamos, cada um a ter as suas perversões, cada um à sua maneira, cada um a sua loucura, cada um a sua neurose. Então, quanto mais desequilibrado estivermos (na nossa energia vital), mais neuróticos estaremos e a nossa vontade vai estar afastada da ordem cósmica. Então, hoje em dia, o contexto mundial em que nós nos encontramos é de uma bárbara hipertrofia do "eu". O ser humano, como nós estamos nessa hipertrofia do "eu", ele esquece de ter contato consigo próprio. Ele não sabe o que é parar para pensar e sentir a si mesmo, sentir as suas angústias, as suas ansiedades. A maioria de nós faz assim! Há, eu estou com uma angústia então eu vou beber, há eu estou com uma angústia, então eu vou pegar o carro e sair a 120 km/h; há, eu estou com uma angústia então eu vou sair por aí e vou gastar, gastar, gastar ou então, vou começar a reter, reter, reter, cada

um à sua maneira, cada vez mais o homem vai se afastando da natureza, não se observa e vai se afastando de tudo, do campo, da beleza natural, da contemplação, vamos nos tornando cada vez mais autômatos, e o amor, ele vai sendo cada vez mais reprimido, cada vez mais fechado. Então, quando nós entramos em equilíbrio, esse amor começa a renascer dentro da gente, nós nos permitimos amar!"

Este posicionamento holístico, tendente a aceitar um certo naturalismo (alimentos naturais, contato com a natureza, vida menos sedentária, prática de exercícios físicos, Yoga etc.) perpassa todo o conteúdo das entrevistas, embora poucos entrevistados pareçam incluir um aconselhamento de cunho naturalista, como complemento do tratamento homeopático.

Entretanto, um dos entrevistados provavelmente faz, esse aconselhamento como sugere o seguinte trecho de sua entrevista:

"... Eu acho que o equilíbrio da gente, precisa ser entendido também como um equilíbrio da natureza. A gente deve ter uma ligação. Então, infelizmente, a gente não tem, a homeopatia convida muito o indivíduo a se observar. Você passa o dia todo trabalhando num consultório, fechado, com ar condicionado, não respira bem, às vezes está num prédio alto. Você, fim de semana fica em casa lendo o jornal, não sai, não nada, não vai num jardim zoológico. O indivíduo hoje só

vê isso como prazer, curtição, não sabe da importância daquele arzinho puro que ele está respirando. Ele está pegando a coisa assim sem querer, está acontecendo, mas ele não observa que ele está tendo um sol, que está tendo uma árvore, está tendo uma terra. A natureza em si, de uma maneira geral: O homem começou a adoecer quando ele começou a romper com a natureza. Ele mora num edifício alto, passa o dia todo em casa, mora num edifício assim tipo empresarial, ar condicionado e tal, e ele vai se acostumando com isso...

Então esse conceito de ecologia mais humana, de relação com a natureza, tem que ser inserido nesse contexto do tratamento. Se você vive desregrado, totalmente divorciado do sistema ecológico, a homeopatia te ajuda mas, repare bem, não é só isso".

Essa predisposição para aceitar as práticas terapêuticas alternativas, principalmente as que são consideradaa de base energética, parece ser uma resultante de sua insatisfação com a prática alopática anterior.

por outro lado, a falta de uma explicação que seja "cientificamente" comprovável para o modo de ação do medicamento homeopático (dose infinitesimal, sem substância, dose imponderável) parece ter levado os homeopatas, tanto os do século passado como os de hoje, a adotarem uma via quase esotérica, mística, espiritualista ou mesmo especulativa para fundamentar sua doutrina/teoria.

Todavia, todos os homeopatas entrevistados fazem questão de separar as duas coisas, a homeopatia e a religião:

"... A pessoa, na minha cabeça está constituida de 3 planos, o físico, o mental e o espiritual. O homem é uma partícula do universo. Eu sou da linha espiritualista. Não estou confundindo medicina com religião, pelo amor de Deus... O homem faz parte do universo como um todo, está integrado naquilo alí e é justamente a quebra dessa relação que está levando a tanta coisa ruim. Quando houver uma reintegração, isso seria o ideal, é cada pessoa procurar sua partícula que está lá, sua essência, acho que aí é que está o nó..."

Mesmo assim torna-se quase inevitável que nas reflexões que fazem sobre a sua doutrina/teoria, muitas vezes sejam levados, em tese, a assumirem esse lado espirititualista. Contudo, tendo em vista que a concepção de ciência, atualmente vigente no âmbito médico, não permite tal posicionamento procuram atenuar esse aspecto de seu saber quando ele surge, inevitavelmente, na discussão da sua teoria.

Por esse motivo um dos entrevistados que já escreveu três livros, não quis editar os dois últimos, já que, nesses livros assume, de certa maneira, esse aspecto de sua ciência:

"... Eu escrevi mais dois livros, mas não vou publicar. Não acho que deva. Eu creio que a homeopatia hoje, ainda não está no momento de ser editado esses dois livros, porque são livros muito filosóficos e como tal, podem dar uma impressão de um lado assim não científico sabe, o primeiro livro. O outro é que a homeoq

patia é um tratamento muito profundo. A pró
pria concepção filosófica que se baseia numa
força vital, num princípio de vida universal.
Isso daí, já orienta a pessoa para um campo
não muito experimental, um campo mais empíri
co ⁽⁴⁵⁾, mais místico e eu gosto de separar
porque a homeopatia é uma ciência. Não gosto
de misturar homeopatia com misticismo que são
duas coisas consideradas independentes e não
têm nada a ver. Mas quando essas duas coisas
falam numa mesma verdade elas se encontram.
O segundo livro, é um livro inserido nesse en
contro, por isso, eu não tenho muito interes
se em editar".

Contrariando a posição da maioria dos entrevistados que busca sempre separar seu ponto de vista espiritual do fundamento filosófico/doutrinário de homeopatia, houve um entrevistado, espí
rita, que assumiu totalmente essa interface homeopatia/religião ,
como bem denota partes do conteúdo de sua entrevista.

Este homeopata, ao longo da entrevista, embora os temas abordados fossem os mesmos das demais, desviou as respostas para outras questões.

Sua visão do mundo profundamente espiritualizada fez com que voltasse seus interesses para a cura espiritual, mais pre
cisamente a cura mediúnica. SEus interesses, atualmente estão con
centrados num grupo de cura mediúnica que lidera e que atua num
Centro Espírita de linha Kardecista.

Embora ainda prescreva medicamentos homeopáticos, desen
volve mais seus tratamentos abordando a regressão à vidas passa

das, que pratica no seu consultório e realizando cirurgias mediúnicas no centro espírita, com o grupo que preside. Tal posicionamento não é visto com bons olhos pelos seus colegas homeopatas.

Este profissional, mantém placa onde se intitula homeopata, mas, na verdade, suas prescrições homeopáticas restringem-se às afecções alérgicas e o grosso da atividade profissional que faz em seu consultório deve-se ao trabalho de regressão a vidas passadas, utilizando a hipnose. Complementa aquela atividade encaminhando o paciente para o grupo de cura mediúnica do centro espírita que frequenta.

A sua opção pela via espiritual, ele a justifica afirmando que a homeopatia pouco ou nada pode fazer em certas situações como "doença de coluna", onde a cirurgia feita pelos mentores espirituais tem se mostrado bastante eficaz.

O longo trecho de sua entrevista que vai transcrito a seguir, tem o objetivo de dar uma idéia de como seu polo de interesse está completamente voltado para a cura mediúnica.

"... Eu vou ler o prefácio do meu livro para você ver o meu posicionamento em relação à ciência, às religiões, etc. - Prefácio - Apresento aos leitores este despretencioso trabalho que contém ligeiras noções da medicina do futuro, na qual o homem será estudado de uma maneira integral, isto é, tanto no seu corpo físico como no corpo espiritual. Julgo-me espírita cristão, mas sou universalista, considerando que as várias religiões têm maior ou menor parcela de verdade e como os homens em geral estão em diversos ní

veis de evolução e a compreensão da verdade de pende do nível espiritual de cada um, há necessidade das gradações diversas dentro da verdade e assim como no ensino convencional não podemos colocar crianças de primário em curso superior , nem universitário em cursos primários, devemos aceitar as pessoas como são até que com a evolução progridam para ver com mais clareza a verdade.

As curas espirituais que o evangelho cita, continuam existindo, mas funcionam segundo leis que muitos ignoram que são:

- a) a necessidade de crer na possibilidade da cura;
- b) não podemos prometer cura a quem quer que seja, pois a mesma vem do plano superior.
- c) não se serve a dois senhores: ou se serve a Deus ou às riquezas, aqueles que adoram ao "Deus milhão" e põem toda a ênfase em auferir o máximo que podem do próximo, quer sejam pessoas ou instituições religiosas, afastam-se de Deus e poderão ser classificados de falsos profetas.
- d) respeitemos a medicina que é uma ciência nobre protegida pelo "plano superior". Os tratamentos espirituais são complementares aos tratamentos médicos. Tanto a ciência como a fé vêm de Deus e devem andar de mãos dadas. A

suspensão fanática e irresponsável de certas medicações e orientações médicas pede levar os seres humanos à morte..."

" Quando o leitor estranhar porque misturo... fé e ciência, dois assuntos que são tratados em separado no entanto eu afirmo que para mim ambos são um todo no íntimo do meu ser, tornando-se difícil separá-los nos meus estudos e na verdade que exporho."

"O sentimento de culpa é terrivelmente patogênico sendo portanto um grande causador de doenças e infelizmente é encontrado com bastante frequência, pois tudo que estiver em desacordo com o mandamento amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo, poderá gerá-lo."

"O sentimento de culpa, o remorso, são os grandes responsáveis pelas doenças emocionais e mentais . As obsessões psíquicas são causadas por sentimentos de vingança e os traumas psíquicos por emoções violentas. O amor representa a harmonia dos centros superiores e o remédio universal para todos os males. Enquanto isso, o desamor, o ódio , são causa de desarmonia, ocasionando todo tipo de guerras".

"... Hipócrates já fazia uma medicina total, holística, do corpo e do espírito. Há uma necessidade disso, então, a homeopatia está mais como uma medicina do espírito que do corpo, uma medi

cina energética que age a nível de periespírito. Então, nós temos um corpo carnal e um corpo espiritual, corpo perecível e corpo imperecível. Então, esse corpo espiritual, quer se chame periespírito, bioenergia, chamem do que chamarem isso não afeta o corpo de energia. Então esse corpo de energia, quando ele se desequilibra as doenças aparecem primeiro na parte espiritual; por exemplo, uma mulher que faz aborto ela fica toda pintada no espírito. Fica toda pintadinha com aquela mancha escura. Muitas vezes em outra encarnação isso se torna em doença, nódulo no seio, etc. Aquela pinta é o começo de uma doença, quer dizer, as doenças aparecem primeiro na aura, corpo de energia, depois é que ela se materializa no corpo físico. Então, não existe doença se não existir um merecimento para tal".

Essa atração pelo esotérico, pelo mistério, transparece também na fala de outro entrevistado:

"O medicamento homeopático é altamente diluído e potencializado, dinamizado, é uma energia que se produz ali e que é um grande mistério, é uma força energética da substância original que quando você faz sucussões, há uma comunicação de mensagens, das propriedades, para o diluente. Então, quanto mais você agita mais ela tem o poder de curar, uma eficácia maior dirigida à pessoa doente, à sua sintomatologia".

Todo esse contexto que envolve a homeopatia dá às vezes à sua doutrina uma conotação de crença que aparece inclusive nas falas dos entrevistados:

"... Como não se sabe ao certo o que acontece, é por isso que a homeopatia não é aceita pelos médicos alopatas. Por que eles iriam acreditar? Eu mesma tive muita dificuldade para acreditar. Mas acontece que os fatos mostram que se você obedecer à lei; você acertar direitinho na similitude do medicamento, você vê o resultado. Então, por isso, eu fui adquirindo confiança".

"... A homeopatia parte do princípio que a doença é um desequilíbrio da energia vital. O homeopata é vitalista, acredita na energia vital, aceita isso, quem não é vitalista não vai nem começar".

Nesse aspecto, a maioria dos entrevistados deixou transparecer a sua atração pelas religiões que admitem a reencarnação.

A teoria homeopática de que a pessoa adoece primeiro ao nível da energia vital e só muito depois é que essa doença vai se manifestar sob a forma de sintomas parece se harmonizar perfeitamente com quase todas as filosofias religiosas reincarnationistas e, aqui no Brasil, o espíritismo Kardecista exemplifica muito bem esta situação.

Um dos entrevistados ao qual já se fez referência anteriormente, que é espírita militante, assume uma total fusão da filosofia/doutrina homeopática com a doutrina espírita/Kardecista. Achou uma forma bastante interessante de fundir as duas dou

trinas (a homeopatia e o espiritismo). Isso se observa bem quando descreve como surge a doença. Na sua concepção:

"... Quando um obsessor chegar com vários bloqueios de energia devido aos ódios, às coisas dele e ele chega e cola na pessoa, então, o periespírito dele, cheio de bloqueios, por indução eletromagnética (aquela lei dos motores) ele vai produzir no periespírito da pessoa, bloqueios energéticos semelhantes. Então, um tuberculoso tem bloqueio energético a nível dos pulmões, primeiro no periespírito, depois o órgão enfraquece porque não está recebendo nutrição de energia que vem do periespírito e então o órgão enfraquece e adoece. Os micróbios, no caso da tuberculose são como os urubus que vem comer a carniça, uma coisa que já está podre. Mas o princípio de tudo foi um bloqueio de energia e os micróbios não são propriamente os causadores do mal".

Para esse entrevistado, as concepções tanto da homeopatia quanto do espiritismo/Kadecista sobre a origem das doenças não só são compatíveis mas até se fundem. É por isso que diz:

"Tomei conhecimento da homeopatia e estudei de forma autodidata. Sou espírita e a homeopatia é muito elogiada pelos espíritos".

É significativo o fato de o espiritismo - Kardecismo se auto-denominar de religião/ciência e a homeopatia se expressar, muitas vezes, como ciência/religião (46).

Por outro lado, a concepção de pessoa de uma das entrevistadas denota também esse aspecto:

"... A pessoa é, vamos dizer o que é o espírito. Na realidade, para mim é um ser inteligente, uma energia que nós somos e que precisamos evoluir e para isso nós utilizamos diversas capas. E essa capa é o nosso corpo que é aquela energia inteli gente que é colocada para que você passe por es se processo aqui na terra, para evoluir. Então , se você tem marcas de um passado, isso aí é uma teoria até reincarnacionista que tem uma lógica, um sentido. Você deve ter ouvido falar na teoria miasmática, aquela miasma que você pode ter ad quirido em outras vidas. Para estes pacientes vo cê não vai ter a mesma resposta terapêutica que vai ter para uma pessoa que não tem esse tipo de miasma, essa diátese, essa predisposição genética e no fundo, é essa a minha visão: que a pessoa es tá numa situação de evolução em que cada um está num nível de diferenciação, é isso".

Outrossim, já uma outra entrevistada confessa que:

"... A homeopatia tem muitas correntes que ten tam explicar o homem e que eu não me aprofundei. Eu não vou muito por esse lado. Eu acho que exis te o corpo e a energia que está centrada na men te e que conduz as coisas. Eu sou católica e a credito numa alma, mas para mim é uma energia , que com a morte sai do corpo. Acredito num Deus como uma força energética que comanda tudo".

A necessidade que o homem tem de encontrar respostas pa ra os dilemas filosófico/existenciais, que tem sido preenchida

de uma forma ou de outra pelas filosofias religiosas, o progresso científico (por sua necessidade de se livrar de dogmas religiosos que atrapalhavam o seu avanço) tem colocado num impasse: ou o homem separa suas concepções científicas de suas concepções religiosas adotando duas posições geralmente conflituosas entre si, ou então passa a ser ateu e fica mais coerente com suas concepções científicas.

O homeopata não é forçado, por suas concepções científicas, a abjurar suas concepções espirituais/religiosas, pelo contrário, elas se harmonizam, se complementam, e eles vivem am esta situação normalmente.

A doutrina homeopática parece possibilitar a reintegração do homem espiritual com o homem científico.

Essa impossibilidade de harmonizar o lado religioso com o lado científico de sua vida, num dos entrevistados, quando médico alopata, funcionou como um dos motivos da escolha de homeopatia.

"Resolvi ser homeopata por dois fatores fundamentais: Um é que eu tinha assim umas concepções de vida, de natureza, talvez até religiosa, uma coisa até mística, em suma, eu achava que o organismo não era apenas uma máquina e me defrontei com a Alopatria que encara o organismo como uma máquina: toda a vida depende de uma cascata de reações químicas tão somente isso, nada mais do que isso. Eu não concordei com essa situação..."

Outro aspecto de ideologia homeopática é que a homeopatia é uma ciência que procura vêr o homem de forma global que não compartilha do dualismo corpo/mente do sistema alopático por

que aborda o paciente como um todo e que um mesmo medicamento homeopático é capaz de atuar nos dois níveis, o físico e o mental. A esse respeito, uma pessoa entrevistada expressou-se da seguinte forma:

"A medicina segue o processo das outras ciências que desde o início a coisa foi ficando muito estanque com essa separação mente/corpo. Antes o médico era um humanista, tinha uma cultura ampla, não somente estudava o corpo humano, como se desencandeia um processo químico. Então, ele lia, tinha uma visão do povo grego, estudava línguas. Então, tinha uma visão muito maior do doente como pessoa. Mas depois de Descartes, o homem passou a ser estudado em pedaço, esqueceu-se o lado mais martal, até espiritual do homem. A partir do momento em que o mundo está se voltando para a busca de uma coisa maior, essa medicina foi ficando rejeitada por um monte de gente que pensa mais do que outros e que foi então procurar uma outra linha (terapêutica) que reintegrasse o homem todo. As técnicas terapêuticas alternativas hoje em dia passaram a ser mais procuradas por um certo número de pessoas, embora a coisa esteja em nível muito pequeno porque a maioria das pessoas só aceita aquela medicina bem tradicional, não encara ainda a homeopatia como medicina. A primeira coisa é o médico se auto-conhecer para poder entender o "outro" (o paciente). Hoje, a medicina é muito desumanizada. Cada vez que eu tenho contato com os a

lopatas e percebo no que eles estão interessados, eu fico doente. Não consigo conviver. Porque quando eu vejo que ele esquece a pessoa, vê mais o homem como uma coisa, assim técnica. Curar "órgão" coloca o "ego" do médico lá em cima, mas esquece de olhar o doente como ser humano. É claro que existem exceções... Mas isto é muito mais uma questão do indivíduo e não de sua especialidade".

Um dos entrevistados, justifica o fato de que para os homeopatas o seu sistema é holístico e o alopata não o é, porque, nos primórdios da história da medicina ocidental, no mundo grego, surgiu a escola de medicina de Cós, onde Hipócrates foi mestre, que adotando uma linha holística, procurou sempre estudar o homem e sua doença, sob múltiplos aspectos. Entretanto, outro grande mestre da medicina grega, Galeno, tinha uma visão fragmentária, a qual prevaleceu posteriormente. Por isto afirmava na entrevista que:

"A postura hipocrática é holística, nela a gente é levado a ver o paciente como um todo, é um conjunto e como tal deve ser visto. Na nossa formação como médicos, nós fazemos um juramento hipocrático, entretanto quando vamos exercer nossa profissão, adotamos uma prática galênica, que é fragmentária. Galeno tinha formação hipocrática, mas por ser médico de Cezar, Imperador Romano,, começou a adotar posturas fragmentárias, para poder atender à demanda de um império altamente bélico. Essa postura fragmentária tem suas finalidades, suas qualidades e seus defeitos".

Foi também dentro dessa ideologia que se posicionou uma outra pessoa entrevistada:

"Na homeopatia você faz medicina sem que esteja dividida, o vitalismo faz isso. Ai veio Galeno privilegiando a idéia de que a doença vinha de fora para dentro. Enquanto que o vitalismo veio de Hipócrates, que criou algum conceito a respeito disso e depois Hahnemann, através de suas experimentações, descobriu que a doença é apenas uma forma de o organismo lutar para voltar à sua saúde, através dos sintomas".

Faz parte também, portanto, da ideologia homeopática, a concepção de que Hipócrates era um médico holista, cuja medicina integrava os vários sistemas, que caracterizava a escola médica de Cós e que Galeno, embora de formação hipocrática, tornou-se organicista devido às circunstâncias em que exerceu a sua profissão. O fato de a alopatia ser organicista é explicado por aquela homeopata devido a que Galeno projetou séculos depois o seu viés fragmentário/organicista que até hoje predomina no sistema alopático.

Dentro dessa mesma linha de pensamento, situa-se o texto abaixo:

"... A homeopatia nasceu conjuntamente com a alopatia. Hipócrates, quando descreveu as formas terapêuticas, ele descreveu as duas formas que ele chamava a cura pelo semelhante e a cura pela diferença. Como naquela época a química estava surgindo e se desenvolveu, foi muito fácil à medicina seguir a química. A química puxou a medicina

para o lado das diferenças".

A Ideologia médica homeopática também sugere que os alopatas são incoerentes, possuem uma postura dual: uma na hora de teorizar, outra ao agir. Segundo essa ideologia, há uma profunda distância entre a teoria e a ação, na alopatia, a qual, estaria presente até na medicina psicossomática pois

"... quando o alopata faz psicossomática, que entende o mecanismo da somatização, da defesa do organismo, etc. Na hora de tratar cadê o recurso? Só o da psicoterapia que leva muito tempo e que nem todos têm resultado".

Por outro lado, se a "praxis" homeopática, do século passado até agora, pouco ou nada modou, a explicação/interpretação de sua doutrina/filosofia, ao correr dos anos, tem buscado na teoria científica mais avançada, de cada época, um respaldo para a compreensão de sua terapêutica. (Luz, N.T., 1987)

Esse fato está presente entre os homeopatas entrevistados, existindo quase tantas teorias explicativas quanto homeopatas.

A maioria dos entrevistados acata a explicação formulada pelo renomado imunologista francês Jacques Benveniste, diretor de uma das mais reputadas unidades de pesquisa do INSERM (Instituto Nacional de Pesquisa Científica e Médica da França). Este pesquisador foi procurado por Bernard Poitevin, diretor do Laboratório Homeopático da França para lhe propor o desafio seguinte:

"Tentar provar em bases controladas e aceitáveis pela comunidade científica que os efeitos orgânicos da diluição homeopática, no ser humano também

se repetiam em células isoladas em tubos de ensaios" (Carneiro, H., 1988).

Beveniste aceitou o desafio e partiu para uma pesquisa na qual utilizou basófilos, células sanguíneas contendo grânulos recheados de substância agressiva, que são liberados quando estimulados por um anticorpo específico de alergia. Esta substância foi diluída em água, segundo os preceitos do modo de preparar medicamentos homeopáticos (altas diluições e sucussões) até não restar nenhum traço material do produto que provocava a reação. colocando-se o basófilo nessa água a célula reage liberando os grânulos. A conclusão de Beveniste foi de que a água guardou uma memória da substância que nela havia sido diluída.

Esta teoria foi prontamente absorvida pelos homeopatas, embora o editor da revista "Nature" que havia publicado a pesquisa de Beveniste, pouco tempo depois tenha publicado um outro artigo retirando a validade científica da mesma.

A comunidade científica teceu críticas ao último artigo, em virtude da maneira como foi realizada a pesquisa.

Como já havia citado, a maioria dos entrevistados aceita a explicação de Beveniste para o modo de ação do medicamento homeopático.

É o caso de uma entrevistada em cujo posicionamento há referência àquela teoria explicativa.

"Você produzir um efeito biológico utilizando uma solução de água destilada ou álcool, que guarda nela uma impressão daquela substância original, a tintura, é uma coisa extremamente revolucionária e os próprios homeopatas não se dão conta do efeito extremamente revolucionário com o qual estão trabalhando, com uma ar

ma poderosíssima do ponto de vista biológico".

Reagindo à afirmação dos alopatas de que os resultados positivos do tratamento homeopático são devidos a efeito psicológico, à atenção dada ao paciente, à valorização da relação médico-paciente, a maioria dos entrevistados afirma que busca compreender a personalidade do paciente apenas para poder personalizar, individualizar o medicamento, como bem demonstra o trecho abaixo transcrito:

"... A gente, quando está tratando de um paciente ele diz: tenho bastante dor de cabeça, dor de estômago, tenho insônia, acordo várias vezes na noite para urinar. A gente anota tudo isso, porque a gente sabe que são coisas que estão incomodando a ele e precisam ser curadas. Quando a gente começa a perguntar a ele quem é você, como é você, me fale das coisas que te incomodam internamente, vão tachar a gente de psicólogo, não tem nada a ver, a psicologia é para os psicólogos que eu respeito muito e a nossa parte, nós precisamos fazer, quem é esse paciente, do que ele sofre. Por que se a gente não tiver essa conscientização, não estivermos conscientes do que esse paciente sofre, o que é que o angustia, como ele reage perante a vida, o mundo, o que move ele, como é que eu vou curar esse paciente, por que é isso que individualiza uma pessoa da outra. Uma dor no estômago não individualiza, é igual para todo mundo".

Contrariando essa posição, demonstrada pela maioria dos entrevistados, inesperadamente, um deles assumiu a sua "prá

xis" como psicoterapia, também;

"... Vamos dizer assim que fazer a psicoterapia do paciente é uma coisa inevitável e você tem que estar preparado para isto, certo? O homeopata tem que ser psicanalisado, fazer terapia ou ter algum tipo de suporte porque ele está lidando com coisas muito profundas. Coisas que às vezes o psicanalista passa um ano para ver, pode sair numa consulta ou em duas. Porque a coisa é dirigida. Então, ele desenterra muita coisa que está no inconsciente e inclusive isso pode funcionar como insight para a cura do paciente".

Por outro lado, a totalidade dos entrevistados concorda com a doutrina Hahnemanniana principalmente no que concerne aos conceitos de força vital: "Um princípio que dá vida e saúde ao corpo", de cujo distúrbio, resultam as doenças causadas porque o equilíbrio da força vital foi afetado. Assim sendo, a finalidade dos remédios homeopáticos é estimular ou equilibrar essa força vital para a obtenção da cura.

Um fato muito interessante que sobressaiu do conteúdo das entrevistas foi a facilidade com que os homeopatas utilizam a palavra "cura" ou "curar" em contraste com os alopatas que, parece que por consenso, evitam usá-las, substituindo por tratamento ou tratar.

Os homeopatas, parecem conservar esse hábito como parte da linguagem médica da época do próprio Hahnemann que assim se expressa no seu "organon": "A primeira e única missão do médico é a arte de curar..." Parece mesmo que os homeopatas mantêm

uma posição de desassombro, fê mesmo, ante a possibilidade de curar o doente:

"... a cura é através da descoberta do similimum, o medicamento que vai equilibrar você. Às vezes o paciente vem com uma sinusite e eu vou descobrir que ele está doente desde a infância. Por traz disso vem todo um sofrimento, às vezes através da esfera afetiva/emotiva e que você deve compatibilizar o medicamento com aquele sofrimento que gerou todo aquele desequilíbrio que se manifesta nas diversas partes do corpo, ora é a perna, ora é a pele ou o estômago, mas antes tem uma vida inteira".

"... A cura é de dentro para fora, a nossa parte mental e emocional e também na parte física equilibrando a energia vital, a nossa parte mental e emocional entra em equilíbrio e a nossa parte física também. O cérebro é o órgão mais nobre, existe uma espécie de hierarquia na cura, ela se processa do órgão mais nobre, para o mais superficial (como a pele). A energia vital entra em equilíbrio através do medicamento que nós damos que é único, porque o nosso paciente é uma individualidade que possui uma única energia vital".

Outro aspecto que contrastou com o outro grupo de entrevistados é sua representação (dos homeopatas) do que é "ser médico".

A auto representação, o que significa ser médico, mostrou também um conteúdo ideológico. Nesse sentido, um dos entre

vistados se identifica com: ser um colaborador do plano divino da criação pois:

"... Há um propósito, uma razão para uma alma encar^{na}r em um corpo. Eu não vou analisar esse propósito. Portanto, ser médico é dar a esse organismo condições de viver o quanto seja necessário para viver e cumprir uma missão a qual eu não estou sabendo qual é, no momento, mas que faz parte do plano da obra da criação. Se a gente tem um corpo é porque precisa. Uma especialização, que dê condições a esse corpo de viver, cumprindo a sua finalidade, é uma obra feita a favor do plano da criação, é uma missão".

Outro entrevistado ainda mantém a antiga representação alopata do médico/sacerdote que hoje em dia não faz mais parte da auto-imagem do médico alopata. Para aquele homeopata:

"... A felicidade do médico como um sacerdote da medicina, é ver o doente se curar, melhorar, se aliviar, através de uma palavra ou de um remédio. Então, eu considero a medicina uma coisa sem fronteiras, uma coisa muito alta. Uma palavra pode adoecer, uma palavra pode curar. Tem na medicina uma coisa chamada iatrogenia. Quando uma palavra do médico ou remédio que o médico passa provoca uma doença, a doença iatrogênica, causada pelo médico. Mas o médico não veio para causar iatrogenias, veio com a missão de curar. É uma profissão, quase um sacerdôcio, protegida pelo plano espiritual superior, uma coisa que deve ser respeitada".

Todos os homeopatas entrevistados têm uma representação muito positiva da própria especialidade e de si mesmos como profissionais, como se vê na fala seguinte:

"... Eu acho que meu papel é muito importante dentro de nossa sociedade, porque eu tenho um meio com o qual eu posso ajudar as pessoas finalmente a conseguir um pouco de equilíbrio, de saúde, que possa ajudá-las a caminhar melhor para atingir como diz Hahnemann, seus altos fins. Então, eu ajudo aquela máquina a se equilibrar, a ter menos disfunções, para que possa viver melhor e alcançar seus objetivos. Que adianta você ter rios de dinheiro se você é uma pessoa bloqueada, neurótica? Pessoas que tem um tempo tão limitado de vida e que possuem os meios materiais para se expandir, não conseguem. Então, você chega para essa pessoa, estuda, consegue encontrar o similimum e você vê essa pessoa se libertar de seus bloqueios psicológicos. Então isso é muito bonito. É claro que isso é difícil de encontrar, nem com todas as pessoas eu consigo. É um trabalho difícil, porque tem pessoas que não têm nem o seu similimum, porque tem muitas substâncias na natureza que ainda não foram pesquisadas e que pode ser o seu. Eu ainda não encontrei o meu, mas eu posso me equilibrar de outras formas".

Outrossim, ao lado da concepção vitalista que arrasta a homeopatia para uma posição especulativa e até esotérica de sua teoria, temos um lado homeopático extremamente positivista que é a preocupação maior com os resultados do tratamento que com a explicação seja da doença, seja da terapêutica. Esse aspecto da homeopatia está amplamente exemplificado nos seguintes depoimentos:

"Os médicos que fazem ~~um~~ medicina psicossomática não têm o recurso de encontrar o medicamento que te nha ressonância em todo o organismo e faça com que a força vital volte ao seu equilíbrio na sua unidade psicossomática. Com a homeopatia você vê isso acontecer na prática. Então, contra fatos não há argumentos. Ciência é isso, você pega os fatos e vai pesquisar em cima dos fatos. Se a cha que a homeopatia é não científica, por que? Porque não se sabe ainda como o medicamento atua. Ninguém tem culpa se a tecnologia ainda não che gou a um nível de atingir, de medir, ou pesar ou captar esse mecanismo de ação. Mas o atraso é da ciência, os fatos estão aí e nós usamos leis que foram descobertas, não que foram criadas pelo ho mem, foram descobertas porque já existiam na na tureza. A lei da similitude, foi simplesmente um homem que observou que existia aquele fenômeno e que desde que você obedecesse a determinados critérios você teria os mesmos resultados. Então a similitude se tornou uma lei, como é a lei da relatividade, a lei da gravidade, etc.".

Todavia, para um grupo bastante considerável (8/10), o vitalismo é vago e a força vital não pode ser demonstrada. Assim, resta-lhe apenas o fato homeopático da cura que, do ponto de vista da sua atuação como profissional é bastante satisfatória, mas, sob o prisma de sua realização como cientista necessita uma metodologia e instrumental capazes de corroborar suas práticas, nos moldes que a ciência atualmente aceita como válidos.

Esse grupo caracteriza-se também por um desejo intenso de aceitação de seu saber e sua prática profissional por parte do grupo hegemônico. Para o mesmo, a primeira barreira a ser afastada é a falta de informação sobre a homeopatia que é uma constante, do lado do grupo dominante. A ignorância a respeito do que é realmente a homeopatia, segundo esses homeopatas, torna-se um dos principais obstáculos ao estabelecimento de um diálogo entre os representantes dos dois grupos.

portanto, o confronto a nível ideológico, a nível das bases de seus sistemas teóricos, está nitidamente presente, tanto em um como em outro grupo de agentes.

Entretanto, merece referência o fato de que por parte dos alopatas não foi referida nenhuma situação em que tivesse havido confronto direto, interpessoal.

Por outro lado, alguns homeopatas (50%) fizeram alusão a situações em que em sua vida ocorreram esses confrontos:

"... Nos hospitais em que eu trabalhava, faziam gracinha, chacota da minha escolha pela homeopatia. Nessa época, o homeopata era e ainda é muito marginalizado, com relação à sua

postura terapêutica e teórica também".

"... Fiz homeopatia concomitantemente com os últimos anos do curso médico. Mais, durante o curso de graduação passei por muitas dificuldades no relacionamento com professores e colegas (da alopatia) que não aceitavam nem valorizavam o tratamento homeopático".

"... Uma vez, numa reunião social, havia outro médico presente e quando eu disse que era homeopata ele quiz levar isso na brincadeira. E disse então a ele: - Olha, eu não tenho condições de discutir sua prática como especialista e eu não sei a sua especialidade qual é não, mas eu estudei. A sua linguagem eu entendo. O senhor é que não entende a minha. O senhor, o que foi que já leu de homeopatia?

- Nada.

- Então nós não temos uma linguagem comum e o senhor não pode falar comigo. Eu não tenho o que lhe explicar nem o que lhe dizer. Agora, na sua área eu posso dizer o que eu acho da sua porque eu já fiz e li muito. Agora, da minha o senhor não pode dizer nada, porque não fez e não leu.

Considerando a descrição anterior, a representação que os homeopatas fazem de si mesmos e de sua prática terapêutica é bastante satisfatória, não tendo sido detectada qualquer frustração com relação aos resultados da utilização de sua terapêutica.

Contudo, o fato de não terem ainda conseguido desenvolver uma teoria explicativa do modo de atuação dos medicamentos homeopáticos que não seja especulativa ou conjectural, incomoda-os bastante. Não que isto os deixe inseguros com relação à sua prática, que prescinde de tais explicações, mas porque uma explicação metodologicamente fundamentada nos cânons da ciência médica oficial levaria a homeopatia a uma posição de igualdade com a alopatia, no "campo médico".

Por outro lado, a representação que fazem tanto da alopatia quanto dos médicos que a adotam como prática profissional, é profundamente negativa. Não aceitando a utilização de terapêuticas alopáticas em seus pacientes, a não ser em casos extremos quando a vida do paciente está em jogo e o tratamento homeopático não está dando resultado. Mesmo assim, o insucesso do tratamento não é contabilizado à terapêutica homeopática propriamente, mas à deficiência dos conhecimentos do homeopata.

Estas duas representações, tão antagônicas entre si, denotam uma espécie de confronto que embora não se explicita publicamente ou em suas associações, cujos presidentes evitam referências agressivas à alopatia, aparece muito claramente na fala dos entrevistados.

Vale a pena referir também, a percepção de uma espécie de contradição que, igualmente, foi detectada.

Os homeopatas, mesmo não querendo confundir as suas práticas homeopáticas com práticas de cunho psicológico ou mesmo místico/espiritual (ressalvando o caso do médico espírita), o próprio conteúdo dos conceitos sobre saúde, doença, medicamento leva naturalmente os homeopatas a discutirem esses as

pectos, implícitos naqueles conceitos.

Esse aspecto racional/espíritual de sua doutrina, que outrora foi motivo para que considerassem sua ciência num estágio mais evoluído que o da ciência médica alopática, atualmente, parece ter se tornado no seu ponto vulnerável, já que o conceito de ciência hoje predominante tem uma base racional/materialista, desprezando qualquer posicionamento místico, filosófico ou espiritual.

É nesse aspecto que os médicos alopatas, mesmo os que demonstraram uma certa abertura para a homeopatia, têm se fundamentado para recusar à homeopatia credibilidade científica, afirmando que seus medicamentos são inócuos (o organismo mesmo é que reagiu e curou o paciente, na verdade não necessitava de cuidados médicos) ou que possuem efeito exclusivamente psicológico (efeito placebo).

Enfim, a base racional/espíritualista, entrave na caminhada de homeopatia rumo ao polo dominante tem sido a principal preocupação dos homeopatas. Para atingir totalmente aquele objetivo, os homeopatas necessitam, o quanto antes de uma reformulação de sua doutrina, capaz de dar à homeopatia o tão desejado "status" de ciência.

Encontrado esse novo fundamento, desapareceria naturalmente esse motivo de confronto ainda hoje existente, e impecilho para que a homeopatia saia da condição de "polo dominado".

4.4.2 -- A IDEOLOGIA MÉDICA ALOPÁTICA

Diversamente do que ocorreu com os homeopatas, que se mostraram sempre muito interessados em falar sobre sua prática profissional, sua ciência, seus objetivos, suas preocupações, procurando estabelecer parâmetros, contraposições com a alopátia que conhecem por sua formação e prática anterior (antes de optarem pela homeopatia), os alopatas, na maioria das vezes, foram impessoais nas suas respostas, repetindo conceitos de textos clássicos, aprendido nos cursos de graduação e/ou pós-graduação.

Parece que, a maioria dos entrevistados alopatas não tem tido tempo, motivação ou oportunidade, para refletir sobre esses conceitos.

Se for tomado como exemplo o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) repetida "ipsis verbis" por quase todos os entrevistados, o qual se prestaria a uma reflexão ampla, tendo em vista que os objetivos daquele conceito não têm sido atingidos na sua totalidade, em nenhum momento foi criticado ou defendido.

Tudo leva a crer que os conceitos mais fundamentais para a medicina o conceito de vida, saúde, doença, morte, que deveriam gerar os mais apaixonados debates e as mais profundas reflexões por seu caráter eminentemente filosófico, não têm conseguido motivar pelo menos a maioria dos entrevistados alopatas, daí as respostas padronizadas, sem contribuição pessoal.

O estudo das entrevistas deu para detectar, embora precariamente, os dois aspectos que se buscou na análise da fala dos homeopatas:

a) as representações que fazem de sua profissão e de

si mesmos como profissionais.

b) as representações que fazem da homeopatia e dos homeopatas.

Quanto à representação que fazem de sua profissão, de si mesmos como profissionais e de sua ciência, foram mais ou menos uniformes em seus posicionamentos.

Quase nenhum dos entrevistados (houve uma exceção) admitiu que houvesse falhas no seu saber.

A existência de uma "crise" foi admitida por todos, mas apenas um sentiu-se bastante motivado para uma análise mais detalhada, como demonstra em trecho de sua entrevista:

"... Eu acho que a medicina e a assistência à saúde são duas coisas distintas. Os problemas existem e a medicina está passando por uma crise e nós vamos trabalhar para que seja uma crise de crescimento. Essa crise existe por vários motivos, um deles é o crescimento dos meios de comunicação e o crescimento da conscientização das pessoas que está tirando os médicos de uma espécie de pedestal. Eles agora estão se tornando profissionais como quaisquer outros. No começo considerado um sacerdócio, idolatrado, mas que nunca foi. Isso é um aspecto importante para mostrar, colocar

mais à tona a questão da crise. O outro as
pecto é a formação do profissional. Cada
vez se forma mais no Brasil profissionais
da pior qualidade, e que no fim do 6º (sex
to) ano não estão em condições de penetrar
no mercado de trabalho. O outro aspecto é
a falta de condições dos locais de atendi
mento e falta de condições econômicas dos
pacientes para seguirem o tratamento. As
condições de salário, evidentemente, tam
bém contam, o médico proletarizou-se, como
a maioria da classe médica não é só o médi
co. Isso daí leva a uma frustração muito
grande porque o médico, na cabeça da maio
ria das pessoas é uma pessoa que ganhava
bem, e isso aconteceu evidentemente, hoje
já não acontece mais. O médico corre de
um lado para outro, com 3 a 4 empregos, pa
ra manter um certo padrão de classe média,
que se não tiver não é respeitado. Com is
so ele perde na qualidade do que está fa
zendo e atendendo depressa, insatisfeito,
frustrado, conhecendo que está atendendo
mal e sem dinheiro nem tempo para atualiza
ção. Outro aspecto é que, na cabeça das
pessoas a medicina, do ponto de vista tec
nológico progrediu demais. Então, cada vez
mais as pessoas vão ficando com a idéia de
que a medicina cura tudo, resolve tudo e

há um choque com a nossa realidade e até mesmo porque a medicina não cura tudo, mesmo dentro do maior progresso que possa existir. Outra coisa importante é que o Estado faliu naquilo que devia fazer e está sendo instituído pelas seguradoras. Empresas privadas lucrando muito em cima disso e piorando a situação, condições de trabalho, pagando mal aos médicos, explorando os mutuários, gerando um clima de insatisfação. Na Sociedade de Medicina eu bato muito nisso, que nós temos que fazer uma auto-crítica porque nós estamos também sendo muito responsáveis por isso que está acontecendo na medicina".

Representante dos seis pares, na qualidade de dirigente de entidade classista, este médico tem uma visão bastante crítica da situação da sua profissão. Entretanto, sua posição não representa um consenso como ele mesmo admite no texto abaixo:

"... Não somos unidos, é só impressão, eu tenho tentado brigar por muita coisa que interessa à classe, mas não tenho tido o respaldo da maioria da categoria".

A grande maioria mostrou-se satisfeita com os fundamentos teóricos de sua ciência. Essa parece ter seu respaldo no tipo de modelo de conhecimento vigente no campo científico hoje em dia.

Nesse modelo, a mutabilidade das verdades científica é a condição "sine qua non" dessa mesma racionalidade científica. Aliás, como afirma Luz, M.T. (1988,p.29):

"... É necessário mesmo que esses enunciados variem, se alterem, se desmintam um aos outros sucessivamente, se substituindo, se superando, contrariamente à racionalidade medieval, onde os conteúdos de verdades deviam ser perenes. (21)

Se essas mutações não fossem tão rápidas como são hoje em dia na medicina, não haveria possibilidade de uma postura crítica com relação a essa mutabilidade da "verdade" científica, em medicina. Por parte dos homeopatas, sua posição crítica com relação aos resultados práticos desse modelo, foi muitas vezes o ponto de partida para a busca de novas opções (terapêuticas).

Entretanto, os alopatas entrevistados, geralmente não demonstraram perceber esse aspecto do seu modelo científico no qual se apoiam para elaborar seus diagnósticos, prognósticos e terapêuticas. Uma das entrevistadas, entretanto, mostrou total consciência do problema:

"... Se o paciente prefere usar a sua medicina popular, é um direito dele e eu, também, não estou certa de que a minha (medicina) vai ser suficiente. Eu nunca disse ao paciente: você agiu errado procurando esse tipo de tratamento. Para mim, eu não tenho convicção de que a minha (terapêutica) é correta, porque a gente passa anos achando que tal doença é causada por tal microorganismo quando depois se vai ver que aquela bactéria está ali por coincidência, mas ela não era a causadora. Passa-se anos dizendo que na úlcera a dieta é leite, isso e aquilo, e, de repente, muda tudo. A medicina é uma coisa climáti

ca (Sic). A medicina em que surgem novos conhecimentos e a gente vai mudando. Então não tem que criticar nem dizer que o certo é isso ou aquilo. O paciente é que tem que optar pelo tratamento e saber todas as consequências desse tratamento, para pesar. E, se ele não fizer, quais são os riscos que ele tem. Desde que ele tenha idade e saúde mental para poder optar".

Essa entrevistada, apesar do sentimento de insegurança, continua na sua prática alopática.

Como já foi referido anteriormente, os conceitos de saúde/doença foram padronizados, geralmente repetindo o conceito da OMS (Organização Mundial de Saúde) "Saúde não é apenas ausência de sintomas mas um perfeito bem estar físico, mental e social", embora, em suas práticas, na maioria das vezes esse conceito possa sequer ser considerado, já que os tratamentos, basicamente, estão voltados quase que totalmente para a eliminação dos sintomas.

Uma exceção merece registro, um médico, cuja especialidade é tratar de um tipo de enfermidade incurável, na qual ele apenas pode controlar sintomas, apresentou o seguinte conceito.

"... Acho muito difícil aquela noção da OMS. Eu acho mais viável uma noção que os japoneses colocam: uma pessoa doente é aquela que se sente como tal. É a pessoa que não está bem nos vários aspectos de sua vida. São aqueles agravos que as pessoas sentem e que necessitam de alguma ajuda. O indivíduo doente é um indivíduo carente de uma

ajuda do ponto de vista técnico-profissional que não necessariamente tenha que ser o médico".

Através da aceitação desse conceito, o entrevistado parece se colocar numa posição subjetiva -

"doente é o indivíduo que se sente como tal"

ao contrário do posicionamento geralmente admitido, o objetivo, que mesmo que o paciente se sinta doente, se os exames não mostram nenhum dado que acuse anormalidade, o indivíduo é considerado "hipocondríaco" ou com "problemas psicológicos" (não doente).

Este entrevistado também apresentou uma imagem bastante crítica de sua profissão, onde a crise que envolve a medicina é resultante de vários fatores entre os quais a falta de condições mínimas para o exercício de sua prática é que tem sido o fator mais responsabilizado pela existência dessa crise.

Alguns aspectos dessa crise surgiram de modo esparso em (algumas) entrevistas, tais como: deficiência no ensino médico, falta de recursos nas instituições onde não há coisas essenciais, o aviltamento dos honorários médicos em virtude da sede de lucro das empresas que transformaram o doente num consumidor de produtos e serviços e a doença num mercado que deve ser ampliado para a obtenção de lucros cada vez maiores com um mínimo de despesas.⁽⁴⁷⁾

Surgiram ainda alguns comentários relacionados aos problemas trazidos pelas multinacionais de medicamentos.

Outros entrevistados colocaram a crise como problema da esfera política, na dependência do subdesenvolvimento do país.

"... Olhe, eu acho que isso tem muito a ver com a estrutura do país em que a gente vive. Econômico, político, social. Os desacertos, esses desequilíbrios, avanços numa coisa e retroação de outras é exatamente consequência do nível de desenvolvimento que a gente vive".

Vendo a questão por esse prisma, esquecem que os profissionais da medicina não podem se eximir de culpa quando, ao longo da história da medicina no Brasil estiveram sempre lado a lado com o Estado, auxiliando-o até hoje na consecução de seus objetivos nem sempre nobres; para em contrapartida fortalecerem cada vez mais sua posição hegemônica. (Machado, R. e col. 1978).

Por outro lado, um dos entrevistados, reconhece a "Crise" mas argumenta que os médicos estão trabalhando no sentido de transformar esta "crise" numa "crise" de crescimento:

"... Os problemas existem e a medicina está passando por uma crise e nós vamos trabalhar para que seja uma crise de crescimento. Essa crise existe por várias condições, uma delas é o crescimento dos meios de comunicação e o crescimento da conscientização das pessoas que estão tirando os médicos de uma espécie de pedestal. Eles agora estão se tornando profissionais como quaisquer outros. O outro aspecto é a formação do profissional. Cada vez se formam mais profissionais da pior qualidade e que ao fim do 6º ano não estão em condições de penetrar no mercado de trabalho e começar a atender as pessoas. Outro aspecto que não deixa de existir também é as condições de trabalho. O HC é carente de uma série de coisas, mas ainda é uma ilha de privilégios em relação a outros locais onde o profissional não tem nem onde atender direito, falta material para examinar o paciente, falta medicamento, o que ele faz não vai adiantar porque o paciente não pode seguir o tratamento. Além do mais tem as con

dições de salário, o médico também proletarizou-se. Tudo isso leva a uma frustração muito grande. Nós temos que fazer uma autocrítica porque nós estamos sendo muito responsáveis por isso que es tá acontecendo na medicina".

Pelo conteúdo das entrevistas, nota-se que os médicos alopatas, mesmo quando denotam sentimento de insatisfação ou mesmo frustração com relação às suas práticas, no que diz respeito às suas teorias, à sua ciência, estas lhes parecem satisfatórias no sentido racional/explicativo dos problemas que abordam.

Esta satisfação, com relação à teoria, e com relação à sua realização como cientista legitimado por seus pares, tem fun cionado como um obstáculo para a aceitação de certas colocações da teoria/prática homeopáticas.

Assim sendo, não conseguem aceitar que um sistema pos sa resolver um problema que seja por exemplo uma doença psicossomática: os homeopatas afirmam que o medicamento homeopático pode agir nos dois níveis, o somático e o psíquico, ao mesmo tempo.

O fato da não aceitação da afirmação de que o medica mento homeopático pode agir naqueles dois níveis, se deve a que estão acostumados a reduzir ou tudo ao nível físico ou tudo ao nível psíquico. Se a doença é psicossomática ou é tratada no ní vel somático ou é tratada no nível psíquico, quase nunca abordan do a integração desses dois níveis, acostumados que estão ao dua lismo corpo/mente e à sua consequência reducionista.

A representação que fazem de sua ciência denota que têm da mesma uma visão extremamente positiva. Um dos entrevista dos, exemplifica muito bem esta posição no trecho seguinte:

"... O médico alopata enfrenta qualquer situação desde a prevenção da saúde até o paciente quaternário, terminal. Já existem os caminhos, pelo menos a ciência evoluiu e a gente tem os meios".

Quando foi colocada a questão da auto-representação , esse mesmo entrevistado deu a seguinte resposta:

"... Minha filha, isso é uma coisa filosófica! a gente tem que pensar para dizer bonito"

Fez uma longa pausa e depois disse:

"... Não pode ser egoísta... Posso olhar o ser médico como uma atividade profissional, ser médico... como elemento de influência na comunidade ... como um elemento partícipe do bem estar da comunidade. Participa... Eu acredito... A gente sabe que tem todo tipo de médico. Como tudo, isso é uma questão muito individual que você está fazendo... Ser médico, o que é ser médico..."

Após essas reticências, a entrevistadora insistiu na pergunta e a resposta foi:

"... É exercer uma profissão nobre em que a satisfação é o bem-estar de terceiros, respeitar a condição do ser humano em qualquer circunstâncias. Contribuir para a saúde, o bem estar, etc. Essa definição é superficial demais, definir é um negócio muito sério..."

Uma outra entrevistada se auto-representa como uma pessoa muito sensível, preocupada com o sofrimento das pessoas o que aliás tinha sido sua motivação na escolha da profissão. En

tretanto mostrou-se muito preocupada quando descobriu que esta sua sensibilidade com o sofrimento do outro, longe de ser uma qualidade para o exercício de sua profissão, era um obstáculo, tendo em vista que "as pessoas" queriam que ela tivesse "sangue frio" no contato com os doentes. Também pareceu muito insegura com relação ao seu comportamento ético frente à forma de ser que se tornou comum entre os demais profissionais, embora anti-ética. Com relação a esta questão, afirmou que não colocou um consultório particular porque:

"... Eu ainda não tenho na minha cabeça que a gente deve explorar a doença. Eu acho que todo mundo deveria ter um atendimento. Então você vai ter aquele atendimento bom ou ruim de acordo com o seu poder aquisitivo. Você poderia optar. É claro que a gente não pode ser tão radical e dizer não, não vai existir médico particular. Aí você tirou a liberdade das pessoas.

Quer dizer, eu ainda não me sinto muito à vontade de colocar um consultório particular porque não estou preparada para aceitar isso, no fim eu sei que vou ter que optar, eu vou ter que amadurecer pra ver que eu tenho que sobreviver. Se essa é a melhor maneira de eu sobreviver, então eu tenho que deixar alguns princípios de lado.

Então, às vezes, eu me revoltava muito porque eu não queria ouvir essas críticas aos médicos, não queria nem admitir que se pudesse ter um comportamento desses, não queria nem ouvir, fa

zia de conta que aquilo nem existia. Hoje em dia eu sei que existe. Tem hora que eu me pergunto se esses princípios meus vão ter que ser muda dos. Porque eu não vou ficar sozinha no mundo, ou quase só"

Essa médica representou sua profissão com uma imagem negativa do ponto de vista moral, sentindo-se decepcionada e confusa porque se sente solitária no seu posicionamento moral, honesto, humanitário, altruista, sensível ao sofrimento.

Apesar disto, essa mesma pessoa, tem uma impressão po sitiva dos aspectos científicos de seu saber e de sua prática , mas, ao mesmo tempo não se coloca com muita segurança com rela ção aos seus procedimentos terapêuticos, resultando tudo isto num posicionamento conflituoso, ambíguo até.

Essa entrevistada, portanto, passa uma posição de con flito, de incerteza. Se, por um lado a cientificidade de seu sa ber e sua prática lhe dá segurança com relação a outros saberes e práticas, por outro lado, o fato de a verdade científica em medicina não ser perene, sofrer modificação, (até rápidas) como o exemplo que aponta, a dieta para úlcera, dá-lhe insegurança com relação à sua profissão, à sua verdade científica, colocan do-a numa posição de não condenar as terapêuticas alternativas.

A mutabilidade da verdade científica, que dá a essa entrevistada uma certa insegurança, no tipo de modelo de conhe cimento adotado na medicina alopata é considerada como condição "sine qua non" dessa mesma racionalidade médica científica como já foi anteriormente citado. (Luz, M.T. 1988 p. 29).

Se essas mutações não fossem tão rápidas como são ho je em dia, na medicina, não haveria possibilidade de que os mê dicos ao percebê-las adotassem uma posição crítica como a que

foi referida pela mencionada médica, e para muitos outros médicos para os quais este fato tem sido o ponto de partida para novas opções terapêuticas.

Muito interessante foi o poder de síntese de uma outra entrevistada. A entrevista foi uma das mais rápidas, sendo que a pessoa falava tão rápido que dificultou bastante o trabalho de transcrição.

Para dar uma idéia de seu poder de síntese, sua definição do que é ser médico, é bastante significativa:

"Ser médico é um desafio!"

Para confirmar a regra, foi detectada uma exceção, posto que uma entrevistada apresentou visão totalmente negativa da "ciência médica".

Dizendo-se muito desgostosa por ter que continuar exercendo no seu emprego, uma prática alopática na qual já não acredita, declarou que procura uma compensação no consultório particular onde é psicanalista, prática terapêutica na qual acredita.

Uma terceira visão crítica, não do conteúdo científico da medicina em si, mas da forma como esse conhecimento é utilizado, transpareceu ainda numa outra entrevista:

"Eu tenho a impressão de que essa situação existe em todas as profissões, mas, como na medicina a gente lida com a vida humana... Então eu acho que o primeiro fato para você ser um médico é ter vocação. E, infelizmente, nem todas as pessoas que fazem medicina, até vou mais adiante, a maioria, não tem vocação. Então, as pessoas não refletem sobre a sua vocação e quando se tornam

profissionais também não exercem a profissão de uma forma séria. Então, disso está cheio, mas na medicina fica mais crítico, porque você lida com a vida humana. E eu sempre penso assim: o médico tem que ser bom, ele tem que ser o melhor que pode. Não é no sentido de ser um maioral não. É porque você, num minuto, você deixou de fazer um diagnóstico, é uma coisa que você não recupera nunca mais".

Essa entrevistada também ressaltou muito o papel da indústria farmacêutica aqui no Brasil, onde não existe, absolutamente, um controle, deixando o médico à mercê do "Marketing" dos medicamentos. Colocou, também a necessidade de senso crítico por parte dos médicos para não se deixar levar pelo apelo da propaganda de medicamento.

Para aquela médica, um bom médico

"... é aquele que usa um medicamento obtendo um maior número de efeitos benéficos e menor de efeitos maléficos, porque toda medicação tem esses dois efeitos. O médico não deve fazer o mais fácil para ele, mas o que é melhor para o paciente. Isso é uma coisa muito básica, mas hoje em dia é super difícil no dia a dia"

Ainda sobre a auto-representação merece ser citado o trecho seguinte:

"... Eu acho que ser médico, como toda profissão é aquela coisa de gostar, mas também tem aquele aspecto de envolver muito desgaste físico, é uma situação muito desgastante estar convivendo

com pacientes de riscos e convivendo também com outros problemas que já analisamos (proletarização, falta de condições nos locais de trabalho etc.). Na semana passada, uma colega quase entra em choque porque uma doente que atendia morreu no hospital, durante o atendimento por falta de insulina. É uma profissão desgastante mas tem também suas gratificações que eu acho que a financeira nem é a mais importante, mas, no momento, deveria ser também".

Enfim tem-se como certo que a maioria dos alopatas defende a idéia de que não há nada errado com a medicina em si mesma. Os problemas são de natureza política, econômica e social e que sua prática só se torna insatisfatória em instituições que não oferecem as condições mínimas ao profissional para que ele possa trabalhar.

Todavia, uma entrevistada, totalmente decepcionada com a explicação física da doença optou definitivamente pela sua antítese, a explicação psíquica, adotando, fora do hospital (HC), na clínica particular, como prática profissional, a psicanálise, na qual acredita, como terapêutica.

Agora, com relação à representação que fazem das terapêuticas alternativas, em geral, e da homeopatia em particular, foram unânimes em observar que somente a alopatia possui um fundamento científico confiável.

Existe, portanto, uma ideologia bastante espalhada entre os alopatas, que tem sido utilizada para obstaculizar a entrada da homeopatia na Universidade, que é o seu caráter não científico.

Houve uma entrevistada entre os alopatas que mostrou um certo conhecimento sobre a terapêutica homeopática e sobre o modo de atuação do medicamento, embora não a aceite para os seus pacientes.

Outro entrevistado, mais radicalmente contrário a homeopatia, referia que

"... A homeopatia é um logro. Só funciona como e feito placebo, efeito psicológico, é melhor mandar logo ao psicoterapeuta ou ao pai de santo".

Menos radical, foi entretanto, o posicionamento seguinte:

"... O que eu acho é que devia ter critério de normatizar isso, coisas científicas, para que a gente pudesse estabelecer o valor disso aí, além desse aspecto de ser simplesmente um porto de desague ~~das~~ emoções das pessoas, um lugar onde a pessoa fala e outro ouve, dá atenção, dá carinho".

Este entrevistado, apesar do seu posicionamento com relação ao modo de ação da homeopatia, acha que a mesma é uma especialidade médica perfeitamente válida, embora não a conheça profundamente (confunde com fitoterapia).

Foi detectado, do conteúdo das entrevistas que há, por parte da maioria, total desinformação sobre a homeopatia, confundindo-a sempre com fitoterapia. De resto, atribuem os resultados obtidos pelos homeopatas, exclusivamente ao "efeito placebo".

Um dos entrevistados, embora tenha se mostrado com certa abertura para a aceitação de formas alternativas de tratamento, posicionou-se da seguinte maneira:

"... A primeira coisa que eu acho é que o paciente é uma pessoa carente. Eu acho que qualquer outra forma (de tratar) vai dar certo por esse aspecto, respeitar o ser humano no relacionamento de duas pessoas, num mesmo nível. Não de uma que está em cima e outra que está em baixo, ou um número que depois que saiu dali acabou-se. Isso é uma das coisas que leva ao descrédito da medicina mas que não é só o médico é todo sistema de cura. Eu respeito qualquer outro tipo que de forma séria se proponha a ajudar. Não como é o caso do Dr. Fritz. O que eu acho é que devia ter critério de normalizar isso, científicos, para que a gente pudesse estabelecer o valor disso aí, além desse aspecto de ser simplesmente um ponto de desague das emoções das pessoas, um lugar onde de uma pessoa fala e o outro ouve, dá atenção, carinho".

Em seguida, prossegue, confundindo homeopata com fitoterapia, mas descrevendo-a da seguinte maneira:

"... A homeopatia é uma especialidade médica que tem inclusive uma federada nossa na Sociedade de medicina. Já é muito mais aceita apesar de ainda existirem muitos preconceitos.

Acho perfeitamente válida, não conheço profundamente, mas acho que é uma especialidade médica. Eu acho que essas terapias outras devem ser pesquisadas, ter uma análise científica para que se

possa fazer uma avaliação a título de benefícios".

Apenas dois dos entrevistados radicalizaram suas posições contrárias à homeopatia. Um deles, apresentou uma imagem totalmente negativa, tanto do homeopata quanto da homeopatia.

"... A homeopatia precisa de evoluir, ela existe, mas a gente não encontra trabalhos bem fundamentados, dentro de metodologia aceitável para amparar certo tipo de coisas. Então, você vê que ela é uma forma terapêutica que tem limitações. O homeopata não trata de uma doença séria. Se está diante de uma pneumonia ele manda pro alopata, se tem uma meningite, ele manda pro alopata, se tem qualquer infecção mais séria, manda pro alopata. Então, a gente fica preocupado com relação aos casos que guardam, que prendem, que poderiam encontrar uma melhor orientação numa outra forma de medicina (alopata). No meu entender a homeopatia é a ciência, é uma forma terapêutica para quem não precisa de remédio.

Com relação à fitoterapia, eu vejo muita gente utilizando "meizinhas" sem conhecer as ervas, só por ouvir dizer, quando se sabe que esses xaropezinhos são besteiras que não tem valor nenhum".

O outro entrevistado que também se posicionou radicalmente contra a homeopatia, assim se expressou:

"... A homeopatia é charlatanismo mesmo, não existe como ciência. As vezes que discuti com meus alunos sobre homeopatia era apenas como objeto de

crítica. O que era a homeopatia? O que se pretendia com a homeopatia? Aquilo era uma espécie de logro, que não funcionava. Funcionar, funciona, psicologicamente. A ciência alopática não aceita, porque é inoperante. Não precisa nem fazer homeopatia, mande para um pai de santo, é uma questão psicológica, então mande para o psicólogo, o psiquiatra. É uma inovação para ganhar dinheiro, mistificação, quando o povo não tem educação é facilmente mistificável".

É óbvio que esse médico não conhece o livro de Laplantine & Rabeyron (1989) sobre medicinas paralelas (alternativas), onde afirmam que a metade da população da França adota terapêuticas alternativas, inclusive a homeopatia. Será que na sua visão o povo francês é também ignorante e portanto passível de mistificação?.

Demonstrando um posicionamento mais brando, não se colocando frontalmente contra a homeopatia, uma outra entrevistada teve a seguinte posição:

"... Primeiro, eu nunca critico uma coisa que eu não tenho base. A minha formação foi toda alopata, então, eu não tenho condições de dizer porque a erva-doce faz acelerar a digestão gástrica, quando você está empachado. Eu sei que existe... A gerte, quando é criança, toma chazinha. Eu não tenho base científica para dizer, então eu não posso criticar, eu tenho um livrinho que um paciente me deu, de naturismo, eu já comecei, a lernas não terminei. Mas tem coisas que não se adaptam

ao conhecimento que eu adquirir, científico... Talvez se eu tivesse uma doença que eu não tivesse conseguido curar, eu mesma até procurasse, mas até o momento eu nunca vivi essa experiência, nunca tomei a iniciativa para procurar um homeopata e também não encaminho paciente.

Na minha cabeça a homeopatia funciona como efeito placebo porque eu não posso explicar o mecanismo disso".

Para a maioria dos alopatas entrevistados a homeopatia se situa numa esfera metafísica (num sentido pejorativo de não cientificidade), mística (depreciativa) ou até psicológica. Dentro desse ponto de vista, os médicos alopatas negam também um caráter científico à psicologia, à psicanálise e qualquer outra terapêutica de cunho psíquico, colocando-as no mesmo nível das ciências humanas/sociais de um modo geral e, como de resto, as demais terapêuticas alternativas.

Duas exceções apareceram no conjunto das entrevistas, admitindo o valor da homeopatia em determinadas situações. Uma dessas duas pessoas referiu que em certos casos de doenças crônicas, de natureza alérgica em crianças, até já encaminhou pacientes desse tipo para homeopatas, mas não acredita que a homeopatia possa ajudar em qualquer outra circunstância; exemplificando com o caso de pacientes com diabetes e com septicemia.

Esta resistência a tratamento de infecções com homeopatia tem sido resultado de um obstáculo conceitual que se

refere às doenças infecciosas e está diretamente ligado ao conceito da origem/causalidade das doenças. Enquanto o homeopata está preocupado com o terreno capaz de desenvolver aquela patologia, os alopatas querem eliminar as bactérias (causadoras da doença).

Este posicionamento dos alopatas é coerente com o fato de que a medicina contemporânea venceu a maior parte das doenças com o emprego dos antibióticos, identificando e destruindo os germes responsáveis e, sendo assim, a linguagem da homeopatia não teria nenhum sentido para os alopatas.

Como já foi antes referido, a grande maioria das pessoas entrevistadas (alopatas) confundiu homeopatia com fitoterapia (9/10). Entretanto, uma entrevistada mostrou conhecer os fundamentos de homeopatia apesar de não aceitá-los como cientificamente válidos:

"... Eu não tenho assim vivência com nenhuma forma de medicina alternativa, mas principalmente na questão de fitoterapia eu acho extremamente válido no sentido em que você vai utilizar uma questão cultural da população, você vai atingir muito mais facilmente e também economicamente. É uma população que já faz o chá de aroeira, chá de maracujá, de tudo e isso você estudando os princípios ativos daquela planta, vai ter uma classificação e que vai facilitar inclusive uma área pobre como a nossa. Eu acho interessante acupuntura... eu também não tenho conhecimento profundo do assunto, mas eu acho que quando bem empregada deve ter a sua validade.

É uma medicina oriental que a gente não tem. Eu acho todas as formas válidas desde que sejam criteriosas.

A questão de homeopatia é uma coisa assim mais complicada na minha cabeça pela questão do principio ativo, do tratamento "energético". Aí é uma coisa mais complicada. Mas eu conheço algumas pessoas que fazem o tratamento homeopático e tem alguma melhora. Talvez, certamente pelo efeito placebo, aí eu já vejo por essa forma. É a questão psicológica. Eu sei que o homeopata conversa bastante com o doente e o medicamento vai ser de acordo com aquilo aí, não existe um medicamento para todo mundo, é individualizado. Então, nisso aí eu não aceito assim como ciência, a homeopatia, mas, até aceito desde que nos casos corretos e restritos. Não se concebe a utilização de homeopatia num caso de septicemia. Eu acho que deve ser muito criterioso para não retardar demais o tratamento adequado na medicina alopática. No caso da asma que não tem cura na medicina alopata, deve-se fazer natação e até homeopatia, talvez... Eu não sei, eu realmente não acompanho. Eu acho que homeopatia é um pouco demais pro meu entendimento porque utiliza "energia", é mais difícil de aceitar que a fitoterapia".

Pelo que foi analisado nas entrevistas dos alopatas , na sua ideologia ou seja, na representação que fazem de sua medicina, não há nada de "errado" com o seu corteúdo doutrinal

rio, muito pelo contrário. A crise que percebem é devida a problemas de natureza política, econômica e social e até mesmo moral, que interferem no modo como são aplicados os conhecimentos médicos. A crítica é mais para os profissionais, todavia, os profissionais só se tornam passíveis de crítica por que exercem sua prática em locais que não oferecem as condições mínimas necessárias para o seu exercício. Este foi o posicionamento mais encontrado.

Com relação à imagem que têm de homeopatia, observa-se uma certa gradação, desde uma aceitação restrita até uma recusa radical. No entanto houve um completo consenso quanto à falta de respaldo científico para as práticas terapêuticas da homeopatia.

Os médicos alopatas, de um modo geral, mesmo quando denotam sentimento de insatisfação ou mesmo frustração com relação às suas práticas, no que diz respeito às suas teorias, à sua ciência, estas lhes parecem totalmente satisfatórias no sentido racional/explicativo dos problemas que abordam.

Esta satisfação com relação à sua teoria tem funcionado como um obstáculo para a aceitação de certas colocações da teoria e da prática homeopática.

Os alopatas, entrevistados, de um modo geral, embora citam o conceito de saúde de OMS, continuam preocupados com as bactérias causadoras das doenças, em vez de preocuparem-se com o terreno capaz de desenvolver aquela doença ou mesmo com os outros fatores (meio ambiente, stress, carência alimentar, etc) como sugere aquele conceito, mostrando um certo desligamento entre o conceito que admitem e a prática que adotam.

Este posicionamento dos alopatas é coerente com o fato de que a medicina contemporânea venceu a maior parte das doenças com o emprego dos antibióticos, identificando e destruindo os germes responsáveis e, assim sendo, a linguagem da homeopatia não teria nenhum sentido para os alopatas.

4.5 - OS CAMINHOS DA LEGITIMAÇÃO

Para melhor acompanhar, nesse estudo, as tentativas de legitimação da homeopatia, faz-se necessário estabelecer desde já o conceito do termo legitimar.

Tornar-se legítimo, nesse estudo, significa ser aceito oficialmente. Entretanto, essa aceitação compreende vários níveis ou seja:

- a) ser aceito pela sociedade civil;
- b) ser aceito como médico especialista em homeopatia , pelas autoridades incumbidas de fiscalizar o exercício da medicina, ou seja, obter autorização legal para o exercício profissional;
- c) ser aceito nas instituições de assistência à saúde, sejam governamentais (estatais) ou organizações particulares (medicina de grupo) e
- d) ser aceito na Universidade/comunidade médico-científica.

Ser aceito pela sociedade é um objetivo que vai sendo gradualmente atingido através da divulgação de resultados positivos obtidos pelos pacientes que procuram os homeopatas geralmente quando suas doenças cronificam e o uso prolongado de medicamentos alopáticos vão progressivamente acrescentando-lhes novos problemas, oriundos dos efeitos colaterais dessas drogas.

O objetivo de conseguir autorização legal para o exercício de sua especialidade tem sido uma tarefa bastante árdua para os homeopatas.

Somente em 1980, na Sessão Plenária de 28.06.1980, do Conselho Federal de Medicina, a Resolução 1000/80 daquele Conselho tornou realidade o objetivo pelo qual lutaram durante tantos anos (cento e quarenta anos).

Este resultado positivo foi conseguido graças ao Prof. Alberto Soares Meireles (homeopata, general médico e membro honorário da Academia Nacional de Medicina) quando o mesmo estava na Presidência do Instituto Hahnemaniano do Brasil. É significativo observar que tal conquista foi obtida por um militar, durante um governo militar que iniciava certa abertura política.

Em 1982 este mesmo Conselho estabelece as condições para a obtenção dos títulos de médico homeopata, na qualidade de especialista.

Por este mesmo período a Federação Brasileira de Homeopatia, filia-se à Associação Médica Brasileira (A.M.B.), instituição responsável pela fiscalização das concessões de títulos de especialista pelas diversas Associações de especialidades médicas existentes no Brasil.

Esta filiação possibilita que os diplomas obtidos pelos homeopatas (conferidos pelos cursos organizados pelas sociedades locais de homeopatia) sejam confirmados pela A.M.B. de acordo com a regulamentação vigente.

Atualmente, cerca de 26 médicos homeopatas têm seus consultórios instalados em Recife, sendo esses mesmos profissionais, todos portadores de diplomas de graduação e de especialização. Com exceção de três médicos que fizeram sua formação em São Paulo e no exterior, os demais fizeram sua formação nos cursos organizados pela Sociedade Pernambucana de Ho

meopatia.

A aceitação nas instituições de assistência à Saúde, estatais ou de caráter particular, ainda não foi atingida com pletamente, estando, aqui em Recife, numa situação muito pre cária e instável, dependendo sempre do fato de seus dirigen tes serem favoráveis ou não à homeopatia.

Esta etapa da legitimação tem sido também trabalhada pelos homeopatas que já conseguiram algumas vitórias como a instalação de um ambulatório de Clínica Médica Homeopática no Instituto de Previdência dos servidores do Estado de Pernambuco (IPSEP) e outro no serviço de saúde da Prefeitura de Olinda, desde este ano (1991).

Como os demais processos, o de legitimação científi ca, tem sido também muito conturbado. Ao longo desses 140 a nos, institutos e cursos homeopáticos foram sendo inaugurados e fechados depois de algum tempo de funcionamento, por força de novas legislações ou de novas interpretações da lei, sem pre por interferência do grupo dominante junto às autoridades pertinentes (48).

Como exemplo dessas tentativas de legitimação na área do ensino da homeopatia (reprodução do saber) vale a pena ci tar o caso da Faculdade Hahnemaniana e o do ensino de Farmacotec nia homeopática nos cursos de farmácia.

Aquela faculdade foi criada pelo Instituto Hahnemaniano do Brasil em 1912 e reorganizada em 1917 para observar o mesmo padrão das demais faculdades de medicina.

Em setembro de 1918, o exercício da clínica homeopática, foi legalmente reconhecido, naquela instituição. Em 1920 cria-se um departamento de Alopatia com o objetivo de obter e

quiparação com as demais faculdades de medicina cujo objetivo foi atingido em 1921 (equiparação).

Entretanto, esta situação não se estabilizou e, em 1924, a Faculdade Hahnemaniana é novamente alvo de perseguições. Por instância de seus oponentes, junto ao Ministro da Justiça, foi constituída uma comissão de inquérito para apurar irregularidades e como resultado várias matrículas foram anuladas, diplomas e transferências torndos sem efeito e, finalmente, a comissão de inquérito exigiu que a Faculdade Hahnemaniana passasse a chamar-se Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemaniano.

Esta escola diplomava tanto alopatas quanto homeopatas, cujo número foi diminuindo. (Em 1921 o número de diplomados foi de treze, cinco alopatas e oito homeopatas.

Em 1948 deixa de ser uma Escola do Instituto Hahnemaniano, passando a chamar-se Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1957 é federalizada e em 1965 passa a ser uma fundação, a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro onde o ensino da homeopatia passa a ser facultativo, onde sobressai às vezes, a ausência de alunos nos cursos de homeopatia. (Novaes R. 1989).

Quanto ao caso da lei 1552 que torna obrigatório o ensino da Farmacotécnica Homeopática nas faculdades de farmácia do país chamou inicialmente a atenção pelo fato de as citações de três livros consultados (Landman, J. 1989; Novaes, R. 1989 e, Silva, J. 1922 conterem divergências:

- a) quanto ao órgão oficial em que havia sido publicado;
- b) quanto à data de promulgação da lei e

c) quanto à data de publicação

Encetando uma investigação para esclarecer o fato, foi constatado que nas publicações de coletâneas de leis (Lex e Marginália) a lei federal de nº 1552 possui ementa totalmente alheia à ementa da lei que é referida nos livros citados, ou seja, que torna obrigatório o ensino de Farmacotecnia homeopática nos cursos de Farmácia.

Da constatação ficam duas interrogações: será que foi mesmo publicada a lei 1552? Caso tenha sido, qual o ôrgão oficial que a publicou e porque não consta das coletâneas?

Este fato merece uma pesquisa mais detalhada para que se possa chegar a um resultado definido.

Atualmente, o processo de legitimação científica está sendo retomado, embora agora, não esteja sendo cogitada a criação de Escolas Médicas para o ensino da Homeopatia. O que se procura é a introdução do ensino de Homeopatia como disciplina, nos cursos de medicina existentes.

Essa preocupação com a criação de disciplinas de homeopatia nos cursos de medicina transpareceu na fala de alguns entrevistados.

Para se ter uma idéia da situação atual desse processo de legitimação científica, serão apresentados a seguir alguns dados:

Foram enviadas correspondências para os setenta e dois cursos de medicina do Brasil das quais, 51 cartas obtiveram resposta,

Destas 51 instituições que responderam, em apenas quatro delas a homeopatia faz parte do ensino, de variadas formas.

O referido curso de pós-graduação tem a duração de sete meses com 720 horas, intensivo e com turmas previstas para quatro alunos. Este curso também está inserido no Departamento de Clínica Médica.

No Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte conhecimentos sobre Homeopatia são dados em uma disciplina complementar com carga horária de sessenta horas.

O curso de medicina da Universidade do Rio de Janeiro possui disciplinas de Homeopatia, entretanto informações mais detalhadas que foram solicitadas, não foram recebidas.

Dos vinte cursos de Medicina das Universidades de São Paulo, aos quais enviamos cartas correspondentes ao número de cursos, em três instituições estão presentes de alguma forma informações sobre a matéria:

- a) num curso de pós-graduação em ciências biológicas da Faculdade Regional de Medicina de São José do Rio Preto, área de concentração em Patologia existem três disciplinas de domínio conexo: Homeopatia Básica Aplicada à Patologia Geral, Matéria Médica Homeopática Aplicada à Patologia Geral I e Semiologia Homeopática em Patologia.
- b) Na Faculdade de Medicina de Santo Amaro tem um ambulatório de homeopatia no Centro de Saúde da Escola e palestras periódicas extra-curriculares no Departamento de Clínica Médica, embora não exista como disciplina integrante da grade curricular.
- c) No Departamento de Ciências Médicas da Universidade

de Taubaté não consta do currículo como disciplina mas é abordada do ponto de vista histórico no Curso de Medicina Preventiva e nas aulas de Semiologia (2 horas apenas).

As duas cartas enviadas aos dois cursos de medicina da Universidade Federal da Paraíba, uma delas a de Campina Grande (Campus II) respondeu e informou que não existe a homeopatia como disciplina. Outrossim, no curso de João Pessoa, Campus I, que não respondeu à carta enviada, por informação de homeopatas entrevistados, foi detectado que existe a disciplina, um laboratório com grupo de pesquisa e um curso de pós-graduação recém iniciados.

Dentro da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro de Ciências de Saúde, por esforço de uma homeopata que é professora no Departamento de Pediatria daquele centro, está tendo início um processo de legitimação científica.

Na 3a. reunião ordinária do Conselho departamental do C.C.S. datada de 27.03.1991 foi proposta a criação de um "Grupo de Trabalho com a finalidade de avaliar a oportunidade da Introdução do Estudo da homeopatia no Centro de Ciências da Saúde".

Esta comissão está se reunindo semanalmente e já está preparando um relatório onde sugere a criação de uma disciplina de homeopatia em caráter optativo.

A presidente da comissão, já proferiu uma palestra para alunos do curso médico na qual obteve a adesão de dezenove

alunos para o curso de férias que está sendo elaborado.

Até aqui, o panorama da legitimação da homeopatia, no que diz respeito à legitimação científica, como foi descrito , é bem incipiente.

5. CONCLUSÕES

Neste estudo das relações entre homeopatas e alopatas, dois momentos históricos são colocados em comparação.

No primeiro momento histórico analisado, a hegemonia da medicina alopata não está ainda plenamente estabelecida no Brasil, embora houvessem indicações de que estava a caminho de sua consolidação.

Este fato levou os pioneiros da implantação da homeopatia, no Brasil e em Recife, a sonharem com a possibilidade de suplantar o grupo hegemônico.

A reação dos alopatas a essa pretensão foi fortíssima, já que estava em jogo a sobrevivência da "sua" medicina e deles próprios, como médicos.

Assim sendo, a radicalização das posições era de se esperar, dando ocasião a uma luta tão violenta que marcaria definitivamente as relações entre os dois grupos e deixaria as suas sequelas no grupo vencido, como é o fato de a prática homeopática ser ainda hoje tão desacreditada.

Historicamente, o "campo médico" mudou. Atualmente a medicina alopata tem sua hegemonia estabelecida em todos os setores da sociedade, possuindo instituições solidamente implantadas e uma relativa autonomia no seu relacionamento com as demais instituições sociais.

Nessas condições, o grupo outrora perdedor (homeopata), não vê outro meio de voltar a se firmar a não ser colocando a homeopatia como uma especialização a mais no leque das

diversas especialidades médicas.

O antigo desejo de suplantação deu lugar a uma necessidade de aceitação que tem fortalecido cada vez mais o grupo de homeopatas, que não mais radicaliza suas posições.

Numa tentativa de racionalizar estes novos objetivos dos que fazem a homeopatia é que Dantas (1986), em trabalho recente, redefiniu os conceitos de "homeopatia" e "médico homeopata", adequando-os ao seu novo papel dentro do "campo médico".

A nova posição dos homeopatas "não radicais", de definir a homeopatia como mais uma especialidade médica, trouxe novas possibilidades para o grupo quanto ao seu objetivo de completar sua legitimação.

Devido a um momento político e um contexto social favoráveis a homeopatia foi incluída no rol das especialidades médicas através da Resolução nº 1000/80 do Conselho Federal de Medicina.

Esta legitimação parcial não lhes trouxe ainda outras vantagens, além da de permitir a sua prática sob amparo legal, mas se constituiu num primeiro passo em direção à meta de uma legitimação mais ampla.

A alopatia, por sua vez, depois de ter garantida a sua hegemonia, passou a não se preocupar, seriamente, com a possibilidade de expansão de quaisquer outros sistemas terapêuticos, cônica do seu poder como grupo dominante.

É provável que essa segurança adquirida com os anos de poder, tenha feito com que, atualmente, as suas entidades representativas tenham se dado até ao luxo de acatar a prática terapêutica homeopática.

E, embora a prática da clínica médica-homeopática continue se expandindo, isto não chega a preocupar o grupo hegemônico - é o que parece - pois nenhuma referência a esse respeito apareceu nas entrevistas.

Aqui em Recife, a proporção de aproximadamente 1 homeopata para 333 médicos alopatas não chega a ocupar espaços expressivos no atendimento médico global. Isso sem falar no espaço institucional dos hospitais e da Previdência que continuam totalmente fechados aos homeopatas (em Recife), com exclusão do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco e do Serviço de Saúde da Prefeitura Municipal de Olinda.

Portanto, 3 espaços institucionais: a Previdência, os hospitais e também as escolas médicas (Universidades) permanecem totalmente fechados para os homeopatas (em Recife).

Sendo a conjuntura em que está inserida hoje a homeopatia, bem diferente daquela em que houve o confronto inicial, o discurso "oficial" contra a homeopatia está fundamentado na sua "não cientificidade" e dele participam a quase totalidade das instituições de ensino médico, ao não incluírem a homeopatia como disciplina no currículo dos seus cursos.

Esse fato, parece ter direcionado a estratégia de legitimação dos homeopatas para o objetivo de fazer com que a homeopatia seja aceita no seio da Universidade. Para os homeopatas, essa legitimação continua sendo importantíssima.

Ao longo do tempo configura-se um objetivo que os homeopatas jamais perderam de vista: ver o seu saber legitimado no campo científico.

É certo que não mais se lhes restringiu o direito de formar profissionais, embora isso se faça geralmente, fora do âmbito

bito das Universidades. Esses cursos paralelos, anível de especialização, tutorados pelo Instituto Hahnemaniano do Rio de Janeiro e pela Associação Médica Homeopática do Brasil, são realizados através das Sociedades de Homeopatia locais. Para obter o título de especialista, os médicos, após fazerem o curso, submetem-se a uma prova através da Associação Médica - Homeopática Brasileira, com o aval da Associação Médica Brasileira. E, sendo aprovados, recebem o título de especialistas em Homeopatia, passando a ter o direito de exercerem a especialidade.

Assim sendo, penetrar no âmbito da Universidade parece, como já foi dito, ter se tornado uma das principais metas dentro do objetivo de legitimação dos homeopatas.

Em contrapartida, a representação da homeopatia, por parte do grupo hegemônico como um saber sem respaldo científico, como não ciência, transferida para toda a sociedade, tem facilitado a ação de obstaculizar esse objetivo do grupo não hegemônico.

Os alopatas entrevistados afirmam, quase todos, que aquele sistema terapêutico (homeopatia), por não ter respaldo científico, não pode integrar o elenco de disciplinas do currículo mínimo, podendo, no entanto, ser oferecida como disciplina informativa, opcional, dentro do curso médico.

Entretanto, se, por um lado, há essa reação contrária, por outro, há também uma tendência, embora tímida, por parte de alguns docentes e pesquisadores que vão assumindo, aos poucos, o desejo de conhecer melhor a homeopatia para poder analisá-la.

Malgrado essa tendência, a homeopatia continua um mistério para a maioria dos médicos, colocando esse saber numa posição paradoxal: é ao mesmo tempo reconhecida pelas Academias e Conselhos, mas continua um mistério para a maioria dos médicos e excluída da maioria das Escolas Médicas.

Por outro lado, a propaganda homeopática feita através de livros e revistas defensoras de terapias holísticas, alternativas, naturalistas, etc. tem, de uma forma ou de outra, atingido alguns profissionais que desenvolvem atividades de ensino ou de ambulatório e outras, no seio da Universidade.

Após fazer esta síntese do que foi apreendido da análise do tema em estudo, já se pode tentar responder às questões colocadas na Introdução.

Inicialmente arguiu-se da existência ou não de um confronto entre homeopatas e alopatas.

Este confronto foi percebido, de forma muito sutil, camuflada mesmo. Não há, portanto, um confronto direto, aberto, público, entre aqueles dois grupos, até porque o corporativismo desaconselharia médicos a perseguirem outros médicos. Entretanto, apareceu claramente em 80% das entrevistas que os "médicos alopatas" não reconhecem na homeopatia qualquer respaldo científico, atribuindo seus resultados positivos ao efeito placebo ou a uma psicoterapia resultante do modo como transcorrem as consultas. Negam assim, qualquer eficácia ao medicamento homeopático, para eles inexistente. No entanto, como já foi referido, pouco disto transparece publicamente, como é o caso do livro de Landmann J. (1990).

Quanto às estratégias de legitimação hoje em dia utilizadas, nos capítulos anteriores já foram descritas.

Sendo que a principal preocupação tem sido estimular homeopatas que exercem função docente a iniciar, nas Universidades onde trabalham, um trabalho de divulgação da homeopatia

e também de implantação da homeopatia, como disciplina em cursos de graduação e pós-graduação no âmbito dos Cursos de Medicina das Universidades Brasileiras.

Contudo, não se pode deixar de relacionar a dinâmica das relações entre aqueles dois grupos de terapeutas à dinâmica das transformações da civilização neste século.

A atual civilização continua expandindo sua tendência para dar prioridade a uma visão de mundo holista/ naturalista/ecológica. A homeopatia ressurgue nesse momento, com uma ideologia de que sua terapêutica é holista/ecológica e por não ser agressiva e procurar despertar as defesas naturais do organismo, é menos anti-natural que a Alopatia.

Assim sendo, apresenta-se a homeopatia como uma das alternativas terapêuticas de que podem dispor aqueles que adotaram esta visão de mundo holista/ecológica/naturalista.

Enquanto esta visão de mundo perdurar, é provável que a homeopatia continue crescendo dentro do "campo médico". Entretanto, pelos dados até agora colhidos, não se pode prognosticar qualquer previsão do futuro que aguarda esses dois grupos de profissionais.

Tendo em vista o modo como os homeopatas se comportam hoje em dia e sua mudança, tanto em relação a objetivos como em relação a estratégias, seria aconselhável retornar ao tema em estudo, para aprofundá-lo, pelo menos em dois níveis:

- a) Fazer um estudo histórico-social da homeopatia em Recife, contemplando desde o momento histórico de sua implantação e acompanhar a sua trajetória.

jetória até os dias atuais;

- b) Acompanhar a sua atual trajetória de legitimação científica no seio das Universidades brasileiras.

O aprofundamento do tema nas duas direções acima referidas, certamente preencheriam as lacunas existentes no nosso conhecimento sobre este tema.

6. NOTAS EXPLICATIVAS

NOTAS EXPLICATIVAS À INTRODUÇÃO

- (1) - "Medicina oficial" é aqui empregado, significando um conjunto de conhecimentos e práticas, que são utilizados para o tratamento de pessoas doentes e são reconhecidos como cientificamente válidos por aqueles que detêm o poder hegemônico no "campo médico".
- (2) - Esta "revolução vital", se deu com grande contribuição dos médicos da ideologia oficial (médicos alopatas).
- (3) - Landmann, J. (1989), afirma que a proporção de homeopatas para alopatas é de 1%, no Brasil. Em Recife, foi achada a proporção de 0,38%
- (4) - O termo "não médico", refere-se a todos aqueles agentes que não possuem diploma de médico e tratam pessoas doentes utilizando conhecimentos e práticas que não são reconhecidos como cientificamente válidos por aqueles (os médicos alopatas) que detêm a hegemonia dentro do "campo médico".
- (5) - "Medicina alopata" é um termo utilizado em oposição a "medicina homeopática". O termo alopatia que significa a cura pelo contrário, foi criado por Samuel Hahnemann, médico alemão que elaborou o sistema terapêutico homeopático. Este médico, também criou o termo homeopatia, que signifi

ca cura pelo semelhante.

- (6) - "Médicos alopatas", diz-se daqueles agentes que utilizam saber e prática reconhecidos pela "medicina oficial", ou seja, são os agentes que desfrutam da posição hegemônica no "campo médico"-

NOTAS EXPLICATIVAS AO CAPÍTULO 4

- (1) - Denominavam-se físicos os médicos que tinham uma prática que sob todos os aspectos assemelhava-se aos médicos que hoje atuam na especialidade de Clínica Médica ou Medicina Clínica, ou ainda o médico generalista, Clínico Geral.
- (2) - Eram chamados de Cirurgiões os profissionais que praticavam sangrias, esvaziamento de tumores, amputações e procedimentos similares (É claro que sem as necessárias condições de higiene e antissepsia e também sem anestesia)
- (3) - Os médicos físicos ou cirurgiões podiam pertencer a duas categorias: os que possuíam título de doutor conferido por escolas médicas (francesas e inglesas) e os que exerciam sua profissão como "licenciados" isto é, obtinham uma "carta" de autorização da Junta do Proto-Medicato (até 1808), posteriormente substituído pela Fisicatura que continuou com esta função, entre outras, de examinar a aqueles que tinham um conhecimento prático na área médica mas não haviam feito um curso e porisso não eram portadores de diploma.
- (4) - Os médicos e os não médicos.
- (5) - Até o século XIX (início), a situação é de uma quase inexistência de médicos formados, pequeno número de licenciados e persistência e aceitação de uma medicina popular que escapava ao controle do corpo médico (Machado e col., 1975, p. 191).
- (6) - As práticas terapêuticas ainda eram as mesmas herdadas do século anterior, ou seja, sangrias, purgativos, polifaru

mácia, etc. (Rocha, 1962).

- (7). - Segundo Loyola (1984 p. 170), em pesquisa por ela realizada, constatou-se que ainda hoje, na maioria das pessoas das camadas mais populares, "mais da metade das doenças que sofrem são comumente tratadas fora do sistema oficial de saúde (grupo dominante, médicos alopatas).
- (8). - Pode-se ver então, que a sociedade como um todo se torna passível de regulamentação médica, que a saúde passa a ser problema social. Dai, a necessidade de autoridades constituídas para agir no sentido de preservá-la: a polícia médica expressa a nova relação que se estabeleceu entre medicina e Estado. (Machado e col., 1978 p. 166 / 167).
- (9). - A criação desses cursos foi uma solicitação do médico pernambucano José Correia Picanço ^{Príncipe Regente} (ao ~~rei~~) D. João VI, na época da vinda da corte para o Brasil, na qualidade de médico da família real. Este médico é hoje em dia considerado o patrono da Medicina brasileira (Machado, R. 1978 e Rocha, L. 1960).
- (10). - Os cargos de maior projeção e prestígio que podia um médico exercer eram o de físico-mor e o de cirurgião- mor do reino, cargos esses, hoje correspondendo, guardadas as devidas proporções, ao de Ministro da Saúde.
- (11). - As câmaras, com a extensão da Fisicatura foram encarregadas de dar conta das funções por esta exercida.
- (12). - Grifo da autora da dissertação.
- (13). - Benoit Mure, de nacionalidade francesa, tendo sido cura

do por Hahnemann, de tuberculose, ingressou na Escola Médica de Montpellier para obter o título de médico e assim poder dedicar-se à homeopatia. Este homeopata, chega ao Brasil em 1840 com o objetivo de fundar um "falangterio" (Mure era socialista utópico) em Sahi, em cuja empreitada fracassou. Nesse mesmo ano, volta ao Rio de Janeiro e inicia uma campanha para implantar a homeopatia no Brasil. Líder da propagação da homeopatia no Brasil foi perseguido não só por esta posição de liderança como também por ser partidário do socialismo utópico. Os médicos alopatas, por conta do corporativismo médico já então muito forte, naquela época, posicionaram-se politicamente, frontalmente contrários aos ideais fourieristas (Fourier foi um teórico francês que elaborou doutrinas sociais utópicas, como parte de um movimento de caráter social desencadeado na França pré-revolucionária. Esses teóricos franceses, principalmente Saint Simom, Fourier e Prudhom, deram nascimento a correntes políticas e fundaram a ciência social). Por outro lado Benoit Mure e Vicente Martins eram francamente anti corporativistas pois para eles o saber (homeopático ou não) deveria ser totalmente livre, para todos que o desejassem. Além do mais, o ideal fourierista de Mure e Vicente Martins (socialismo utópico) os envolvia numa aura de subversão e por extensão, à sua ciência que, faziam questão de frisar, tinha por principal objetivo ajudar o povo, as classes mais desfavorecidas, isto sem falar no fato de não quererem para si o monopólio do poder homeopático, estendendo-o a quaisquer pessoas.

(14). - As câmaras substituíram a Fisicatura mas,

"... a extinção da Fisicatura é vista pelos médicos como uma medida ambígua. Por um lado a Fisicatura , recém abolida, representava um tipo de poder médico não defendido pelos médicos brasileiros por expressar o domínio português o qual procurou bloquear o desenvolvimento da medicina no Brasil. Sua destruição significa a quebra, ao nível de medicina, de um estado de arbitrariedade. A Fisicatura é ineficiente e merece, por isso ser destruída. Mas, por outro lado, ela representa um poder especificamente médico que legisla, executa e julga os infratores. Sua destruição deixa desamparada a classe médica que não mais dispõe de um órgão supremo de direção encarregado não só de controlar internamente o exercício da profissão, como também a higiene pública. As câmaras municipais terem assumido as atribuições da Fisicatura é, nesse sentido, interpretado pelos médicos como uma usurpação de poder" (Machado, R. e col.p. 218.)

(15) - O movimento homeopático contou no período com duas publicações: " A ciência " (1847 - 1848) e "O médico popular" (1851).

(16) - Na segunda metade do século XIX foram empreendidas várias tentativas para criar uma escola de medicina, que não obtiveram êxito (Freitas, O. 1943 e Rocha, L.1960).

(17) - Órgão que veio exercer a função fiscalizadora da profissão médica e da higiene pública a nível provincial, em

substituição às câmaras, o qual era presidido por um médico.

- (18) - Afirmavam os médicos (tanto alopatas como homeopatas) que as doenças eram causadas por "miasmas") termo um tanto vago.
- (19) - Estava ainda sob o império de uma ciência ainda especulativa, a filosofia positivista ainda não havia assumido uma posição hegemônica no domínio das ciências da natureza.
- (20) - Espiritualista ~~por~~ oposição a materialista e não no sentido de "espírita" ou "espiritista" como são denominados os seguidores de Alan Kardec. No caso dos homeopatas, Hahnemann, o idealizador da Homeopatia, sofreu a influência de um tipo de racionalismo não materialista (idealismo alemão ainda predominante nos meios intelectuais alemães pois o positivismo, nascido no século XIX só dominaria as ciências no século seguinte.
- (21) - Nesse sentido, Hahnemann se antecipou muito ao método que hoje define a cientificidade de qualquer estudo na área das ciências biológicas, só que o método utilizado pela homeopatia naquela época guardava uma grande diferença para com o que hoje usa a farmacologia clínica: a homeopatia experimenta o medicamento no homem são ou "aparentemente" são como quer Dantas (1987), de preferência em si mesmo ou pessoa de sua família e a farmacologia clínica experimenta em animais ou homens doentes.
- (22) - Podem ser considerados nessa preferência tanto os motivos de natureza econômica (população pobre, carente) visto que os curandeiros ou benzedadeiras não cobravam consultas nem

prescreviam medicamentos caros. Utilizavam nervasfáceis de serem encotradas e, na maioria das vezes, cultivadas pelos próprios doentes ou pelos curandeiros. Quanto aos motivos de natureza cultural é que a população durante longos anos abandonada na colônia, estava acostumada a recorrer aos conhecimentos da medicina indígena ou africana e à sabedoria popular.

- (23) - A Academia Pernambucana de Medicina jamais aceitou nos seus quadros nenhum médico homeopata.
- (24) - Este médico, foi o primeiro médico radicado em Recife a praticar a homeopatia. Foi por duas vezes eleito deputado à assembléia provincial, onde apresertou projeto para a criação de uma cadeira de homeopatia para o Ginasio Pernambucano (rejeitado). Escreveu livros e discursos em favor da homeopatia, tendo sido homem ilustre, no seu tempo teve diversos descendentes seus, cultores da Homeopatia e que durante gerações foram os donos da Farmácia homeopática Sabino Pinho, na Rua das Águas Verdes que ainda se encotra nas mesmas instalações e endereço desde a sua fundação. Nela são preparados os produtos homeopáticos Sabino Pinho cujo logotipo, os herdeiros, "hã médicos", conservam até hoje.
- (25) - Rocha, L. (1962), e Freitas, O. (1943), ambos médicos , que escreveram sobre fatos da medicina que não lhes foram contemporâneos, deixaram transparecer em seus escritos simpatia (Rocha) ou antipatia (Freitas) pelos homeopatas quando a eles se referiam.
- (26) - Aqui, Rocha utiliza o termo "ortodoxo" como qualificativo; do médico alopata.

- (27) - A publicação de tais cartas de agradecimento ainda hoje é considerada pelos Conselhos como prática anti-ética . Sendo considerada como meio de propaganda de muito mal gosto, condenado, pelos códigos de Ética de Médicos e Dentistas .
- (28) - O padre carapuceiro era assim chamado por possuir um jornal de crítica aos costumes locais onde escrevia, criando verdadeiras carapuças para algumas personalidades do lugar que tivessem adotado conduta pouco condizente com os costumes e a moral cristãos. (Valente, V., 1969)
- (29) - "Jan Bicherto", refere-se a João Vicente Martins, o líder homeopata, médico cirurgião português pertencente ao grupo de Benoit Mure e que dedicou-se a implantação da homeopatia no Rio de Janeiro e depois na Bahia e principalmente em Recife. Charlatanismo medical, refere-se à homeopatia.
- (30) - Provavelmente quase todos, os homeopatas devem ter se envolvido na parfletagem propagandística, entretanto, os que mais apareceram como autores foram os líderes locais: João Vicente Martins e Sabino Olegário Ludgero Pinho.
- (31) - Existe ainda atuando em Recife, um homeopata não médico, de 89 anos que há quase cinquenta anos atende doentes utilizando o saber homeopático. Não pode ser esquecido também que em farmácias como a "Sabino Pinho" além de serem fornecidos medicamentos homeopáticos, uma clientela que não tem acesso aos consultórios particulares dos médicos homeopatas que atuam na cidade, procuram e rece

bem orientação sobre a utilização de medicamentos homeopáticos "específicos". Esses medicamentos específicos seguem uma linha mais aproximada daquele da alopatia porque tem por objetivo eliminar certos sintomas incômodos para os pacientes. (dor, febre, prisão de ventre, diarreia, dor de garganta, etc.).

- (32). - Surgiram na década de sessenta, alguns livros, verdadeiros libelos contra a medicina, muito polêmicos mas que por isso mesmo obtiveram muito sucesso como é o caso do livro "A expropriação da Saúde - Nêmesis da medicina", de autoria de Ivan Ibich. (1975) Landmann, J.E. durante a década de oitenta publicou vários livros seguindo uma linha semelhante (O. cit.).
- (33). - A autora discorda em parte desse posicionamento de Landmann, visto que a revolução tecnológica é que tornou possível a grande evolução na área cirúrgica e seu consequente sucesso, fazendo a medicina entrar na era dos transplantes de órgãos e tecidos, embora, seja ela (a revolução tecnológica) também responsável por consequências danosas para os pacientes no ramo da farmacologia clínica como também pela utilização excessiva da tecnologia onde os exames ditos complementares passaram a ter mais importância para o profissional que o exame clínico, deteriorando a relação médico-paciente.
- (34). - Nos meios rurais, principalmente os mais afastados dos centros urbanos mais desenvolvidos, a falta de médicos alopatas (que geralmente se concentram nas cidades e capitais mais desenvolvidos), ao longo do tempo, tem deixado

ampla margem de atuação para os terapeutas não médicos. Alguns médicos chegaram a referir o fato como um "mal necessário". Loyola, Leblond, M.A. (1984), refere a persistência dessa preferência mesmo em cidades periféricas onde os terapeutas não médicos convivem com os serviços médicos de previdência e os consultórios particulares em relativo equilíbrio.

- (35) - Legitimidade nesse caso, envolve: permissão dos órgãos fiscalizadores da prática médica para exercer a homeopatia, oficialização das escolas de ensino da homeopatia, e, ser aceito nas academias de medicina. Ter legitimidade significa, portanto, ~~(passar do polo dominado portanto)~~ passar do polo dominado para o polo dominante, isto é, ascender ao grupo hegemônico.
- (36) - É chamado de "fato homeopático", o fenômeno da cura ocorrida em tratamentos com medicamento homeopático, apesar de os que o prescrevem (os homeopatas) não poderem explicar o modo como atuam esses medicamentos.
- (37) - "Escola clássica" é como alguns homeopatas se referem a medicina alopata.
- (38) - Leia-se ciência médica atual.
- (39) - Por suas diluições sucessivas a tintura mãe não é mais encontrada no diluente em quantidades ponderáveis.
- (40) - Que não se vê, não se detecta com nenhum instrumento mas se manifesta no seu desequilíbrio através dos sintomas das doenças.
- (41) - Dartas, F. (Op. cit.) um dos porta-vozes do grupo "não radical", professor de Ética Médica e de Homeopatia do Departamento

mento de Clínica Médica do curso de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, considera que a homeopatia não deve desprezar os conhecimentos médicos alopáticos adquiridos na sua formação, mas integrá-lo na sua prática homeopática onde o profissional não deve estar voltado apenas para o doente, mas, também, para a sua doença. Este médico, dividiu a categoria profissional dos homeopatas em dois tipos, dos quais traçou um perfil e que aqui estão representados pelos grupos "A" e "B", como segue:

GRUPO A - Concepções

- A homeopatia é APENAS UMA entre as diversas terapêuticas médicas.

- Os conceitos fundamentais da homeopatia devem ser constantemente discutidos e integrados ao conhecimento médico mais atualizado.

- Os resultados terapêuticos há homeopatia devem ser permanentemente avaliados e controlados pela aplicação criteriosa e competente do método científico.

- A homeopatia dispõe de escassas evidências experimentais CONFIÁVEIS que confirmam e dão segurança/apoio legal ao médico para exercê-la com CONSCIÊNCIA como método terapêutico EXCLUSIVO em determinados processos patológicos.

- Pode-se ajudar um doente eliminando um agente agressor ou neutralizando os seus efeitos E/OU aumentando a capacidade de resistência natural da pessoa.

GRUPO A - Comportamentos

- Uso da linguagem médica atual.
- EXPLICAR a doença e COMPREENDER o doente.
- Abordagem integrada e CRÍTICA da teoria e prática homeopática.
- Inserção da homeopatia no contexto da medicina atual submetendo-a as diretrizes do método científico - ABERTURA CRÍTICA E CRIATIVA a outras terapêuticas médicas ou a esquemas terapêuticos alternativos dentro da homeopatia.

Discussão da homeopatia a partir de INFORMAÇÕES VÁLIDAS, TESTÁVEIS E CONFIÁVEIS, desviando-se de subjetivismos desnecessários - CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA.

- INTEGRAÇÃO do conhecimento homeopático aos avanços do conhecimento médico, notadamente nas áreas de etiologia, fisiopatologia e terapêutica - Comparação dos resultados terapêuticos a curto, médio e longo prazos.

GRUPO B - Concepções

- A homeopatia é a verdadeira medicina, o único método terapêutico válido.
- Os conceitos fundamentais da homeopatia não admitem discussão, pois estão embasados por procedimentos científicos.
- A ação terapêutica da homeopatia já está SUFICIENTEMENTE PROVADA, independente de estudos clínicos controlados e do processo patológico a ser tratado.

- As doenças traduzem alterações na ENERGIA VITAL do ser vivo, cujas causas internas não podem ser conhecidas, problemas de saúde diferentes num mesmo indivíduo sempre constituem a expressão de um único desequilíbrio.

- Para ajudar um doente, através de uma terapêutica medicamentosa, é SUFICIENTE aumentar a capacidade de resistência natural da pessoa com o uso EXCLUSIVO de medicamentos homeopáticos.

GRUPO B - Comportamentos

- Uso de uma linguagem médica HERMÉTICA, compreensível e aceita apenas no contexto da inteligência homeopática.

- Compreender o doente.

- Ênfase em filosofia/"DOCTRINA" homeopática.

- Fechamento DOGMÁTICO a outras abordagens terapêuticas médicas ou possíveis modelos alternativos de prescrição homeopática - COMPORTAMENTO PADRÃO: uma terapêutica + remédio + dose única.

- ENDEUSAMENTO do Hahnemann e "IDOLATRIA" de alguns profetas e "maestros" - argumentos FALACIOSOS.

- Relegação a planos secundários dos conhecimentos médicos concernente a etiopatogenia, patologia, fisiologia, fisiopatologia, semiologia e terapêutica - SÍNDROME DA MIOPIA MÉDICA.

Tudo isto se resumiria em que cada um desses dois grupos, teria uma concepção do que é o médico homeopata,

que resultaria naquelas concepções e comportamentos, ou seja, para o Grupo A,

"Médico homeopata é aquele que acrescenta ao seu conhecimento de medicina um conhecimento especial de terapêutica homeopática e cumpre a lei dos semelhantes" (concepção "American Institute of Homeopathy")⁽⁴²⁾

E o grupo B conceberia que:

"Médico homeopata é aquele que prescreve o remédio único em uma dose mínima sob forma dinamizada, selecionado de acordo com a lei dos semelhantes"⁽⁴³⁾.

A diferença fundamental entre os dois conceitos é que o 2º (o do grupo B) é exclusivista, tanto com relação à terapêutica homeopática quanto à utilização da modalidade "unicista".

- (42) - Modalidade unicista refere-se à corrente de terapêutica homeopática que só prescreve um medicamento homeopático, em uma única dose.
- (43) - Isto é, aqueles que admitem outros sistemas terapêuticos tanto homeopáticos como alopáticos, ou, ainda, fitoterapêuticos, entre outros.
- (44) - Dantas, F., in Gazeta Homeopática, no seu artigo: Reflexões Sistêmicas sobre a definição de médico homeopata, analisa aquela definição abordando-a dentro da "Teoria Geral dos Sistemas", considera a homeopatia como um dos sub-

sistemas do sistema médico global.

- (45). - Empírico aqui, tem uma conotação de "algo sem base experimental, algo de natureza especulativa".
- (46). - Os que adotam esse sistema terapêutico (a homeopatia) e ram, no século passado, considerados "convertidos" suas verdades científicas ainda hoje são por alguns homeopatas, consideradas imutáveis (como o são os dogmas religiosos) e inquestionáveis.
- (47). - Este problema é muito bem analisado por Hésio Cordeiro (1982).
- (48). - Ao longo desses 140 anos a homeopatia tem sido objeto de interdições por iniciativas oficiais ou não, mas sempre por solicitação de médicos alopatas, haja vista que durante esses anos teve como membros proeminentes, alguns militares de alta patente. Muito antes de ser reconhecida pelo CFM como especialidade, em 1972, já fazia parte do rol das especialidades médicas do Serviço de Saúde da Força Aérea Brasileira (FAB) conforme a Norma Técnica de nº 01/72, publicada no Bol. Int. nº 105 de 7.6.72 de DIRSA: Inexplicavelmente, em 1981, no Bol. Interno nº 138 de 05.08.81 a especialidade de homeopatia fora retirada daquela relação, um ano após ter sido acatada como especialidade pelo CFM. Atualmente, mediante os esforços do Maj. médico Victor Ronaldo de Souza Costa voltou, em 1986, pela Norma Técnica nº 1/86 publicada no Bol. Ext. nº 31 de 30.07.86 da DIRSA que alterava a relação dos especialidades médicas do Serviço de Saúde da Aeronáutica e acrescentava a Homeopatia (Costa, V., 1990).

ANEXO Nº 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA

01. Como foi feita a escolha da profissão?
02. Como foi feita a escolha da especialidade?
03. Onde trabalha?
04. Como faz sua reciclagem?
05. De que entidades associativas faz parte?
06. Desenvolve algum trabalho de pesquisa?
07. Tem algum trabalho publicado?
08. Dê um conceito para doença, doente, saúde, cura, tratamento, remédio, medicamento.
09. Como vê a medicina de uma forma global, atualmente?
10. Aceita como válidas, outras modalidades terapêuticas?
11. Quais?
12. Como acha que evoluirá a medicina alopata?
13. Como acha que evoluirá a medicina homeopática?
14. O que é a pessoa, como está constituída?
15. E a questão ecológica, como pode o desequilíbrio da natureza agir sobre o indivíduo no que diz respeito à sua saúde?
16. O que é ser médico?

Recife, 3 de maio de 1990.

Ilmo. Sr.

Prezado Senhor,

Estando elaborando dissertação para ser apresentada ao Mestrado em Antropologia (Linha de Pesquisa - Antropologia da Saúde), sobre o tema "Homeopatia x Alopatria" (Os Caminhos da Legitimação), necessito, para complementação de dados, de informação quanto à existência ou não do ensino da Homeopatia no currículo de graduação do Curso Médico ministrado pela Instituição dirigida por V.Sa..

Tendo em vista o que foi exposto, solicito o empenho de V.Sa. no sentido de nos informar se conhecimentos sobre Homeopatia estão incluídos ou não no currículo do Curso de Medicina de sua Universidade. Qualquer informação referente à questão acima será muito importante para a pesquisa que estou empreendendo.

Esclareço que faço esta solicitação na qualidade de docente do Departamento de Medicina Social do Centro de Ciências de Saúde da Universidade Federal de Pernambuco e encareço os préstimos de V.Sa. no sentido de que a informação solicitada seja enviada com a maior urgência, o que será da maior importância para que o trabalho de dissertação não sofra solução de continuidade.

Certa de sua atenção, desde já agradeço e coloco-me ao inteiro dispor de V.Sa.

Saudações Universitárias

Josélia Barbosa de Oliveira

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, N.R. de - Normas Legais e Éticas para os Profissionais da Medicina. São Paulo, Ed. LTR, 1984
- ANDRADE, Gilberto Osório de - Mourão, Rosa e Pimenta - Notícias dos três primeiros escritos em vernáculo sobre a Medicina no Brasil - Estudo Crítico. Introdução Histórica, interpretações e notas de Eustáquio Duarte. Prefácio de Gilberto Freire, Recife, Arquivo Público Estadual, 1956
- BANNERMAN, R. H. e col. - Medicine Traditionalls et Couverture de Soins de Santé - Organization Mondiale de la Santé. Geneve, 1983
- BARBOSA, R. F. - Medicina de Grupo. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967.
- BARCHIFONTAINE C. e col.- Bioética e Saúde. São Paulo, Ed. do Instituto Camiliano, 1987, 294 p.
- BAROLLO, Célia Regina - Aos que se tratam pela Homeopatia. São Paulo. Typus Editora, 1981.
- BARROS, José - Estado actual de la Medicina Homeopática in Rev. de la. Facultad de Medicina - Caracas, 10(3):131-7, 1987.
- BERTAUX, D. - Destinos Pessoais e Estrutura de Classe - Para uma Crítica de Antroponomia Política. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- BIOLCHINI, Jorge - As Práticas homeopáticas in Ciência Hoje 7(30):60-61, jan/fev. 1989.

BOINET, E. - Las Doutrines Médicales - Leur Evolution, Paris, Ernest Flammarion, Editeur, 1907.

BOLTANSKI, Luc - As classes Sociais e o Corpo. 3a. Ed. Tradução de Regina A. Machado. Org. do Texto de Maria Andréa Loyola Leblond e Regina A. Machado. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1989.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J. C. - A reprodução - Elementos para uma teoria do Sistema de Ensino. Tradução de Reynaldo Bairão, Revisão de Pedro Benjamim Garcia e Ana Maria Baeta, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S/A. 1975.

BOURDIEU, P. - A Economia das Trocas Simbólicas. 2a. ed. Introdução e Seleção de Sérgio Miceli. São Paulo, Ed. Perspectiva S/A. 1987

_____ Sociologia - Coletânea de Textos organizada e selecionada por Renato Ortiz. Tradução de Paula Morteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo, Ática, 1983.

BRUYNE, P. e col. 3a. ed. - Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: Os Polos da Prática Metodológica - Tradução de Ruth Joffily. Prefácio de Jean Ladriere. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, S/D.

CAMARGO, M. T. L.A. - Medicina Popular. São Paulo, ALMED, 1985.

CAPRA, Fritjof - O Porto de Mutação - Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Ed. Cultrix. 1990. 10a. ed.

CARLINI, S. A. - A Responsabilidade Médica nos ensaios clínicos de medicamentos antes de seu lançamento no mercado. in Revista Brasileira de Educação Médica. 4:3-8, 1980.

_____ Uma abordagem científica da Homeopatia in Ciên

cia Hoje. 7(39):52-59, jan/fev. 1988.

_____ Homeopatia: Orem, Hoje e Amanhã. in Rev. da Associação Médica Brasileira. 29(11/12), 1983.

CARNEIRO, H. - A Polêmica do Século - Homeopatia vs. Alopática - A Água tem Memória? in Manchete, Rio, nº 1896, 20.8.1988.

CHALOUT, Yves - Estado, Acumulação e Colonialismo Interno-Contradições Nordeste/Sudeste, 1960-1977, Petrópolis, Ed. Vozes, 1978, 150 p.

CLAVREUIL, Jean - A Ordem Médica - Poder e Impotência do Discurso Médico. Tradução do original francês. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

CORDEIRO, H.A. - As transformações da Prática Médica: A Medicina de Grupo no Rio de Janeiro. in Revista Brasileira de Educação Médica. 3:153-161, set./dez.1982.

CORRADO, Alexandre - Estudo Crítico da Homeopatia como Nova Ciência, in Ciência e Cultura. 37(9): 1479-1491, 1989.

COSTA, R. - Homeopatia: Uma Realidade no S.S. da Aeronáutica (Contribuição à História da Homeopatia na FAB) in Revista Médica da Aeronáutica do Brasil - Publicação Técnico Científica da Diretoria de Saúde da Aeronáutica vol. 40, nº 1, jan/jun. 1990.

COSTA, U. R. S. - Homeopatia - Algumas Considerações e Propostas in H. F. A. Public. Tec. Cient. Brasília 1(1):81-84, 1986

DANTAS, Flávio - Reflexões sistêmicas sobre a definição de médico homeopata in Gazeta Homeopática. Jul/ago/set/1986, vol. 1, no. 1.

-
- O que é Homeopatia. Coleção 1a. passos. 4a. ed.
São Paulo, Brasiliense, 1989.
- DERMARQUE, Denis - Homeopatia - Medicina de Base Experimental
Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica. Editora Ltda. 1973.
- DUARTE, L. F.D. - Da Vida Nervosa das Classes Trabalhadoras Urbanas. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1988.
- EIZAYACA, Francisco Xavier - Campo de Acción y Limitaciones da Homeopatia in Ciência e Cultura. 37(9):1452-1458, set. 1985.
- FALEIROS, V.P. - A Política Social do Estado Capitalista - As Funções da Previdência Social. São Paulo, Ed. Cortez, 1980.
- FERRZA-MELLO, Sylvio - A Memória da água in Ciência e Cultura. 41(11):1045-1050, nov. 1989.
- FOUCAULT, M. - O Nascimento da Clínica - 2 ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1986.
- FREITAS, Octávio de - História da Faculdade de Medicina do Recife (1895-1943), Recife, Imprensa Oficial, 1944.
-
- Medicina e Costumes do Recife Artigo. Recife, Imprensa Industrial, 1943.
- GADAMER, A. G. - Teoria, Técnica e Prática - A tarefa de uma nova antropologia in Gadamer G. Vogler - Nova Antropologia, v. 2 - EDUSP - São Paulo, 1977.
- GONZALES, Maria Helena Miguel & Talline, Regina Maria - Homeopatia na Ilha de São Vicente in Pesquisa Homeopática (3) : 48-27, 1987.
- GOOD, W. Y. e Hatt, P.K. - Métodos em Pesquisa Social 3a. ed. São Paulo, Companhia Ed. Nacional, 1969

- GUIMARÃES, Reinaldo (Org.) - Saúde e Medicina no Brasil. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1984, 4a. ed.
- HAERING, B. Medicina e Manipulação-O Problema Moral da Manipulação clínica, comportamental e Genética. (Trad. Honório Dalbosco) São Paulo, Ed. Paulinas, 1977.
- HAGUETTE, T. Maria Frota - Metodologia Qualitativa na Sociologia, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1987.
- HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL - Subsídios - Pernambuco - Homenagens do Instituto Hahnemaniano do Brasil ao Dr. Sabino Olegário L. Pinho, introdutor da Homeopatia no Norte do País, 1973.
- ILICH, Ivan - A expropriação da Saúde - Nêmesis da Medicina. 4a. ed. Tradução de José Kisinski de Cavalcanti, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1975.
- KOSSAK-ROMANACH, Anna - Homeopatia em 1000 conceitos. São Paulo, ELCID, 1984.
- KUHN, Thomas S. - A Estrutura das Revoluções Científicas, São Paulo, Ed. Perspectiva S.A. 1975.
- LANDMANN, J. - Tendência da Assistência Médica: in Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Educação Médica, v.III (1):51-60, jan/abr. 1979.
- _____ Evitando a Saúde e Promovendo a Doença, 4a. ed. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1982.
- _____ Medicina não é Saúde. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- _____ A Outra Face da Medicina. Rio de Janeiro, 8a. Salamandra, 1984.

_____ Ética Médica sem Máscara. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1985.

_____ As Medicinas Alternativas: Mito, Embuste ou Ciência? E. Guanabara, 1989.

LANDY, D. - Culture, Disease and Healing - Studies in Medical Antropology. EUA, Mac Millan Publishing Co., Inc., 1977.

LAPLANTINE, F. e Rabeyron, P.L. - Medicinas Paralelas. Tradução de Ramón Américo Vasquez, São Paulo, Brasiliense, 1989.

LEITE, Evaldo Martins - O Vitalismo: Acupuntura e Homeopatia. in Ciência e Cultura, 37(9):1477-1479, nov. 1989.

LEON C. AUGUSTO - Ética en Medicina. Buenos Ayres, Editora Científico Médica, 1973

LEPARGNEUR, H, e SANTOS, Beni dos - Moral e Medicina. vol. 2 Aprofundamentos. Rio de Janeiro, Hachette, São Paulo, Edições Loyola, 1976.

. LOYOLA LEBLOND, M. A. - Médicos e Curandeiros - Conflito Social e Saúde. São Paulo, DIFEL, 1984.

LUZ, Madel Terezinha (Org). Textos de Apoio - A Questão da Homeopatia. Rio de Janeiro - Publicações do Programa de Educação continuada da Escola Nacional de Saúde Pública e pela ABRASCO, com recursos doados pela W. K. Foudation, la. ed. 1987.

_____ A Implantação da Homeopatia no Brasil in Ciência Hoje. 7(39):62-63, jan./fev. 1988.

_____ Relações Médico Paciente in Textos de Apoio - A Questão da Homeopatia, FEC/ENSP, ABRASCO, la. ed. Rio de Janeiro, 1987.

_____ História Política Institucional da Homeopatia do Brasil: A Implantação (1840-1859) Texto Mimeografado e produzido a partir de um trecho do 2o. Relatório Técnico da Pesquisa do Projeto "Homeopatia, uma forma de atenção médica alternativa?", 1987.

LUZ, Madel Terezinha e col. - Medicina e Ordem Política Brasileira: políticas e Instituições de Saúde (1850-1930) Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1982.

_____ Instituições Médicas no Brasil - Instituição e Estratégia da Hegemonia, Rio de Janeiro, Graal, 2a. ed. 1986.

_____ Natural, Racional, Social - Razão Médica e Racionalidade Científica Moderna. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1988.

MACHADO, Roberto e col. - Danação da Norma: A Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1978.

MANHEIM, Karl - Ideologia e Utopia - Introdução à Sociologia do conhecimento: Prefácio de Louis Wirth. Tradução de Emílio Williams, 3a. ed. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1954.

MARTINS, Cyro e col. - Perspectivas da Relação Médico-Paciente. 2a. ed. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1981

MOREIRA, A. A. - Teoria e Prática da Relação Médico-Paciente 2a. ed. B. Horizonte, Ed. Interlivros, 1979.

NOVAES, Ricardo Lafetá - O tempo e a Ordem sobre a Homeopatia, São Paulo: Cortez, 1989

PICCINE, Vera Regina - Homeopatia: Terapêutica Individualizada. in Revista AMRIGS: Porto Alegre, 29(3) 270:273 jul./set. 1985.

REZENDE, A.L.M. - Saúde - Dialética do Pensar e do Fazer.
São Paulo, Cortez, 1986

REZENDIZ, Josefina Sánchez - Homeopatia Y Investigación in Ciência e Cultura 37(9) : 1466 - 1468, set. 1985.

ROCHA, Leduar de Assis - História da Medicina em Pernambuco - (Século XVI; XVII e XVIII) 1o. vol., Recife, Arquivo Público Estadual, 1962.

_____ História da Medicina em Pernambuco (Século XIX) 2o. vol. Arquivo Público Estadual, Recife, 1962.

_____ Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco.
Recife, Editora Universitária da UFPE. 1975.

_____ Médicos, Cirurgiões e Boticas - Retrospectiva Histórica do Brasil em Geral e de Pernambuco em Particular. Prefácio de Gilberto Freire, Recife, Livraria Universal, 1941.

ROSNEY, Joel de - Biologia, Poder e Responsabilidade. in Diógenes, (5):93-104, jul/dez. 1983.

SARINHO, Clovis Travassos - Faculdade de Medicina do Brasil (As dez mais antigas) Resumo Histórico, Natal, Ed. Nordeste Gráfica, 1989.

SCOTT, R. P. (org.) - Sistemas de Cura: As Alternativas do Povo. Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1986

- SELLTIZ e col. - Métodos e Pesquisas nas Relações Sociais. Ed. rev. a nova tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo, EPU-Ed. da Universidade de São Paulo, 5a. reimpressão 1975, 2 vol.
- SENISE, N. - Medicina e Impunidade. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- SINGER, Paul e col. - Prevenir e Curar - O controle Social Através dos Serviços de Saúde. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978.
- THIOLENT, Michel (org.) - Crítica Metodológica, Investigação e Enquete Operária, 5a. ed. São Paulo, Ed. Polis, 1987
- VALENTE, V. - O Padre Carapuceiro - Crítica aos Costumes na Primeira Metade do Século XIX. Dep. de Cultura da SEEC, Recife, 1969.
- VELIMIROVIC, Boris (org.) - La Medicina Moderna Y la Población Fronteriza Mexicano - estadounidense. OPS/OMS, EUA, 1978.
- VERVLOET, Alfredo Eugênio - O Vitalismo em Homeopatia - do Vitalismo de Barthez e Hahnemann ao Nervismo de Pavlov, in Ciência e Cultura, 37 (9):1474-1476, set. 1985.
- VITHOULKAS, G. & Guineberg, Colette - A Homeopatia - Origens e Futuro de uma Nova Medicina. Tradução de Tati Moraes, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

Doação/Be. PIV

Cn. R. 150000

10/91

R\$ 30,00

Oliveira, Joselia Barbosa de

Homeopatia x alopatria confront
o e legitimação

39/048h/PT

(2129/91)

39

048h

PT